

ARTUR VAZ-OSÓRIO DA NÓBREGA

PEDRAS DE ARMAS
E ARMAS TUMULARES
DO DISTRITO DE BRAGA

Vol. VII

CIDADE DE GUIMARÃES

Tomo III



ASSEMBLEIA DISTRITAL DE BRAGA

1987

EX-LIBRIS:

154

PEDRAS DE ARMAS
E ARMAS TUMULARES
DO DISTRITO DE BRAGA

PEDRAS DE ARMAS E ARMAS TUMULARES DO DISTRITO DE BRAGA

Publicou-se:

- Vol. I — Cidade de Braga. Tomo I (1970) e tomo II (1971). Esgotados.
- Vol. II — Concelho de Braga (freguesias rurais) (1972) (esgotado). 2.^a ed. (1980).
- Vol. III — Concelhos de Terras de Bouro e Amares (1973). Esgotado.
- Vol. IV — Concelhos de Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso (1974). Esgotado.
- Vol. V — Cidade de Barcelos e freguesias rurais do seu Concelho (Aquém-Cávado) (1975). Esgotado.
- Vol. VI — Concelhos de Barcelos (Além-Cávado) e Esposende (1977). Esgotado.
- Vol. VII — Cidade de Guimarães. Tomo I (1981) (esgotado), tomo II (1985) e tomo III (1987).

Em preparação:

- Vol. VII — Cidade de Guimarães. Tomo IV.
- Vol. VIII — Concelho de Guimarães (freguesias rurais).
- Suplemento ao tomo I do vol. I (revisão, considerações e aditamentos).

ARTUR VAZ-OSÓRIO DA NÓBREGA

Do Instituto Português de Heráldica

PEDRAS DE ARMAS E ARMAS TUMULARES DO DISTRITO DE BRAGA

Vol. VII

CIDADE DE GUIMARÃES

Tomo III

Quinta do Selho de Riba (págs. 460 a 464) e Casa da Aveleira (págs. 485 a 497), pela Genealogista D. Maria Adelaide Pereira de Moraes, e Os Figueiras (págs. 466 a 482), pelo Genealogista Dr. Domingos de Araújo Affonso.



ASSEMBLEIA DISTRITAL DE BRAGA
1987



Fotografias de

FOTO-STÚDIO (Braga)

FOTO BELEZA (Guimarães) — os n.ºs 108 e 130

PEDRAS DE ARMAS
E
ARMAS TUMULARES

Localização:

- Largo de João Franco (antigo Largo da Misericórdia).
- Casa dos Carvalhos ⁽⁴⁵⁴⁾. Portão.

Material: granito.

Época: século dezasseis (segundo quartel).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo ligeiramente boleado de bico, com chefe de linhas côncavas. Elmo de frente, com paquife e virol.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

CARVALHO

(1)

(1) São as armas dos Carvalhos: *uma estrela de oito pontas, encerrada numa caderna de crescentes*. Na pedra de armas a caderna de crescentes está posta em aspa e a estrela tem cinco pontas. Convém observar: que os Carvalhos vimaranenses usaram nas suas armas, quase sempre, encerrada na caderna de crescentes, uma estrela de cinco pontas e não de oito; — talvez influenciados por esta pedra de armas, mandada esculpir pelo Dr. Gaspar de Carvalho no segundo quartel do século dezasseis, o qual reduziu, creio que não intencionalmente, o número de pontas da estrela?

⁽⁴⁵⁴⁾ Conhecida por CASA DOS MOTAS PREGOS.

*
* *
*

DR. GASPAR DE CARVALHO. — Foi senhor dos Coutos de Abadim e Negrelos ⁽⁴⁵⁵⁾ (em que sucedeu a seu tio o Dr. Diogo Lopes de Carvalho, que havia comprado estes coutos, moço fidalgo da Casa Real, do Conselho de el-Rei, desembargador do Paço, e que tinha instituído um morgado de todos os seus bens, sendo cabeças o altar de Santo António na Igreja de S. Francisco, em Guimarães, e a casa na Rua da Cadeia ⁽⁴⁵⁶⁾, tendo deixado por herdeiro seu sobrinho), — filho de Gonçalo Dias de Abreu (Gonçalo Dias Patagana) e de sua mulher, Brites Lopes de Carvalho, quinta neta de Rui Lourenço Carvalho, o Velho, senhor da Honra do Carvalho (Carvalho-Celorigo de Basto), e de sua mulher, Inês Afonso Ribeiro. Foi fidalgo da Casa Real, chanceler-mor do Reino, embaixador a Castela (acompanhando a Infanta D. Maria, filha de D. João III e primeira mulher de Filipe II de Espanha, quando ainda era príncipe (casados em 1543)), testamenteiro de D. João III, etc., e o construtor da Casa de sua família em Guimarães (Casa dos Carvalhos) ⁽⁴⁵⁷⁾. Casou duas vezes, a primeira com *D. Maria de Aguiar*, c. g., e a segunda com *D. Ana de Fontes*, c. g. ⁽⁴⁵⁸⁾. Do segundo casamento é décima neta D. Maria José da Mota Prego Cunha Pereira Leite, que segue.

1 — D. MARIA JOSÉ DA MOTA PREGO CUNHA. Nasceu em Guimarães, na freguesia de Nossa Senhora da Oliveira, na Casa dos Motas Pregos (Casa dos Carvalhos), a 21 de Julho de 1908. Filha de Raúl Alves da Cunha, juiz conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, e de sua mulher, D. Maria Antónia Coelho da Mota Prego,

⁽⁴⁵⁵⁾ A freguesia de Abadim fica no concelho de Cabeceiras de Basto e a de Negrelos (S. Mamede) no de Santo Tirso.

⁽⁴⁵⁶⁾ Rua que desapareceu mais tarde, sendo o seu espaço integrado no Largo da Misericórdia.

⁽⁴⁵⁷⁾ Cf. *Velhas Casas, IV (Creixomil-Guimarães)*, — *Quinta do Paço*, por Maria Adelaide Pereira de Moraes («Boletim de Trabalhos Históricos», do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães, vol. XXVII (1967-1974), pág. 52 (nota 14)), e as informações pessoais da Ilustre Genealogista. In *Guimarães, — apontamentos para a sua historia*, pelo P.^e António José Ferreira Caldas, vol. I (1881), lê-se na pág. 284 que «este edificou com soberbas madeiras d'ebano, que lhe offereceu o monarcha [D. João III], os seus paços com torre ameçada, no lado norte do campo da Misericordia, e tem annexa a capella de Santo Antonio na igreja de S. Francisco», e na pág. 230 que «foi a este illustre vimaranense, que o mesmo monarcha offereceu as columnas de marmore, que ainda hoje adornam as janellas do torreão da casa, que possuia no largo da Misericordia».

⁽⁴⁵⁸⁾ Cf. informações pessoais da Genealogista D. Maria Adelaide Pereira de Moraes. A descendência, e a ascendência Carvalho, do Dr. Gaspar de Carvalho constará do *Cap. VIII — Carvalhos de Guimarães*, por Maria Adelaide Pereira de Moraes, in *Carvalhos de Basto*, obra que está a ser publicada em fascículos (ver nota (281-1) no tomo II do presente vol. VII), — encontrando-se notícias de Rui Lourenço Carvalho, citado no texto, no *Cap. I, §-1.º (Honra do Carvalho)*, III, pág. 15. Ver *Nobiliário de Famílias de Portugal*, por Felgueiras Gayo, tít. de *Carvalhos*, § 26, N 11.



107



senhora da Casa dos Motas-Pregos (Casa dos Carvalhos), da Casa e Torre da Mota (Campo-Póvoa de Lanhoso), etc.. Casou em Guimarães, no oratório da Casa dos Motas Pregos, a 25 de Janeiro de 1930, com *Bernardo Augusto Soares de Moura Pereira Leite*, licenciado em Medicina pela Universidade do Porto (exerceu Medicina na área do concelho de Paredes), senhor da Casa de Espessande, na freguesia de Cristelo, no concelho de Paredes, onde nasceu a 23 de Maio de 1900 e faleceu a 30 de Janeiro de 1970, filho de Bernardo Pacheco de Campos Pereira Leite, licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, senhor da Casa de Espessande, e de sua mulher, D. Sofia da Glória Soares de Moura Quintela, filha dos Viscondes de Lousada.

Filhos:

- 2 — *Raúl Bernardo da Mota Prego Cunha Soares de Moura Pereira Leite*. Nasceu na Casa de Espessande, da qual chegou a ser senhor, a 29 de Dezembro de 1930. Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra (1955), — desempenhando sucessivamente os cargos de conservador do Registo Predial da Sertã e do de Barcelos. Casou a 1.^a vez, na capela da Casa de Juste, na freguesia do Torno, no concelho de Lousada, a 23 de Junho de 1960, com *D. Maria Luísa Couto Vieira de Melo Cunha Coutinho Osório*, que nasceu na Casa de Juste a 13 de Outubro de 1919 e faleceu em Barcelos a 22 de Outubro de 1974, filha de Eduardo Vieira de Melo da Cunha Osório, senhor da Casa de Juste, e de sua mulher, D. Ana Amélia Pereira Leite de Magalhães e Couto, da Casa de Junfe, na freguesia de Unhão, no concelho de Felgueiras, — s. g.; e casou a 2.^a vez, na freguesia de Viatodos, no concelho de Barcelos, a 6 de Dezembro de 1976, com *D. Maria Eugénia Martins Lopes*, que nasceu na freguesia de Arcozelo, no concelho de Barcelos, a 13 de Setembro de 1936, filha de Manuel Pereira Lopes e de sua mulher, D. Maria Olímpia Martins, — s. g..
- 2 — *Luís António da Mota Prego Cunha Soares de Moura Pereira Leite*. Nasceu no Porto, na freguesia de Santo Ildefonso, a 1 de Setembro de 1932. Licenciado em Medicina pela Universidade do Porto em 1958. Doutoramento pela mesma Universidade em 1970. Professor catedrático de Medicina Obstétrica da Faculdade de Medicina do Porto. Casou a 1.^a vez, na freguesia de Leça do Balio (Mosteiro de Leça do Balio), no concelho de Matosinhos, a 8 de Agosto de 1956, com *D. Maria Helena Mesquita Mendes Moreira*, que nasceu na freguesia de Castelões de Cepeda (vila de Paredes) a 29 de Setembro de 1935, filha de José Mendes Moreira, licenciado em Medicina pela Universidade do Porto (exerceu Medicina na área do concelho de Paredes, tendo sido director do respectivo Hospital), falecido a 23 de Julho de 1970, e de sua mulher, D. Maria Helena de Vasconcelos Mesquita, que faleceu a 28 de Abril de 1958. Divorciado a 23 de Abril de 1983, casou a 2.^a vez, na 3.^a Conservatória do Registo Civil do Porto, a 28 de Julho de 1983, com *D. Maria Fernanda Perpétua de Sousa*, que nasceu

no Porto, na freguesia de Massarelos, a 11 de Novembro de 1944, filha de Manuel José de Sousa, reformado dos C. T. T., e de sua mulher, D. Leonilde Perpétua Alves do Poço.

Filhos do 1.º casamento:

3 — *Luís José Moreira Pereira Leite*. Nasceu na freguesia de Castelões de Cepeda (vila de Paredes) a 22 de Junho de 1957. Licenciado em Engenharia pela Universidade do Porto. Casou no Porto, na freguesia de Nossa Senhora da Conceição, a 2 de Agosto de 1980, com *D. Maria Fernanda Guimarães Figueiral da Silva*, que nasceu no Porto, na freguesia de Cedofeita, a 7 de Abril de 1954, licenciada em Matemática pela Universidade do Porto e professora efectiva na Escola Secundária de Paredes, filha de José Rodrigues da Silva, industrial de hotelaria, e de sua mulher, D. Maria Delfina Guimarães Figueiral.

Filhas:

4 — *D. Maria Teresa Figueiral da Silva Pereira Leite*. Nasceu no Porto, na freguesia de Cedofeita, a 9 de Fevereiro de 1982.

4 — *D. Maria Cristina Figueiral da Silva Pereira Leite*. Nasceu na mesma freguesia a 22 de Maio de 1985.

3 — *D. Maria José Moreira Pereira Leite*. Nasceu na freguesia de Castelões de Cepeda (vila de Paredes) a 9 de Junho de 1958.

3 — *D. Maria Helena Moreira Pereira Leite*. Nasceu na mesma freguesia a 24 de Abril de 1962. Casou na 2.ª Conservatória do Registo Civil do Porto, a 11 de Novembro de 1981, com *Rui Manuel de Albuquerque Carvalho*, que nasceu no Porto, na freguesia de Paranhos, a 8 de Março de 1958, filho de Luís Maria Machado de Albuquerque Carvalho, aposentado do Banco de Portugal, onde foi director, e de sua mulher, D. Maria Georgina Ferreirinha Pinto.

3 — *Paulo Manuel Moreira Pereira Leite*. Nasceu no Porto, na freguesia de Cedofeita, a 14 de Outubro de 1966.

2 — *D. Maria Antónia da Mota Prego Cunha Soares de Moura Pereira Leite*. Nasceu no Porto, na freguesia de Santo Ildefonso, a 15 de Maio de 1935. Casou na freguesia de Cristelo, no concelho de Paredes, a 12 de Novembro de 1955, com *José Antero Campos de Freitas*, que nasceu em Guimarães, na freguesia

de S. Sebastião, a 8 de Janeiro de 1930, licenciado em Medicina pela Universidade do Porto e especializado em Ortopedia e Traumatologia, filho de Leopoldo Martins de Freitas, licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, falecido a 9 de Julho de 1956, e de sua mulher, D. Maria Isabel Campos, falecida a 21 de Maio de 1964.

Filhos:

- 3 — *Leopoldo José Pereira Leite de Freitas*. Nasceu no Porto, na freguesia de Santo Ildefonso, a 19 de Agosto de 1957. Casou na freguesia de Calendário, no concelho de Vila Nova de Famalicão, a 22 de Junho de 1983, com *D. Maria Manuela Queirós e Silva*, que nasceu na freguesia de Calendário a ..., filha de Manuel Sousa e Silva, comerciante, e de sua mulher, D. Albertina Miranda. Divorciou-se a 2 de Outubro de 1986 (1.^a conferência), s. g..
- 3 — *Antero Augusto Pereira Leite de Freitas*. Nasceu no Porto, na mesma freguesia, a 8 de Julho de 1959. Casou no Santuário da Penha (freguesia da Costa — concelho de Guimarães), a 23 de Maio de 1982, com *D. Maria da Conceição Leite Baptista*, que nasceu em Guimarães, na freguesia de S. Paio, a 27 de Novembro de 1960, filha de António Fernandes Baptista, comerciante, e de sua mulher, D. Maria Amélia Leite.

Filha:

- 4 — *D. Ana Isabel Baptista de Freitas*. Nasceu na freguesia de Azurém, no concelho de Guimarães, a 6 de Março de 1984.
- 3 — *António Alberto Pereira Leite de Freitas*. Nasceu no Porto, na freguesia de Cedofeita, a 12 de Maio de 1963. Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra.
- 3 — *D. Maria Antónia Pereira Leite de Freitas*. Nasceu na freguesia de Azurém, no concelho de Guimarães, a 13 de Dezembro de 1969.
- 3 — *D. Isabel Maria Pereira Leite de Freitas*. Nasceu na mesma freguesia a 22 de Novembro de 1971.
- 2 — *Alberto Augusto da Mota Prego Cunha Soares de Moura Pereira Leite*. Nasceu no Porto, na freguesia de Santo Ildefonso, a 17 de Agosto de 1942. Frequentou a Universidade de Coimbra (Faculdade de Direito) nos anos de 1962 a 1966. Dirigente de várias organizações agrícolas. Foi presidente da Câmara Municipal de Paredes. Casou no Porto, na freguesia de S. João da Foz do Douro, a 6 de Agosto de 1966, com *D. Maria Isabel Pinto Amorim da Costa da Graça Moura*,

3
que nasceu em S. João da Foz do Douro a 25 de Setembro de 1944, filha de Mário da Graça Moura, licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, advogado, e de sua mulher, D. Maria Albertina Pinto Amorim da Costa.

Filhos:

- 3 — *D. Maria Isabel da Graça Moura Pereira Leite*. Nasceu no Porto, na freguesia de S. João da Foz do Douro, a 1 de Julho de 1967.
- 3 — *Bernardo da Graça Moura Pereira Leite*. Nasceu no Porto, na mesma freguesia, a 30 de Abril de 1972.
- 3 — *Miguel da Graça Moura Pereira Leite*. Nasceu no Porto, na mesma freguesia, a 17 de Janeiro de 1974. ⁽⁴⁵⁹⁾

TÁBUA ELUCIDATIVA

CASA DOS MOTAS PREGOS

(Casa dos Carvalhos)

Usufrutuários: D. Maria Antónia da Mota Prego Cunha Soares de Moura Pereira Leite de Freitas (2) e seus filhos.

Proprietários: Prof. Doutor Luís António da Mota Prego Cunha Soares de Moura Pereira Leite (2) e seus filhos; D. Maria Antónia da Mota Prego Cunha Soares de Moura Pereira Leite de Freitas (2) e seus filhos (também usufrutuários); e Dr. Alberto Augusto da Mota Prego Cunha Soares de Moura Pereira Leite (2) e seus filhos.

CASA DE ESPESSANDE ¹

Proprietários: Dr. Alberto Augusto da Mota Prego Cunha Soares de Moura Pereira Leite (2), seus filhos e seus sobrinhos Eng. Luís José Moreira Pereira Leite (3) e Paulo Manuel Moreira Pereira Leite (3).

¹ A Casa de Espessande (Cristelo-Paredes) vem referida nos *Carvalhos de Basto*, por Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas, Maurício António Fernandes, Nuno M. Ferraz de Andrade, Francisco J. de Abreu Maia e Castro e A. Duarte P. P. Rebelo de Carvalho, obra em publicação, vol. I, págs. 286 e segs..

⁽⁴⁵⁹⁾ Notícia genealógica elaborada com as informações dadas pelo Dr. Alberto Augusto da Mota Prego Cunha Soares de Moura Pereira Leite e por sua Esposa a Senhora D. Maria Isabel Pinto Amorim da Costa da Graça Moura Pereira Leite (1-12-1986), a quem apresento os meus cumprimentos e agradeço.

CASA e TORRE DA MOTA ²

Usufrutuários: D. Maria José da Mota Prego Cunha Pereira Leite (1) e seus filhos.

Proprietários: os filhos do Prof. Doutor Luís António da Mota Prego Cunha Soares de Moura Pereira Leite (2), de D. Maria Antónia da Mota Prego Cunha Soares de Moura Pereira Leite de Freitas (2) e do Dr. Alberto Augusto da Mota Prego Cunha Soares de Moura Pereira Leite (2).



² A Casa e Torre da Mota (Campo-Póvoa de Lanhoso) vem referida no vol. IV (concelhos de Vieira do Minho e Póvoa de Lanhoso) do presente trabalho, 2.^a parte (concelho de Póvoa de Lanhoso), n.ºs 14, 15 e 16. Retoques a estes números: na pág. 162, na nota (159) — em *Velhas Casas, IV (Creixomil-Guimarães)*, — *Quinta do Paço*, por Maria Adelaide Pereira de Moraes («Boletim de Trabalhos Históricos», do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães, vol. XXVII (1967-1974), nas págs. 64 e 65, nota (44)): «Dona Luísa Joana de Carvalho e Camões era f.^a, legitimada por Alv. Régio, do Rev.do José Bernardo de Carvalho e Camões, cónego da Colegiada da Oliveira, e de Josefa Luísa Pereira; neta pat. de Tadeu Luís António Lopes de Carvalho da Fonseca e Camões (nota 14) e de Inês de Oliveira. O cónego José Bernardo nasceu em Lisboa onde na altura assistia seu pai, sendo a mãe natural de Guimarães. Inês de Oliveira casou mais tarde para o Porto, era f.a de Luís de Oliveira e de sua m.er Joana Pinto, in «Boletim de Trabalhos Históricos», vol. XVI, págs. 13 e 23, Inquirições de Genere do Rev.do Cónego José Bernardo de Carvalho. Dona Luísa Joana viveu em Guimarães, no Largo da Misericórdia, na casa ameçada que fora de seu avô paterno e ainda hoje se encontra na posse de seus descendentes [...]»; na pág. 163, nas linhas 4 e 5 — a mulher de Manuel Coelho de Vasconcelos e Mota chamava-se *D. Eusébia Maria de Castro e Zuniga*, filha do P.^e Cid de Araújo e Sousa (cf. *Quinta do Paço*, cit.); na pág. 170 — *Pegado* (linha 7) *que fora a de S. Pedro* (linha 14) *das armas* (linha 16) *que servia de frontal ao altar* (linha 17); na pág. 170, na linha 21 — está a mais *cunhado de António Rodrigues de Góis*; na pág. 170, nas linhas 24 e 25 — *leia-se filho de Domingos de Góis e de sua mulher, D. Joana de Vasconcelos, ele já defunto e ela moradora na sua quinta da Mota*; na pág. 175 — *D. Pedro da Rocha Figueiroa* [embora o apelido certo, o último, seja Figueira] (linha 29) *o seu herdeiro, e sobrinho* (linha 33); na pág. 176 — *e muita mais gente* (linha 14) *pelos não consentirem* (linha 17) *D. FILLIPA* (linha 34) *E DE (D) ISABEL* (linha 34); e na pág. 177 — *E DE (D) CATERINA* (linha 1)

Localização:

- Largo de João Franco (antigo Largo da Misericórdia).
- Monumento a João Franco ⁽⁴⁶⁰⁾.

Material: granito.

Época: ano de 1934.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica municipal.

Escudo ladeado por dois ramos, um de carvalho e o outro de loureiro, os quais, cruzados em ponta e atados, encobrem o bordo inferior do escudo, — e coroa mural de cinco torres.

Escudo:

Composição: plena.

⁽⁴⁶⁰⁾ Datas no monumento ao grande Estadista dos últimos tempos da Monarquia: 1855 (nascimento), 1929 (falecimento), 1884 (eleição para deputado por Guimarães) e 1896 (organização do Seminário-Liceu e publicação do decreto que transformou o Pequeno Seminário em Liceu Nacional). O arquitecto foi José Marques da Silva, e o busto é da autoria de Mestre Teixeira Lopes. Ver *Cinquenta anos depois... A João Franco a Terra de Guimarães*, 1934, número único, editor Francisco da Silva Pereira Martins, propriedade da Comissão do Monumento a João Franco, composto e impresso na Tipografia Minerva Vimaranesense.

Leitura:

CIDADE DE GUIMARÃES

(1)

(1) Nossa Senhora, com uma coroa aberta, tendo ao colo o Menino Jesus, também com uma coroa aberta, ladeada de dois ramos de oliveira, atados em ponta, e acompanhada em chefe de dois escudetes (com o tracejado indicativo da cor azul), cada um carregado de onze besantes, 3, 2, 3, 2 e 1 ⁽⁴⁶¹⁾.



⁽⁴⁶¹⁾ Ver no tomo II deste vol. VII as págs. 293 e segs. e no presente tomo III o *Aditamento ao Tomo II*.



108



Localização:

- Largo de João Franco (antigo Largo da Misericórdia).
- Fontanário, — no frontispício.

Material: granito.

Época: ano de 1820 ⁽⁴⁶²⁾.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica real.

Escudo francês, assente numa esfera armilar. Coroa real.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL

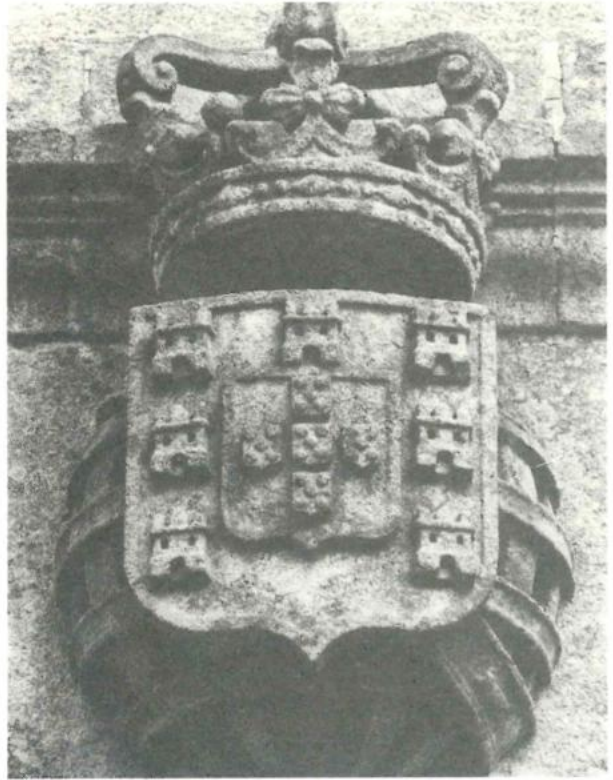
Esfera armilar

(1)

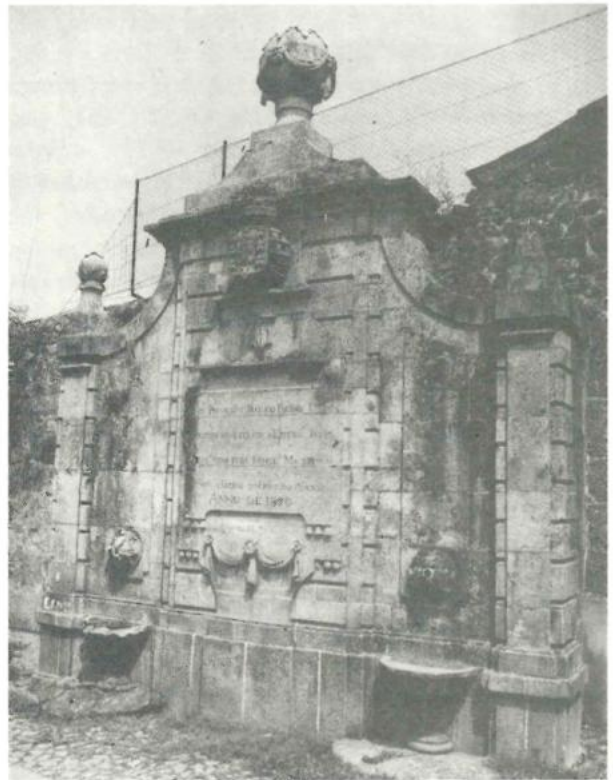
(1) BRASÃO DE ARMAS DO REINO UNIDO DE PORTUGAL, BRASIL E ALGARVES ⁽⁴⁶³⁾. Com torres na bordadura do escudo, em vez de castelos.

⁽⁴⁶²⁾ Inscrição no frontispício do fontanário, inferiormente à pedra de armas: IOAÕ PRIMEIRO REI DO REINO UNIDO, / MENISTRO AQVI FES POR A ESTEVAÕ IVSTO, / O QVAL COM ESTA FONTE MAGESTOZA / ORNOV A PATRIA DO PRIMEIRO AVGVSTO. / ANNO DE I820.

⁽⁴⁶³⁾ Veja-se, com interesse, *As Armas do Reino Unido de Portugal e do Brasil e Algarves*, por Pedro Sameiro, em «Armas e Troféus», III série, tomo V (1976), págs. 5 e segs..



109



Localização:

- Largo de João Franco e Rua da Rainha.
- Casa dos Coutos ⁽⁴⁶⁴⁾, — na fachada que dá para o Largo, encimando o portal.

⁽⁴⁶⁴⁾ Ver os n.ºs 111 e 112. A chamada Casa dos Coutos foi mandada construir por D. José de Bragança, arcebispo de Braga (1741-1756). Lê-se nos *Fastos Episcopales da Igreja Primacial de Braga*, por Mons. Cónego J. Augusto Ferreira, vol. III (1932), na pág. 311, que o Arcebispo comprou, em 20 de Agosto de 1747, com dinheiro do seu património umas casas naquela cidade de Guimarães, no dito Campo da Misericórdia, as quais reformou amplamente, e mobilou luxuosamente; e lê-se mais que parece que pretendia fazer ali habitação permanente, porém novo Aviso régio veio, diz-se, adverti-lo da desmedida demora em Guimarães e de que devia partir imediatamente para os demais lugares da sua Visita; e acrescenta-se em nota que em 6 de Janeiro de 1749 D. José de Bragança doou esta casa, com reserva de usufruto, a João Lobo da Gama pelo bom zelo com que desde 1725 o tinha servido. Ver *Fastos* cit., vol. III, págs. 307 a 312, e o n.º 91 do tomo II do presente vol. VII. In *Guimarães, — apontamentos para a sua historia*, pelo P.º António José Ferreira Caldas, vol. I (1881), págs. 321, 322, 324 e 325 (*Episcopado de D. José de Bragança desde 10 de dezembro de 1746 a janeiro de 1749* (págs. 320 a 325)): «[...] Chegou o exímio primaz a Guimarães no dia 10 de dezembro de 1746, acompanhado por um numeroso prestito, em que caminhavam os bem ajaezados cavallos, rutilantes berlindas, bem pintadas liteiras, e pomposas carruagens, que conduziam a muita nobreza, ministros da justiça, conegos, religiosos e ecclesiásticos: e percorrendo as ruas de S. Lazaro — hoje D. João I — á Oliveira, vistosamente armadas de ricas sêdas e custosas tapeçarias, por entre multidões compactas, que o saudavam jubilosas, deu entrada na insigne e real collegiada, onde se cantou um solemne *Te-Deum*, tendo lugar á noite variadissimas illuminações e fogos de artificio, ao som de bem ordenadas musicas. Hospedado o nosso prelado nas casas da rua da Cadêa — hoje Campo da Misericórdia, pertencentes actualmente á familia Motta-Prego — recebeu aqui no dia seguinte, em solemne audiencia, a toda a nobreza e pessoas distinctas da terra, mostrando a todos os mais intimos desejos de ser util a Guimarães no exercicio do seu munus pastoral [...] O serenissimo arcebispo, que tantas honras prestou a Guimarães, e que tanto se comprazia de viver no berço da monarchia, para elle de tão gloriosas recordações; desejando ainda fazer mais longa a sua residencia aqui, planejou a restauração dos paços dos duques de Bragança para sua morada; mas attendendo á vastidão da fabrica e ao avultado das despezas, que tal obra exigia; edificou uma casa com 98 janellas e 77 portas, extensos salões, grande numero de quartos e uma infinidade de gabinetes. É esta casa a que hoje pertence á familia dos Coutos, com frente para a rua da Rainha e campo da Misericórdia.»

Material: granito.

Época: princípios do século dezanove?

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo de fantasia, rodeado de ornatos fitomórficos. Coronel de nobreza.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

COUTO

(1)

(1) São as armas dos Coutos: «huũ escudo vermelho com huũ castello de prata garnjdo de preto e as portas e frestas de verde e ho pee do escudo homdado de prata e azull», — armas de mercê-nova concedidas a Álvaro do Couto, a 28 de Março de 1536 (Chancelaria de D. João III, livro 22.º de Doações, fl. 85, — Arquivo Nacional da Torre do Tombo). Na pedra de armas: as três torres do castelo encontram-se cobertas, estando a do meio rematada por uma bandeira de duas pontas, disparando para a sinistra.

*

* *

1 — **António do Couto Ribeiro.** — Nasceu em Covas, no antigo concelho de Aguiar de Sousa (hoje no concelho de Lousada), a 15 de Junho de 1711, sendo seus pais Manuel Ribeiro e mulher, Águeda do Couto, do lugar de Ribas ⁽⁴⁶⁵⁾. Foi fidalgo da Casa Real, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, familiar do Santo Officio, fidalgo de cota de armas (17-6-1752) ⁽⁴⁶⁶⁾, sargento-mor de Guimarães. Casou com *D. Luísa Joaquina de Abreu*, — e deles foi filho sucessor:

⁽⁴⁶⁵⁾ Livro de Baptismos n.º 1 de Covas, fl. 88, — no Arquivo Distrital do Porto.

⁽⁴⁶⁶⁾ Não sei onde está a carta de brasão de armas. *Livro Particular* do Cartório da Nobreza, fls. 37 v. e 38, — no Arquivo Nacional da Torre do Tombo: «Antonio do Couto Ribr.º Escudeyro Cavaleyro da Caza Real Sarg.^{to} mór de Infantr.^a Auxiliar natural de S. Joaõ de Covas Termo da Cidade do Porto fez pet.^{as} dizendo ser pessoa nobre de limpo sangue, e desçender por linha legi-

- 2 — **João do Couto Ribeiro de Abreu.** — Nasceu na Quinta do Barregão, em S. Lourenço de Cima de Selho, no termo de Guimarães, a 18 de Outubro de 1752, e foi baptizado em Azurém, no termo de Guimarães, a 23 (467). Foi fidalgo da Casa Real, sargento-mor de Guimarães e, depois, coronel de milícias, vereador da Câmara de Guimarães, e foi senhor da Casa dos Coutos (468). Faleceu em Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, na Rua Sapateira (Casa dos Coutos), a 11 de Maio de 1815 (469). Casou na Igreja da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, a 9 de Abril de 1781, com *D. Antónia Felizarda de Magalhães Pereira* (470), dos quais é bisneta *D. Narcisa Pereira Leite de Magalhães e Couto*, que segue.

D. NARCISA PEREIRA LEITE DE MAGALHÃES E COUTO. — Actual senhora da Casa dos Coutos. Nasceu em Guimarães, em Nossa Senhora da Oliveira, na Casa dos

tima da geração dos Ribeyros e Coutos por ser filho leg.^{mo} de Manoel Ribeyro, e de sua m.^{er} Agueda do Couto da dita freguezia da dita freguesia (*sic*) de S. João de Covas. Neto pela parte Paterna de Antonio Velho e de sua m.^{er} Maria Ribeyra; e pela materna ser neto de Diogo Teixeira, e de sua m.^{er} Maria do Couto, moradores que foraõ na Freguesia do Salvador de Figueiras Termo da dita Cidade, o que fez certo por huma sentença tirada na Corr.^{caõ} do Cível da Corte de que foy Juiz o Dezembg.^{or} Estevaõ Galego Vidigal, e escripta por Joam Gonçalves da Costa Escrivão do d.^o Juizo, e o Rey de Armas Portugal Manoel Pereira da Silva Cavaleiro professo na Ordẽ de Xp.^o lhe passou Brasaõ com as Armas das ditas familias. Feito em Lx.^a aos 17. de Junho de 1752. Regd.^o no L.^o 13. e sobescripto por Rodrigo Ribeyro da Costa Escrivão da Nobreza. Fr. M.^{el} de S.^{to} An.^{to} e S.^a. À margem: «Armas. Ribeyros, e Coutos». No tecto de madeira de um dos salões da Casa dos Coutos foram mandadas pintar a óleo por João do Couto Ribeiro de Abreu, creio que nos finais de setecentos, o brasão de armas passado a seu pai, António do Couto Ribeiro, com o escudo encimado, não pelo elmo com virol e paquife e timbrado, mas por um coronel de nobreza. Vê-se no escudo: partido de RIBEIRO, moderno (esquartelado de ouro, com quatro palas de vermelho, e de negro, com três faixas veiradas de prata e vermelho), e de COUTO (de vermelho, com um castelo de ouro, com as três torres cobertas, a do meio rematada por uma bandeira de duas pontas de prata, disparando para a dextra, o castelo firmado num contrachefe, não ondado de prata e azul, mas ondado de um colorido sem qualquer sentido heráldico), — e uma brica de verde, com um trifólio de prata, por diferença.

(467) Livro de Nascimentos n.^o 2 de Azurém, fl. 116 v. (B-16-2-107), — no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta: «Foraõ Padrinhos João Lobo da Guama Fidalgo da Cauza (*sic*) Real e gentil homem da Çamara de Sua Alteza, e assestio por seu procurador o Reverendo João do Couto Ribeyro Thio do Baptizado, e vigario de Sam Jozé de Braga e por devoção de seus Pays Nossa Senhora do Rozario desta Igreja». Livro de Nascimentos n.^o 7 de Nossa Senhora da Oliveira, fl. 108 (B-17-2-70), — no A. M. A. P..

(468) É tradição de família que João do Couto Ribeiro de Abreu comprou, desconhecendo-se a quem, em 1780 e tal, a casa que tinha pertencido ao Arcebispo D. José de Bragança, depois de ser vendida, entre outros bens, a casa que era de sua mulher, *D. Antónia Felizarda de Magalhães Pereira*, localizada na desaparecida Rua das Flores e hoje dando para o Largo de João Franco, que a havia herdado de seu pai, Pedro Pereira dos Guimarães (ver o n.^o 112).

(469) Livro de Óbitos n.^o 5, fl. 53 v. (B-17-3-10), — no A. M. A. P..

(470) Livro de Casamentos n.^o 2, fl. 114 (B-17-3-4), — no A. M. A. P.. Ver o n.^o 112.

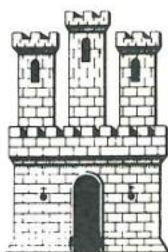


110



111

Coutos, a 18 de Janeiro de 1898. É filha de Gaspar Pereira Leite de Magalhães e Couto, senhor da Casa dos Coutos, da Casa de Alhares (Torno-Lousada) e da Casa de Junfe (Unhão-Felgueiras), e de sua mulher, D. Joana da Silva Ribeiro, e neta paterna de António do Couto Ribeiro de Abreu, senhor da Casa dos Coutos, e de sua mulher, D. Narcisa Delfina de Magalhães Camelo, senhora da Casa de Alhares e da Casa de Junfe, e bisneta paterna de João do Couto Ribeiro de Abreu, senhor da Casa dos Coutos, e de sua mulher, D. Antónia Felizarda de Magalhães Pereira. ⁽⁴⁷¹⁾



⁽⁴⁷¹⁾ Arquivo de família de João Eduardo de Noronha e Couto Osório, casado com D. Maria Benedita de Lima de Brito e Cunha, c. g., filho primogénito varão de Rui Couto Vieira de Melo da Cunha Coutinho Osório, da Casa de Juste (Torno-Lousada), e de sua mulher, D. Maria Isabel Cristina Pereira da Cunha de Noronha Freire de Andrade, senhora da Casa de Corujeiras (Vila Nova das Infantas-Guimarães)¹, e neto paterno de Eduardo Vieira de Melo da Cunha Osório, que foi senhor da Casa de Juste², e de sua mulher, D. Ana Amélia Pereira Leite de Magalhães e Couto, que foi senhora da Casa de Alhares (Torno-Lousada), irmã da actual senhora da Casa dos Coutos, terceiras netas de António do Couto Ribeiro. Ver *Velhas Casas, IV (Creixomil-Guimarães)*, — *Quinta do Paço*, por Maria Adelaide Pereira de Moraes («Boletim de Trabalhos Históricos», do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães, vol. XXVII (1967-1974)), árvore de costados (*Casa do Paço*) em extratexto (págs. 80-81). E ver no Vol. VIII (Concelho de Guimarães-freguesias rurais), quando publicado, o n.º referente à *Casa de Corujeiras*, em Vila Nova das Infantas.

¹ Ver *Últimas Gerações de Entre Douro e Minho*, por José de Sousa Machado, vol. II, costado 150 (*Casa da Curujeira (Guimarães)*), e pág. 550.

² Ver *ob. cit.*, vol. I, costado 41 (*Casa de Juste (Lousada)*), e pág. 478, e vol. II, pág. 494, e, também, *Pedras de Armas do Concelho de Lousada*, pelo Autor, n.ºs 29 e 30.

Localização:

- Largo de João Franco e Rua da Rainha.
- Casa dos Coutos ⁽⁴⁷²⁾, — na fachada que dá para a Rua, encimando o portal.

Material: granito.

Época: século dezoito (1780 e tal?).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo, numa cartela de inspiração *rocaille*. Coronel de nobreza.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

COUTO

(1)

(1) As três torres do castelo encontram-se cobertas, estando a do meio rematada por uma bandeira de duas pontas, disparando para a sinistra. Ver o n.º 110 em (1).

*
* * *

Ver o n.º 110.

⁽⁴⁷²⁾ Ver os n.ºs 110 e 112.

Localização:

- Largo de João Franco e Rua da Rainha.
- Casa dos Coutos ⁽⁴⁷³⁾. No átrio para onde dá o portal no Largo de João Franco, — em exposição.

Procedência:

- A pedra de armas decorava a frontaria da casa de Pedro Pereira dos Guimarães, na Rua das Flores, casa que hoje, com o desaparecimento daquela rua, dá para o Largo de João Franco (n.ºs de polícia 5 a 8), — e foi apeada quando a casa saiu da família por venda ⁽⁴⁷⁴⁾.

Material: granito.

Época: a carta de brasão de armas foi passada a Pedro Pereira dos Guimarães, senhor da casa na Rua das Flores, no ano de 1752.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo e elmo com virol e timbre (mutilado), — o conjunto assente numa cartela com ornatos concheados, volutas e folhas de acanto.

Escudo:

Composição: esquartelada.

⁽⁴⁷³⁾ Ver os n.ºs 110 e 111.

⁽⁴⁷⁴⁾ Ver o n.º 110, nota ⁽⁴⁶⁸⁾.

Leitura:

I PEREIRA	(1)
II COSTA	(2)
III GUIMARÃES	(3)
IV OLIVEIRA	(4)

Diferença: um trifólio (5)

Timbre de PEREIRA (6)

- (1) Uma cruz florenciada e vazia.
- (2) Seis costas, postas 2, 2 e 2, firmadas nos flancos.
- (3) Com o campo fretado de oito peças em banda e dez em contrabanda e uma pala, e um leão empunhando uma espada na garra dextra, brocante sobre tudo. Ver o texto da carta de brasão de armas e o brasão.
- (4) Uma oliveira arrancada.
- (5) Um trifólio. Na carta de brasão de armas: *uma brica de ouro, com um trifólio de azul.*
- (6) O timbre encontra-se mutilado. Na carta de brasão de armas: *uma cruz florenciada, ladeada de duas asas.*

*
* *
*

Carta de brasão de armas passada a Pedro Pereira dos Guimarães (475):

«DOM JOZE / Por graça de Deos Rey de Portu- / gal, e dos Algarves da quem, e da / lem
mar em Affrica senhor de / Guiné, e da conquista navegação / comercio da Ethiopia,
Arabia, Per- / cia, e India &. Faço saber a os que esta minha / Carta virem, que Pedro
Pereyra dos Guimaraes, / Cavaleyro professo na Ordem de Christo, Fa- / miliar do Sãcto
officio, hum dos Infançoës, e / Governança da Villa de Guimaraes, donde he / natural
e morador, e Sargento mór da Comarca / da mesma Villa, me fez petição, dizendo, que /
elle vinha, por legitima descendencia da nobre / Geração, e linhagem dos Pereyras,
Costas, Gui- / maraës, e Oliveyras, as quas (*sic*) Familias saõ, neste / Reyno, de Fidalgos de
Linhagem, Solar, e Cotta de / Armas; e me pedia por merce, que para a memo- / ria
de seos antepassados se naõ perder, e elle uzar, e / gozar da honra das Armas, que pelos
mercimẽ- / tos de seos serviços ganharaõ, e lhes foraõ da- / das, e assim dos privilegios,

(475) No arquivo de família de João Eduardo de Noronha e Couto Osório, quinto neto de Pedro Pereira dos Guimarães. Ver a nota (471), no n.º 110.



112



110 a 112

honras, graças, e / merces, que por direito, e por bem dellas / lhes pertencem, lhe mandasse dar minha / Carta das ditas Armas, que estavaõ registadas / em os livros dos Registos das Armas dos No- / bres, e Fidalgos de meos Reynos, que tem Por- / tugal meo principal Rey Darmas. Para o que / me apren digo, me apresentou huã sentença / de justificação de sua ascendencia, e nobreza / proferida pelo Doutor Estevaõ Galego Vidi- / gal meo Dezembargador, e Corregedor do Civel / em esta minha Corte, e Corte, digo e Caza da // da Supplicação, escripta por Joaõ Gonçalves / da Costa Escrivão do dito juizo; em a qual, / depois de tirar inquirição de testemunhas, / julgou o dito meo Corregedor ser o supplicã- / te de antiga nobreza, sangue limpo, e legiti- / mo descendente das ditas Familias. / POor provar ser Filho legiti- / mo do Cappitaõ Verissimo / Pereyra da Costa dos Gui- / maraës; e de sua m.^{or} D. Ca- / therinna Francisca de Oli- / veyra. Neto pela parte Pa- / terna do Cappitaõ Joaõ da / Costa; e de Jeronima Pe- / reyra, ambos da Freguezia de S. Jorge Ter- / mo da Villa de Guimaraës. E pela Materna, / ser Neto de Jeronimo de Novaes; e de Mar- / garida de Oliveyra, naturaes da Freguezia / de S. Miguel de Creyxomil, extra muros da / dita Villa. E que os ditos seos Pays, e Avós / foraõ pessoas muyto nobres, e legitimos / descendentes das Familias dos Pereyras, Co- / stas, Guimaraës, e Oliveyras; e como taes se tra- / taraõ sempre á ley da Nobreza, com Cavallos, / e Criados, e todo o mais estado devido ás suas / qualidades, servindo os lugares mais honori- / ficos do Governo da Republica, e os postos do / Militar, com muyta destinação, sem que nas / ditas Gerações houvesse raça alguã de Ju- / deo, Mouro, ou Mulato, nem de outra infe- / cta nação; e assim lhe pertencem ao suppli- // (*Brasão de armas iluminado*) // ao supplicante as suas Armas. As quaes lhe / mando dar em esta minha Carta, com seo / Brazaõ, Elmo, e Timbre, como aqui são de- / vizadas, e assim como fiel, e verdadeiram.^{te} / se acharaõ illuminadas, e registadas em os li- / vros do dito Portugal meo Rey Darmas. / A saber: / HUm Escudo esquartelado: / No primeiro quartel as Ar- / mas dos Pereyras, que são, / em campo vermelho huã / cruz de prata, florida, e vazia / do campo. No segundo as / dos Costas, que são, em cam- / po vermelho seis costas de / prata, em duas pallas, firmadas no escudo. / No terceiro as dos Guimaraës, que são, em / tres pallas; a primeira, e terceira de prata, com / huã rede preta por diante; a seg.^{da} o campo san- / guinho, com hum Leão de prata, rompente, o / qual tem na mão direita huã espada de sua / cor, e ensanguentada. No quarto quartel as / dos Oliveyras, que são, em campo vermelho / huã Oliveyra verde perfilada de ouro, com / raizes do mesmo metal. Elmo de prata aber- / to, guarnecido de ouro. Paquife dos metaes, / e cores das Armas. Timbre o dos Pereyras, / que [é] huã cruz sanguinha, florida, entre du- / as azas de ouro; e por differença huã brica / de ouro, com hum trifolio azul. O qual Es- / cudo, e Armas poderá trazer, e traga o dito // o dito Pedro Pereyra dos Guimaraës, assim / como as trouxeraõ, e dellas uzaraõ os ditos / Nobres, e antigos Fidalgos seos antepassados / em tempo dos muy esclarecidos Reys meos / antecessores: e com ellas possa entrar em ba- / talhas, campos, reptos, escaramunças, e ex- / ercitar, com ellas todos os outros actos lici- / tos da guerra, e da pax; e assim as possa tra- / zer em seos firmaes, aneis, senetes, e devizas, / pollas em suas cazas, e edefficios, e deixallas / sobre sua propria sepultura: e finalmente / se poderá

servir, honrar, gozar, e aproveitar / dellas em todo, e por todo, como á sua no- / breza
convem. Com o que quero, e me praz: / que haja elle todas as honras, privilegios, / liber-
dades, graças, merces, izenções, e fran- / quezas, que haõ, e devem haver os Fidal- / gos,
e Nobres de antiga Linhagem, e como / sempre de todo uzaraõ, e gozaraõ os ditos / seos
antepassados. Pelo que: Mando a to- / dos os meos Dezembargadores, Correge- / dores,
Juizes, justiças, Alcaydes, e em es- / pecial aos meos Reys Darmas, Arautos, e / Paçavantes,
e a quaes quer outros officiaes, / e pessoas a quem esta minha Carta for / mostrada, e o



conhecimento della pertenc- / er, que em tudo lha cumpraõ, e guardem, / e façãõ cumprir,
e guardar, como nella he / contheúdo, sem duvida, nem embargo al- / gum, que em ella
lhe seja posto; porque / assim he minha merce. ElRey nosso se- / nhor o mandou por
Manoel Pereyra da // da Sylva Cavaleiro professo na Ordem de Chri- / sto, seo Rey
Darmas Portugal. Frey Manoel de / S.^{to} Antonio da Ordem de S. Paulo, Reforma- / dor
do Cartorio da Nobreza a fez, por especial / Provisaõ do dito senhor, em Lx.^a aos dez di- / as
do mez de Junho do anno do Nascimen- / to de Nosso Senhor Jezus Christo de M.DCC / LII.
E Eu Rodrigo Ribeyro da Costa Escrivaõ / da Nobreza nestes Reynos e Senhorios de /

Portugal por sua Magestade que Deos goarde / o fis Escreuer e sobescreuij / P. Rey darmas
P.al / Fica Registrado Este Brazam no Cartorio / da nobreza no L.º 13 a fl. 95 / Rodrigo
Ribr.º da Costa.»

*
* *
*

PEDRO PEREIRA DOS GUIMARÃES. — Filho de Veríssimo Pereira da Costa dos Guimarães, capitão de Infantaria Auxiliar, e de sua mulher, D. Catarina Francisca de Oliveira. Foi cavaleiro professo na Ordem de Cristo, familiar do Santo Ofício, fidalgo de cota de armas (10-6-1752), sargento-mor de Guimarães, pagador da gente da guerra da Província do Minho e Trás-os-Montes (de 1-12-1752 a 26-3-1757), etc.. Faleceu em Guimarães, em Nossa Senhora da Oliveira, na Rua das Flores, a 28 de Junho de 1781 ⁽⁴⁷⁶⁾. Casou com *D. Joana Rosa de Araújo e Macedo*, de quem teve uma filha, D. Catarina, que faleceu menina. Teve de *Rosa Maria da Rocha e Magalhães* uma filha, que legitimou, *D. Antónia Felizarda de Magalhães Pereira*, sua herdeira, que faleceu em Nossa Senhora da Oliveira, na Rua Sapateira (Casa dos Coutos), a 19 de Maio de 1814 ⁽⁴⁷⁷⁾, e que havia casado na Igreja da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, a 9 de Abril de 1781, com *João do Couto Ribeiro de Abreu* ⁽⁴⁷⁸⁾, senhor da Casa dos Coutos, fidalgo da Casa Real, sargento-mor de Guimarães e, depois, coronel de milícias, e vereador da Câmara de Guimarães ⁽⁴⁷⁹⁾. ⁽⁴⁸⁰⁾



⁽⁴⁷⁶⁾ Livro de Óbitos n.º 4, fl. 77 v. (B-17-3-9), — no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

⁽⁴⁷⁷⁾ Livro de Óbitos n.º 5, fl. 49 (B-17-3-10), — no A. M. A. P..

⁽⁴⁷⁸⁾ Livro de Casamentos n.º 2, fl. 114 (B-17-3-4), — no A. M. A. P..

⁽⁴⁷⁹⁾ Ver os n.ºs 110 e 111 (*Casa dos Coutos*).

⁽⁴⁸⁰⁾ Arquivo de família de João Eduardo de Noronha e Couto Osório, quinto neto de Pedro Pereira dos Guimarães. Ver a nota ⁽⁴⁷¹⁾, no n.º 110. Ver *Velhas Casas, IV (Creixomil-Guimarães)*, — *Quinta do Paço*, por Maria Adelaide Pereira de Moraes («Boletim de Trabalhos Históricos», do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães, vol. XXVII (1967-1974), árvore de costados (*Casa do Paço*) em extratexto (págs. 80-81)).

Localização:

- Rua da Rainha.
- Casa dos Lobos Machados ⁽⁴⁸¹⁾. Frontaria.

Material: granito.

Época: terceiro quartel do século dezoito (o escudo, o elmo e a cartela) e fins do século dezoito ou princípios do século dezanove (as armas e o timbre) ⁽⁴⁸²⁾.

⁽⁴⁸¹⁾ Propriedade da Associação Comercial de Guimarães.

⁽⁴⁸²⁾ In *Rectificação a uma nota de Robert C. Smith a propósito da Casa dos Lobos Machados*, por Manuel Alves de Oliveira, in «Bracara Augusta», vol. XXXI, ano de 1977 (Janeiro-Dezembro), n.os 71-72 (83-84), lê-se na pág. 219: «[...] Numa gravura de 1747, existente no Museu Nacional de Arte Antiga, (que aproveitamos para ilustrar este artigo) verifica-se que, nesse ano, ainda não existia o palácio dos Lobos Machados que Smith supôs ter sido construído por D. José de Bragança. Por escritura lavrada pelo Tabelião Domingos Fernandes da Rocha, no ano de 1754, entre o mestre pedreiro Amaro Farto, galego, mas então residente em Guimarães, e o reverendo Rodrigo de Sousa Lobo, abade de Santa Comba de Regilde, que transcrevemos em apêndice, é que foram estabelecidas as condições de ajuste da obra do palácio, depois conhecido pelo dos Lobos Machados», — e nas págs. 220 a 223, no Apêndice («Contrato e obrigação de obra de Amaro Farto pedreiro, ao reverendo Rodrigo de Sousa Lobo (Escritura lavrada no livro de notas do tabelião Domingos Fernandes Rocha de folhas 20 a 22, do ano de 1754, incorporado no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta. Colocação-B-14-2-29)»), lê-se:

« Em nome de Deus amen. Saibam quantos este publico instrumento de contrato e obrigação de obra de pedreiro satisfaçam a seu cumprimento e tudo ao diante declarado e feito tudo na melhor forma que em direito haja lugar e mais firme e valido seja virem em que no ano do nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos cinquenta e quatro anos aos vinte e oito dias do mes de Fevereiro do dito ano nesta vila de Guimarães na rua de Alcobaça dela e escritorio de mim publico tabelião ao diante nomeado aí perante mim e testemunhas ao diante nomeadas e assinadas apareceram presentes partes outorgantes e aceitantes como bem a saber de uma o Reverendo Rodrigo de Sousa Lobo Abade de Santa Comba de Regilde deste termo e da outra parte estavam Amaro Farto mestre pedreiro desta vila e natural do Reino da Galisa e juntamente Vicente Carvalho pedreiro do mesmo Reino e assistente na Freguesia de Santa Eulalia de Fermentões pessoas reconhecidas de mim tabelião e testemunhas de que

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo, com os bordos decorados com volutas, e elmo posto de frente, aberto, gradeado, com timbre, — o escudo e o elmo assentes numa cartela de tipo *rocaille*.

Escudo:

Composição: esquartelada.

Leitura:

- | | |
|------------------------|-----|
| I SOUSA, dito do Prado | (1) |
| II LOBO | (2) |
| III MACHADO | (3) |
| IV PEREIRA | (4) |

Diferença: uma brica com um trifólio (5)

Timbre de SOUSA, dito do Prado (6)

- (1) Esquartelado: no I e no IV cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes; no II e no III um leão. Na pedra de armas os leões estão passantes, e não rompantes.
- (2) Cinco lobos passantes.
- (3) Cinco machados. No brasão de armas: dois machados invertidos, postos e alinhados em banda, e três voltados, postos e alinhados em contrabanda, os cinco machados postos em aspa.
- (4) Uma cruz florenciada e vazia.
- (5) Na carta de brasão de armas: *uma brica de azul, com um trifólio de prata.*
- (6) Um leão, — que na pedra de armas está passante e posto de frente.

dou fé. E logo por ele dito Reverendo Abade foi dito que ele se achava ajustado e contratado com eles mestres de estes lhe haverem de fazer uma frontaria de pedra nas suas casas sitas na rua Sapateira desta vila bem feita e bem segura na forma da arquitectura e tudo na forma de seus apontamentos que haviam feito entre si os quais me apresentaram para aqui copiar cujo teor deles de verbo ad verbum é o seguinte: *Apontamentos* para a obra que pretende mandar fazer o Reverendo Abade de Santa Comba de Vizela a qual obra pretende mandar fazer nesta vila na rua dos mercadores no sitio donde existem as suas casas que de presente conserva e agora as quer redificar de novo pela planta e apontamentos seguintes: *Item* primeiramente o mestre que tomar esta obra que consta da planta junta observará toda a planta em suas alturas, larguras e grossuras

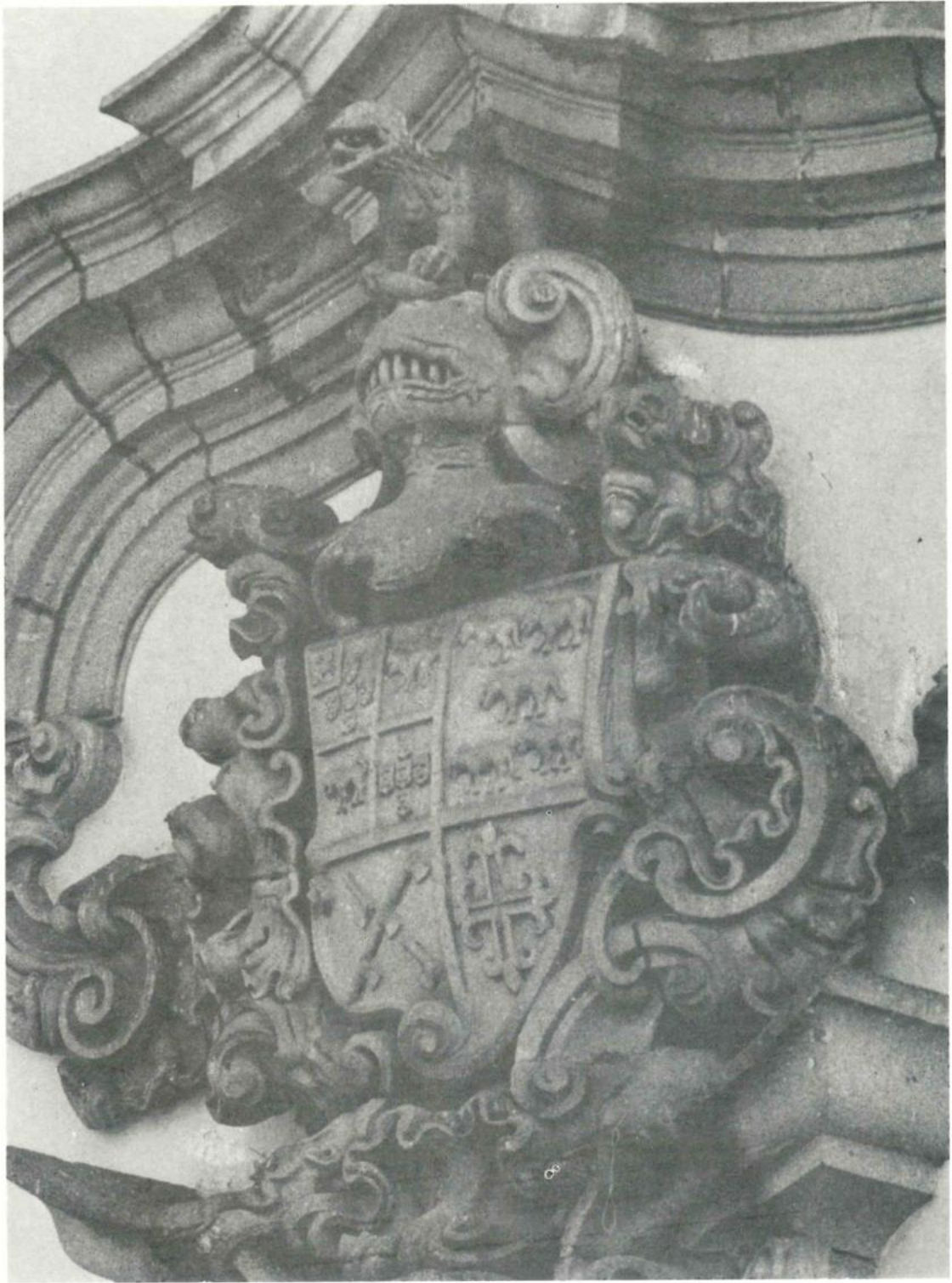
Creio que, na pedra de armas, as armas e o timbre da carta de brasão de armas passada, em 1739, a Simão Lobo de Sousa Machado Pereira, foram mandados esculpir por seu filho Rodrigo Lobo de Sousa Machado e Couros, depois do falecimento de seu tio paterno o Rev.^{do} Rodrigo de Sousa Lobo, bacharel em Cânones, abade de Santa Comba de Regilde, comissário do Santo Ofício (que nasceu na Rua Sapateira (Rua da Rainha), na freguesia de Nossa Senhora da Oliveira, e foi baptizado na Igreja de Santa Margarida, em Guimarães, a 2 de Agosto de 1708 ⁽⁴⁸³⁾, e que faleceu na Rua Sapateira, sem testamento, a 22 de Fevereiro de 1785 ⁽⁴⁸⁴⁾, o qual, em 1754, havia ordenado a reedificação da sua casa (depois conhecida por Casa dos Lobos Machados) ⁽⁴⁸⁵⁾, onde residiu e veio a falecer).

de paredes para lhe abrir seus alicerces com aquela altura ou profundidade e largura suficiente até achar terreno firme e achando-o entrará o dito mestre a formar os alicerces de pedra e cal com toda a segurança possível com boas pedras e quanto mais grandes melhor com bons juntouros e estes a miúdo que assim o requerem todas as obras que se fazem com segurança e a arte assim manda e estes alicerces com toda a mais obra será tudo bem assentado com cal, e esta terçada para que a obra fique bem segura e bem maciça sem vão ou oco algum, com bons silhares e juntouros, tudo bem enliado e juntourado e assentado perfeitamente. *Item* toda a obra que consta da dita planta como ... Pilastras, capiteis, frisos, cornija como também o portal, tableiros assentes ou sejam aqueles que vão apontados com as letras A. B. C. D. E. F. G. H. como também todas as sacadas com suas quartelas ou cachorros, janelas ou seus remates óculo tudo tanto pela parte exterior como pela interior será tudo de pedra fina e capaz bem lavrada..., escudada com as suas quinas bem feitas, apuradas ao sinzel, tudo bem perfeito conforme o primor da arte. *Item* A tarja das armas que vai riscada entre as duas janelas do meio será de boa pedra fina e capaz e na forma que vai riscada na dita planta, e suposto que no escudo das armas não vão riscadas as árvores das famílias e mais o timbre que se costuma ter sobre a viseira; tudo isto fica à Eleição do Reverendo Senhor Abade que ele dito mestre arrematante fará pela eleição do dito Senhor, porem será tudo feito à custa dele mestre como toda a mais obra que a dita planta mostra e consta ser de pedra que tudo ele mestre arrematante tanto esquadria como alvenaria será obrigado e seus fiadores dar feita perfeita e acabada assentada em seu lugar com toda a segurança firmesa, capacidade sem demolição alguma sem que ele dito reverendo Abade seja obrigado a dar mais cousa alguma senão o proprio dinheiro em que se ajustarem; e os seus pagamentos serão a arbitrio do dito Senhor Abade. *Item* ele mestre arrematante não fará na dita obra diminuição alguma a dita planta observará todas as medidas que ela mostra em toda a sua grandesa e... que fazendo qualquer cousa da dita planta de menos da obra esta lhe será abatida no preço do ajuste com execução até à quarta parte do mesmo ajuste como também não fará acrescimo algum na dita obra fora digo dita planta, sem licença do Reverendo Senhor Abade ou quem ele dito Senhor determinar o qual acrescimo será feito com nova obrigação ficando o primeiro contrato em seu auge e vigor e obrigação preterita

⁽⁴⁸³⁾ Livro de Nascimentos n.º 4 de Nossa Senhora da Oliveira, fl. 119 v. (B-17-2-67), — no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

⁽⁴⁸⁴⁾ Livro de Óbitos n.º 4 de Nossa Senhora da Oliveira, fl. 113 (B-17-3-9), — no A. M. A. P.

⁽⁴⁸⁵⁾ Ver a nota ⁽⁴⁸²⁾. («[...] *Item* A tarja das armas que vai riscada entre as duas janelas do meio será de boa pedra fina e capaz e na forma que vai riscada na dita planta, e suposto que no escudo das armas não vão riscadas as árvores das famílias e mais o timbre que se costuma ter sobre a viseira [...]»).





e tambem levará sobre as cornijas dez pilares de fora duas piramidas se entende uma de cada parte para o que se lhe dará a ele mestre arrematante o risco, a eleição do Reverendo Abade a que tudo ele mestre arrematante será obrigado por si e seus fiadores a cumprir como fica dito tudo na forma da planta e apontamentos e tambem com a declaração que abaixo vai escrita das adentações do prepianho e declaro que no petité (?) dos fundamentos da obra donde se mostram as grossuras das paredes pilares da porta e tableiros cunhais e janelas com seus vãos e rasgos e donde estão os numeros tres — deixará ele mestre arrematante as dentações necessarias para o prepianho que ao depois se ha-de fazer para divisão das lojas, e estas adentações serão de palmo e meio de grosso que tanto ha-de ter de grosso o prepianho e na planta as mesmas adentações mostram ter palmo e meio de grosso e isto em preço de duzentos e cinquenta mil reis pagos em pagamentos quinze em quinze dias conforme for correndo a obra e se principiará o mais tardar até dez de Março e pelas duas janelas do meio que mostra a planta fica em uma mais alta e com a simalha mais alta conforme ele Reverendo Abade der o risco da janela e simalha, e eles ditos mestres serão mais obrigados a alagar a parede velha da fronteira das ditas casas e arrumar a pedra, e ele Reverendo Abade será obrigado a dar a eles mestres toda a pedra que for necessária de alvenaria para a dita obra e não se continha mais em os ditos apontamentos que aqui copeei em observancia do qual logo por eles ditos mestres foi dito que eles se obrigavam por suas pessoas e bens moveis e de raiz havidos e por haver a dar inteiro cumprimento e satisfação a dita obra e parede das ditas casas na forma dos apontamentos neste instramento insertos sem lhe faltar requesito algum em fazerem a dita obra feita perfeita e acabada e assentada em seu lugar com toda a segurança firmeza e capacidade na forma de seus ajustes e contratos e apontamentos, e satisfazendo eles mestres a todo o contrato nesta escritura e seus apontamentos disse se obrigava tambem pela sua parte por sua pessoa e bens a dar pela dita obra duzentos e cinquenta mil reis em dinheiro moeda corrente neste reino dessa quantia lhe faria os pagamentos de quinze em quinze dias conforme fosse correndo a obra e esta for feita conforme os ditos apontamentos que não de outra forma e para maior segurança dela eles ditos mestres apresentaram por seu fiador ao Reverendo Francisco Xavier vigario da Freguesia de Santa Eulália de Fermentões deste termo o qual por estar presente pessoa reconhecida das ditas testemunhas pelo qual foi dito que muito de sua propria e livre vontade fiava e abonava a eles ditos mestres pedreiros no cumprimento e satisfação da dita obra na forma de seus pagamentos porque faltando eles a todo o contrato neste instramento em parte ou em todo ele se obrigava por sua pessoa e bens presentes e futuros a tudo mandar fazer por sua conta e risco despesa a predita obra de forma que nela senão espremente falta que ele Reverendo Abade poderá puxar para seu cumprimento por eles mestres ou seu fiador; por todos juntos ou por cada um insolidum tudo para inteira firmeza deste seu contrato e assim o disseram, quizeram e outorgaram e aceitaram de parte a parte e nesta nota mandaram fazer o presente instramento e dele dar os necessarios que deste teor cumpririam que eu tabelião tudo estipulei e aceitei em nome de quem mais aceitação tocar ao presente sendo testemunhas presentes Roque de Freitas, violeiro, morador atras da Misericórdia desta vila e o Reverendo Padre Vicente Monteiro da Freguesia de Santa Eulália de Fermentões deste termo que todos aqui assinaram ao depois de lida eu Domingos Fernandes Rocha tabelião que o escrevi. Domingos Fernandes Rocha. Rodrigo de Sousa Lobo. O Padre Francisco Xavier. Amaro Farto. Vicente Carvalho. O Padre Vicente Monteiro. Roque de Freitas. »

*

* *

Carta de brasão de armas passada a Simão Lobo de Sousa Machado Pereira (486):

In *Brasões Inéditos*,

por José de Sousa Machado,

Braga - 1906, pág. 185, n.º 45;

e também *ob. cit. (Suplemento)*,

Braga - 1931, pág. 42, n.º 101.

«Simão Lobo de Sousa Machado Pereira, natural de Guimarães, filho de Pedro da Costa Pereira e de sua mulher Josefa Maria de Sousa Lobo Machado, naturaes daquela villa; neto, pela linha paterna, de Raphael da Costa e de sua mulher Angela Pereira; e neto, pela linha materna, de Antonio Machado Brandão de Sousa Lobo e de sua mulher Maria Pinheiro de Carvalhaes e Bastos. *Sousas, Lobos, Machados e Pereiras*. D. uma brica azul com um trifolio de prata.

B. p. 20 de julho de 1739.

Registado no L. 9.º fl. 32.»

*
* *
*

- 1 — **Pedro da Costa Pereira.** — Foi cavaleiro da Ordem de Cristo, familiar do Santo Officio, prebendeiro da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, vereador da Câmara de Guimarães, — e morador na Rua Sapateira. Casou com *Josefa Maria de Sousa Lobo Machado*, senhora da Casa de Santão (Santão-Felgueiras), — havendo, sucessor:

- 2 — **Simão Lobo de Sousa Machado Pereira.** — Foi baptizado em Santa Margarida, em Guimarães, a 19 de Maio de 1707 (487). Faleceu em Nossa Senhora da Oliveira, na Rua Sapateira, a 25 de Maio de 1775 (488). Bacharel em Cânones, cavaleiro da Ordem de Cristo, familiar do Santo Officio, fidalgo de cota de armas (20-7-1739) e senhor da Casa de Santão. Casou a 1.ª vez com sua prima *D. Luísa Antónia Leite Pereira de Meireles*, s. g., e a 2.ª vez com *D. Emerenciana Teresa de Sá Sotomayor e Vasconcelos*, que faleceu em Nossa Senhora da Oliveira, na Rua Sapateira, a 5 de Junho de 1780 (489), filha de António de Couros Carneiro de Vasconcelos, administrador do Morgado de S. Bento e senhor da Honra de Astromil, fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo, brigadeiro de Cavalaria, e de sua mulher, D. Maria Luísa de Sá Sotomayor, — havendo, sucessor:

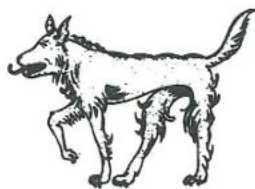
- 3 — **Rodrigo Lobo de Sousa Machado e Couros.** — Senhor da casa mandada reedificar por seu tio paterno o Rev.º Rodrigo de Sousa Lobo, posteriormente conhecida por Casa dos Lobos Machados, e da Casa de Santão, fidalgo da Casa Real. Casou com

(486) Não sei onde está a carta de brasão de armas.

D. Bernarda Josefa Pereira de Sotomayor, filha de Nicolau de Arrochela Vieira de Almeida Sodré, fidalgo da Casa Real, administrador dos morgados da Ameixoeira, do Paço e da Arrochela, e de sua mulher, D. Francisca Vitória Pereira de Sotomayor, da Casa de Cartemil (Ponte de Lima), — c. g..

Veja-se:

- *Arvores de Costados das Famílias Nobres*, por José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco, tomo II, costados 77 e 90.
- *Ultimas Gerações de Entre Douro e Minho*, por José de Sousa Machado, vol. I, costados 77 e 90 (*Paço de Nespereira (Guimarães) — Viscondes do Paço de Nespereira*), e pág. 479, e vol. II, págs. 515 e 516.
- *Nobres Casas de Portugal*, por António Lambert Pereira da Silva, vol. V, tít. de *Casa dos Lobos Machados*.
- *Pachecos*, — *Subsídios para a sua Genealogia*, por Abílio Pacheco de Carvalho, IV Parte (*Pachecos de Vila Verde (Felgueiras)*), § 3 (*Casa de Santão; Viscondes de Paço de Nespereira e Condes de Paço de Vitorino*).



(487) Livro de Nascimentos n.º 4 de Nossa Senhora da Oliveira, fl. 107 v. (B-17-2-67), — no A. M. A. P..

(488) Livro de Óbitos n.º 4, fl. 38 v. (B-17-3-9), — no A. M. A. P..

(489) Livro de Óbitos n. 4, fl. 71 (B-17-3-9), — no A. M. A. P..

Localização:

- Rua da Rainha.
- Antiga Casa do Despacho da Misericórdia. Frontaria, — no frontão do corpo da direita.

Material: granito.

Época: século dezassete (as obras da Casa do Despacho principiaram em 1620 e foram concluídas em 1634 ⁽⁴⁹⁰⁾).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: simbologia religiosa.

Escudo peninsular rematado por uma cruz latina e assente numa cartela decorativa.

⁽⁴⁹⁰⁾ «Sessão de Mesa de 31 de Maio de 1620. “Fêz-se contrato com João Lopes de Amorim, mestre de obras de pedraria, o qual também era Irmão vogal da Mesa, que se obrigou a fazer as obras da Casa do Despacho e mais oficinas desta Misericórdia, desde o canto da Igreja até ao canto da rua da Rochela, pela traça por êle feita, nas seguintes condições [...]” e «Sessão de Mesa e Definitório de 29 de Junho de 1634. Pelo Provedor “foi proposto como a obra da Casa estava acabada e se tratava de fazer conta com o Irmão João Lopes de Amorim, mestre de obras da pedraria [...]” e «Sessão de Mesa de 2 de Julho de 1634. Fêz-se escritura de contrato de obrigação, quitação e remate de contas que a Mesa fêz com João Lopes de Amorim, sôbre as obras da Casa, da qual consta: “Disseram que o dito João Lopes tinha acabadas tôdas as obras das oficinas desta Santa Casa e Hospital dela, na forma dos contratos que para êsse efeito se fizeram [...]”» (in *A Santa Casa da Misericórdia de Guimarães — Apontamentos para a sua história*, Guimarães, 1931, págs. 138 e 139 e págs. 160 e 161, respectivamente). Ver *Santa Casa*, por A. L. de Carvalho, 2 vols., Guimarães, 1952-1953. Nas *Memórias Resuscitadas da Província de Entre Douro, e Minho*, pelo Bacharel Francisco Xavier da Serra Crasbeeck, ano de 1726, ms. da Biblioteca Nacional de Lisboa, fl. 111 v.: «Logo deçendo a escada da Cappella mor [da Igreja da Misericórdia] da p.^o do Evangelho está huã Cappella de S. Bento, que mandou fazer o d.^{or} João Carneiro de Moraes, que a dotou, e fabricaõ seos descendentes, e nella tem o Escudo de suas Armas.», e fl. 112 v.: «Haõ nesta Igreja muitas sepulturas com Letreiros, e Armas aguaãs, das quaes agora faremos mençaõ (*nenhuma mençaõ se fez*).».



114



Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

AS CINCO CHAGAS DE CRISTO

(1)

(1) Tem havido confusão entre o escudo com as cinco chagas de Cristo (*de prata, cinco chagas de vermelho*) e o escudo com as cinco chagas de Cristo da heráldica franciscana (*de ouro, cinco chagas de vermelho*).



Localização:

- Rua da Rainha.
- Antiga Casa do Despacho da Misericórdia. No frontispício da fonte existente no pátio, metida na parede, sob a escadaria de pedra que conduz aos dois pisos superiores ⁽⁴⁹¹⁾.

Material: granito. Armas não esculpidas, mas pintadas ⁽⁴⁹²⁾.

Época: ano de 1642 ⁽⁴⁹³⁾.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica real.

Escudo peninsular.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL

(1)

(1) De prata, cinco escudetes de azul, postos em cruz, cada escudete carregado de cinco besantes do campo, e bordadura de vermelho, carregada de sete castelos de ouro.

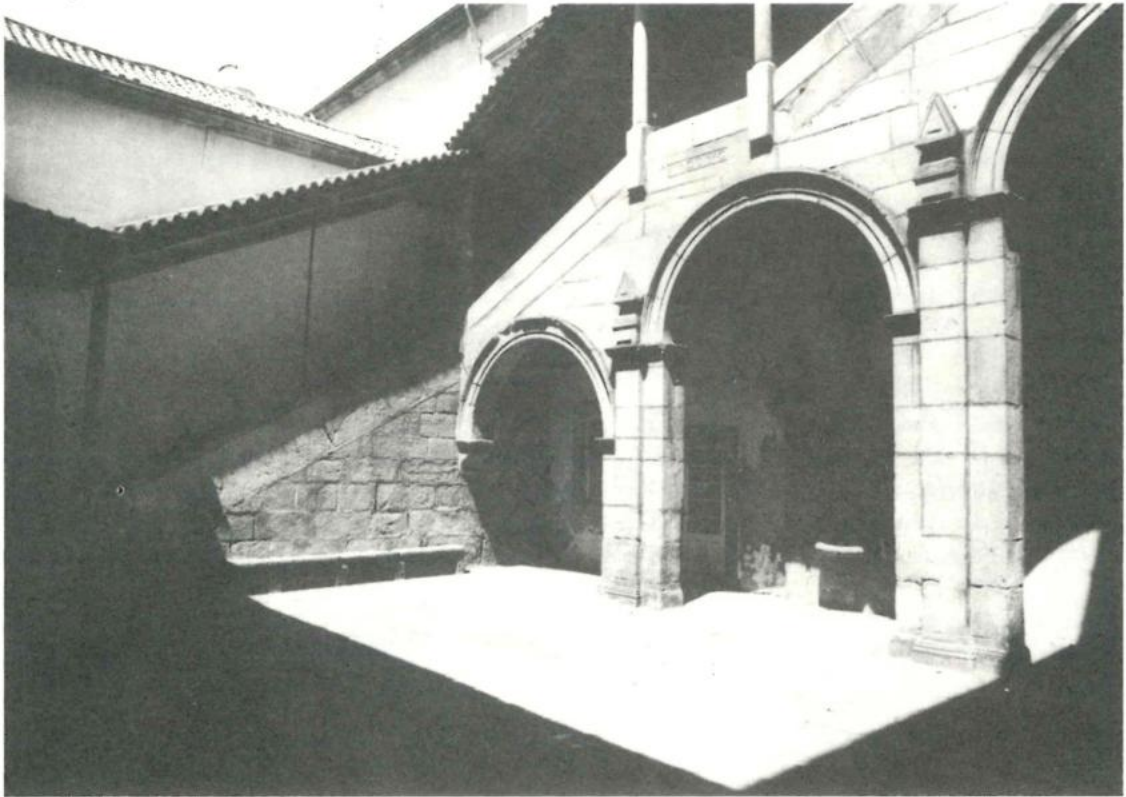
⁽⁴⁹¹⁾ Na escadaria, na guarda, entre o primeiro e o segundo andares, lê-se: ANNO DE (com letras geminadas) 1640. Ver *A Santa Casa da Misericórdia de Guimarães — Apontamentos para a sua história*, cit., pág. 166 («Sessão de Mesa de 6 de Novembro de 1639 “Foi feita escritura de contrato com o mestre de obras de pedraria, João Lopes de Amorim, morador nesta vila, para êle fazer uma escada de pedraria (é a que existe) pelo molde e forma que foi mostrada na Mesa [...]”»).

⁽⁴⁹²⁾ Aliás, com vestígios de pintura.

⁽⁴⁹³⁾ Ladeando o escudo: ANNO/1642. Ver *ob. cit.*, págs. 145, 160 e 161 (*Sessão de Mesa de 7 de Junho de 1625, Sessão de Mesa e Definitório de 29 de Junho de 1634 e Sessão de Mesa de 2 de Julho de 1634*).



115



Localização:

- Rua de D. João I.
- Casa que pertenceu a Custódio José Pereira da Cunha Rodrigues e Vale? Frontaria.

Material: granito.

Época: último quartel do século dezoito?

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo francês. Elmo com virol e timbre. O escudo e o elmo assentes numa cartela *rocaille*.

Escudo:

Composição: esquartelada.

Leitura:

I PEREIRA	(1)
II CUNHA	(2)
III RODRIGUES, de Martim Rodrigues	(3)
IV VALE	(4)

Diferença: uma brica com um farpão

Timbre de PEREIRA (5)

- (1) Uma cruz florenciada e vazia.
- (2) Nove cunhas, postas 3, 3 e 3.

- (3) Cinco flores-de-lis, e chefe carregado de uma cruz florenciada e vazia.
- (4) Três espadas, com as pontas para baixo, postas em pala e alinhadas em faixa.
- (5) Uma cruz florenciada e vazia, ladeada de duas asas. Também é frequente encontrar-se *não vazia* a cruz florenciada.

Este brasão de armas também está esculpido em pedra na frontaria da Casa da Freiria (S. João de Ponte-Guimarães). Lê-se em *Velhas Casas, I (S. João de Ponte-Guimarães)*, — *Casa da Freiria*, por Maria Adelaide Pereira de Moraes, in «Boletim de Trabalhos Históricos», do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães, vol. XXIV (1964), pág. 32: «É com Domingos António da Silva, ex-cónego e arcediogo de Vila Cova, que D. Luísa [Pereira da Cunha Leite, senhora da Quinta da Freiria,] entrança o seu destino a 28-4-1836. Filho de ambos é António Pereira da Silva Leite ⁽⁴⁹⁴⁾, o «Freiria», que na Casa da Freiria coloca o brasão que hoje vemos: esquartelado — no 1.º Pereira; no 2.º Cunha; no 3.º Rodrigues e no 4.º Vale, coroadado pelo Timbre dos Pereiras ⁽²⁶⁾ [«(26) O Brasão colocado nesta Casa está descrito no Processo de Justificação de Nobreza de Custódio José Pereira da Cunha Rodrigues e Vale, que nele pede para usar as armas de seus apelidos. (Maço 8-C, n.º 22, de 1752, Torre do Tombo, data esta, 1752, que é a que figura no Índice, apesar do Processo de Justificação ser datado de 13-5-1759). Lembra o Ex.^{mo} Sr. Sigismundo Manuel Peres Ramires Pinto, que muito amavelmente fez esta pesquisa na Torre do Tombo, que, em vista da diferença das duas datas, tenha a Carta de Armas sido passada antes do incêndio do Cartório da Nobreza (1755). Se assim for, a Justificação de 1759 seria uma 2.ª via. Embora a Família da Freiria não descenda de Custódio José Pereira da Cunha Rodrigues e Vale, é com ele aparentada]».



⁽⁴⁹⁴⁾ *Últimas Gerações de Entre Douro e Minho*, por José de Sousa Machado, vol. I, costado 86 (*Casa da Azenha*), § 1.º (*Casa da Freiria (Guimarães)*), e vol. II, págs. 518, 519 e 588.



116



Localização:

- Rua de D. João I.
- Casa que pertenceu a José Bernardes Branco Ribeiro de Carvalho. Frontaria.

Material: granito.

Época: a carta de brasão de armas foi passada a José Bernardes Branco Ribeiro de Carvalho em 1762.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo numa cartela de inspiração *rocaille*. Elmo com virol, timbre e plumas.

Escudo:

Composição: partida.

Leitura:

I RIBEIRO, moderno (1)

II CARVALHO (2)

Diferença: uma brica com um crescente (3)

Timbre de RIBEIRO, moderno (4)

(1) Esquartelado: o I e o IV com quatro palas; o II e o III com três faixas veiradas (na c. b. três faixas veiradas de prata e contraveiradas de sanguinho).

(2) Uma estrela de oito pontas, encerrada numa caderna de crescentes.

(3) Na carta de brasão de armas: *uma brica de azul, com um crescente de prata.*

(4) Um lírio florido de cinco peças.



117



*
* *
*

Carta de brasão de armas passada a José Bernardes Branco Ribeiro de Carvalho (495):

«DOM JOZE / Por graça de Deos Rey de Por- / tugal, e dos Algarves da quem, e / da lem
mar em Africa Senhor / de Guiné, e da conquista nave- / gação comercio da Ethiopia
A- / rabia, Percia, e da India &. Fa- / ço saber a todos os q̄. esta minha Carta de Bra- / zaõ
de Armas virem, que Jozé Bernardes / Branco Ribeiro de Carvalho, Cavaleiro profe- / ço
na Ordem de Christo, morador na sua quĩ- / ta, e Caza de Pombal, freguezia de S.^{to} Tirço
de / Prazins, termo da Villa de Guimaraes, me / fes petição dizendo nella, que elle vinha
por / legitima descendencia da nobre geração, e / linhagem dos Ribeiros, e Carvalhos as
qua- / es familias são neste Reyno de Fidalgos de / Solar, Linhagem, e Cota de Armas, e
me pe- / dia por mercê, q̄. para á memoria de seos / antepassados se não perder, e elle
uzar, e gozar / da honra das Armas, que pelos merecimẽ- / tos de seus servissos ganharaõ,
e lhe foraõ / dadas, assim dos p̄vilegios, honras, graças, e / merces, que por direito, e
por bem dellas lhe / pertencem lhe mandasse dar minha Carta / das ditas Armas, q̄. estavaõ
registadas em os / livros dos Registos das Armas dos Nobres, / e Fidalgos de meos Reynos,
que tem Portu- / gal meu Principal Rey de Armas. Para o / que me apresentou huã sen-
tença de justi- / ficação de sua ascendencia, e nobreza pro- // proferida pelo Doutor
Bartholomeu Gomes Mon- / teiro meu Dezembargador, e Corregedor do Civel / em esta
minha Corte, e Caza da Suplicação, escrip- / ta por Antonio Joze de Souza Escrivão do
dito / juizo em a qual mostrou por testemunhas ser / Filho legitimo de Salvador Fernandes
Branco / natural de Miradouro, freguezia de S. Miguel / de Creixomil, e de sua m.^{er}D. Ma-
ria Ribeiro Ber- / nardes natural da Portella freguezia de S. Jorge / de Sima de Selho;
moradores, que foraõ na sua / quinta do Rebotto, freguezia de S. Martinho de / Cardozo (496).
Neto pela parte Paterna de Domingos / Gonçalves Branco, e de sua m.^{er} Izabel Fernandes /
naturaes, e moradores, q̄. foraõ na sua quinta de / Miradouro da d.^a freguezia de S. Miguel
de Crei- / xomil, E pela Materna, q̄. he Neto de Antonio / Ribeiro Bernardes, e de
sua m.^{er}D. Antonia de Sou- / za de Carvalho, de Cavaleiros natural do termo / de Barcelos.
Os quaes todos, q̄. foraõ muito Nobres, / e como taes se trataraõ a ley da Nobreza com cre-
/ ados, cazeiros, e cavallos concervando as regalias / de seus passados, que eraõ legitimos
Christaõs Ve- / lhos, sem rumor em contrario, e descendentes dos / verdadeiros, Ribe-
iros, e Carvalhos deste Reyno. / E por q̄. o seu requerimento era justo por se achar / tudo
o sobre dito provado na dita sentença, o dito / meu Rey de Armas revendo os referidos
livros / dos Registos das Armas da Nobreza, e Fidalguia / destes meus Reynos nelles

(495) No arquivo de família da Casa do Costeado, em Guimarães, casa de que são actuais senhores os herdeiros do Eng.^o D. Bernardo Ferrão de Tavares e Távora, senhor da Casa do Costeado, sexto neto de José Bernardes Branco Ribeiro de Carvalho.

(496) Aliás, Candoso.

achou as q̄. pertencem / as nobres, e antigas linhageãs dos ditos Ribeiros, / e Carvalhos na forma, nesta minha Carta lhas or- / denou, e vaõ illuminadas com figuras cores e / metaes segundo o Regimento, e Ordenaçã da Ar- / maria. A saber. Hum Escudo partido em // em palla. Na primeira as Armas dos Ribeiros, que / saõ espartelladas, no primr.º quartel em campo de / ouro quatro bastoẽs sanguinhos, no segundo em cam- / po negro tres faxas veiradas de prata, e contraveira- / das de sanguinho, e assim os contrarios. Na segunda / palla as dos Carvalhos, que saõ em campo azul huã / estrella



de ouro de oito rayos no meyo de huma / quaderna de crecentes de prata. Elmo de prata / aberto guarnecido de ouro. Paquife dos metaes, e cores / das Armas. Timbre o dos Ribeiros que he hum pé / de lirio de ouro florido, e por differença huã brica / azul com hum crescente de prata. O qual Escudo, e / Armas poderá trazer, e traga o dito Jozé Bernardes / Branco Ribeiro assim como as trousseraõ, e dellas / uzaraõ os ditos Nobres, e antigos Fidalgos seus ante- / passados em tempo dos muy esclarecidos Reys / meus antecessores, e com ellas possa entrar em ba- / talhas, campos, reptos, escaramuças, e exercitar / com ellas todos os outros actos licitos da guer- / ra, e da pax. E assim as possa trazer em

seus fir- / mais, aneis, senetes, e devizas pollas em suas / cazas, e idefficios, e deixallas sobre sua propria / sepultura, e final-mente se poderá servir, honrar, / gozar, e aproveitar dellas em todo, e por todo como a / sua nobreza convem. Com o que quero, e me pras, / que haja elle todas as honras, privilegios, liberda- / des, graças, merces, izenções, e franquezas, que haõ, / e devem haver os Fidalgos, e Nobres de antiga li- / nhagem, e como sempre de todo uzaraõ, e gozaraõ / os ditos seus antepassados, pello, que Mando a / todos meus Dezembargadores, Corregedores Juizes, / Justiças, Alcaydes, e em especial aos meus Reys / de Armas, Arautos, e Paçavantes, e a quaes quer ou- / tros officiaes, e pessoas a quem esta minha Carta // for mostrada, e o conhecimento della pertencer que / em tudo lha cumpraõ, e guardem, e façaõ cumprir, / e guardar como nella he contheudo sem duvida nem / embargo algum que ella lhe seja posto porque as- / sim he minha merce. El Rey Nosso Senhor õ man- / dou por Luiz Rodrigues Cardozo Escudeiro Caval- / leiro de sua Caza, e seu Rey de Armas Portugal. Frey / Manoel de S.^{to} Antonio, e Silva da Ordem de S. Pau- / lo a fez em Lixboa por Provizaõ do dito Senhor a- / os dezoito dias do mes de Mayo de mil sete centos / sesenta, e dous e Eu Rodrigo Ribeyro da Costa / Escrivam da Nobreza nestes Reynos e Se- / nhorios de Portugal e todas as suas conquistas / por sua Magestade que Deos goarde o fiz / Escreuer e Sobescreuij / Portugal: Reij: de Armas: P.^{al} / Fica Registado Este Brazam no Cartorio / da Nobreza no L.^o 2.^o a fl. 92 v^o / Rodrigo Ribr.^o da Costa».

*
* *
*

JOSÉ BERNARDES BRANCO RIBEIRO DE CARVALHO. — Nasceu em S. Martinho de Candoso, no termo de Guimarães, a 15 de Abril de 1719, sendo seus pais Salvador Fernandes Branco e mulher, Maria Ribeiro Bernardes ⁽⁴⁹⁷⁾. Foi cavaleiro professo na Ordem de Cristo («Armado Cavaleiro de Cristo em Tomar, no Convento de Cristo, a 22-6-1748. Arq. da Casa do Costeado»), tesoureiro-mor da Bula da Santa Cruzada, fidalgo de cota de armas; e casou com sua prima D. Ana Maria Bernardes de Figueiredo («A escritura deste casamento foi feita, a 18-2-1741, nas notas do Tab. José da Costa. Arq. Mun. A. Pimenta»), — e residiram na «casa grande da Rua de S. Domingos», c. g. ⁽⁴⁹⁸⁾.

Veja-se:

— *Arvores de Costados das Familias Nobres*, por José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco, tomo II, costado 81.

⁽⁴⁹⁷⁾ Livro Misto n.^o 6, fl. 63 v. (B-16-3-53), — no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

⁽⁴⁹⁸⁾ Cf. *Casa da Covilhã (Velhas Casas)*. Ver *Casa do Costeado (Velhas Casas)*. A Rua de S. Domingos é a actual Rua de D. João I.

- *Últimas Gerações de Entre Douro e Minho*, por José de Sousa Machado, vol. I, costado 81 (*Casa da Covilhã (Guimarães)*), e pág. 479, e vol. II, pág. 517.
- *Velhas Casas, II (Fermentões- Guimarães)*, — *Casa da Covilhã*, por Maria Adelaide Pereira de Moraes, in «Boletim de Trabalhos Históricos», do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães, vol. XXV (1965).
- *Velhas Casas, III (Creixomil- Guimarães)*, — *Casa do Costeado*, por Maria Adelaide Pereira de Moraes, in «Boletim de Trabalhos Históricos», do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães, vol. XXVI (1966).
- *Pachecos — Subsídios para a sua Genealogia*, por Abílio Pacheco de Carvalho, § 3 da IV Parte.



Localização:

— Convento de Santa Rosa de Lima (extinto) ⁽⁴⁹⁹⁾. Entre os lados do frontão interrompido que decora o portal de acesso ao pátio de entrada do edifício.

Material: granito.

Época: ano de 1747?, ou ano de 1748? ⁽⁵⁰⁰⁾.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das dignidades eclesiásticas.

Escudo assente numa cartela onde encontramos ornatos concheados e de inspiração acântica, volutas e ornatos que nos lembram cornucópias estilizadas. Coronel. Cruz dupla posta em pala atrás da cartela e passando por dentro do coronel, — a cartela assente em elementos de sugestão fitomórfica reunidos em ponta. Chapéu eclesiástico com cordões com quinze borlas a cada lado (1, 2, 3, 4 e 5). Tenentes: dois anjos, assentados nos lados do frontão.

Escudo:

Composição: plena.

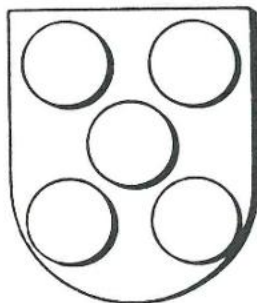
Leitura:

PORTUGAL

(1)

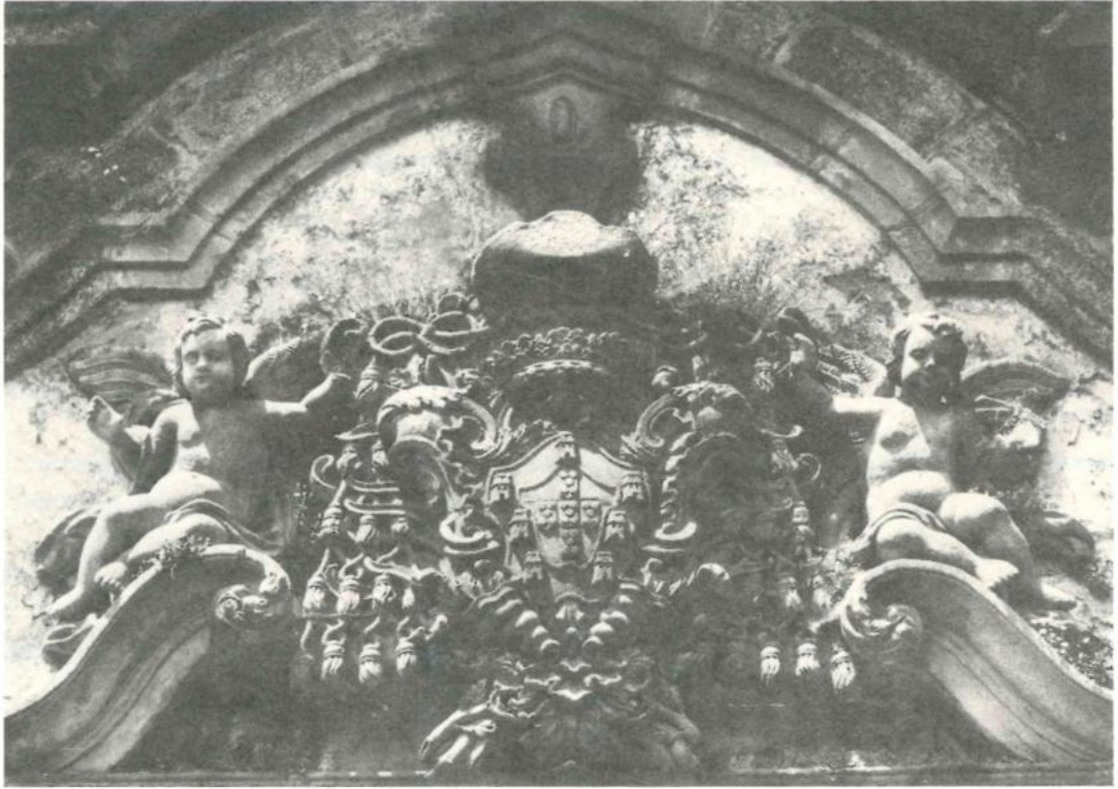
(1) Cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes, e bordadura carregada de sete castelos. Na pedra de armas estão torres torreadas em vez de castelos.

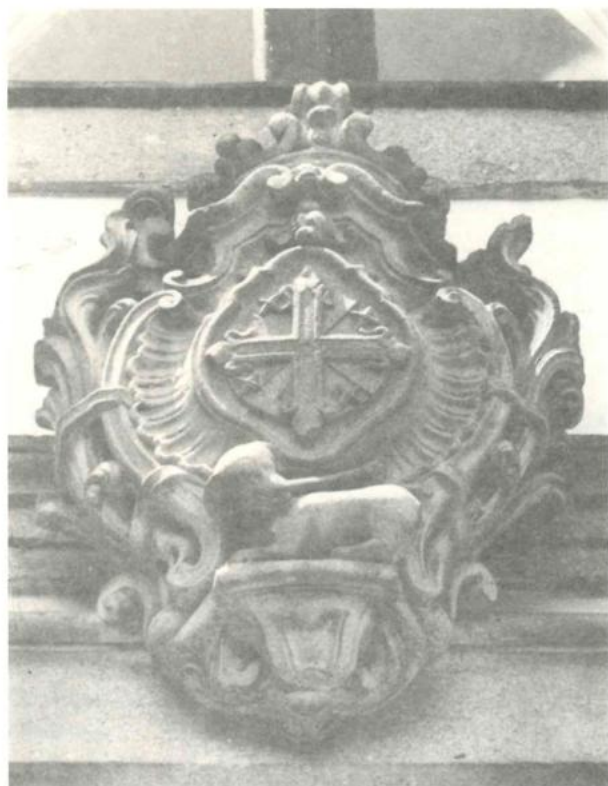
É o brasão de armas de D. José de Bragança, Arcebispo de Braga (1741-1756). Note-se a ausência de *diferença*, — diferença que este arcebispo nunca usou. Esta omissão de *diferença* em armas reais, quer se trate de filho legítimo ou legitimado, é franca usurpação de símbolos de soberania. D. José de Bragança era filho natural, reconhecido no testamento de seu pai, de D. Pedro II e de D. Francisca Clara da Silva.



(499) Vulgarmente conhecido por *Convento das Dominicicas*. Ver o n.º 119.

(500) A pedra de armas teria sido mandada esculpir quando o Arcebispo D. José de Bragança esteve a residir em Guimarães (1747-1748) (ver tomo II do presente vol. VII, pág. 339, nota (371))?





119



118 e 119

Localização:

— Convento de Santa Rosa de Lima (extinto) ⁽⁵⁰¹⁾. Na fachada principal que dá para o pátio de entrada do edifício.

Material: granito.

Época: terceiro quartel do século dezoito?

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das corporações religiosas.

Escudo, numa cartela decorada com ornatos concheados, volutas, elementos fitomórficos estilizados, e, assente numa mísula, em ponta, o cão com o facho na boca, da simbologia dominicana.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

ORDEM DE S. DOMINGOS (1)

(1) Assim: gironado, com uma cruz florenciada (que se pretendeu representar vazia), brocante, acompanhada de quatro estrelas de quatro pontas, postas nos 1.º, 3.º, 5.º e 7.º girões. Ver o n.º 77 do tomo II do presente vol. VII.

⁽⁵⁰¹⁾ Vulgarmente conhecido por *Convento das Dominicanas*. Ver o n.º 118.

Localização:

— Basílica de S. Pedro ⁽⁵⁰²⁾. Frontaria, — no frontão.

Material: granito.

Época: ano de 1883 ⁽⁵⁰³⁾.

⁽⁵⁰²⁾ Sobre as vicissitudes porque passou a Igreja de S. Pedro deixou-nos estas notícias o P.^c António José Ferreira Caldas, no vol. II (1881), págs. 144 a 148, do seu trabalho *Guimarães, — apontamentos para a sua historia:*

«Igreja de S. Pedro

A irmandade de S. Pedro — a *primeira* d'este titulo em Portugal, conforme o dizer da GAZETA DE LISBOA, n.º 20, de 1751 — esteve erecta desde a sua primitiva fundação até 1697 na capella da invocação do seu padroeiro, nos claustros de Nossa Senhora da Oliveira.

Gastou largos annos em amargas pendencias, e dispendiosas questões com o cabido, por causa da presidencia d'esta irmandade, ou da curaria da Oliveira nos actos publicos religiosos.

Descontente a irmandade por estes motivos; e não desejando viver em casa dos seus adversarios, tentou a compra d'um altar lateral na igreja de S. Damaso, onde pudesse celebrar os seus officios. Mas não podendo realisar-se tal contracto, installou-se provisoriamente n'outra capella dos claustros de S. Francisco, nos annos de 1733, onde esteve collocada até 1750.

N'este decurso de tempo, anciando sempre a irmandade a posse d'uma capella exclusivamente sua, pediu licença á camara para a edificar sobre o *socalco* da rua de Couros, hoje largo do Trovador, junto ás *oliveiras* de S. Sebastião; mas não podendo ainda realisar tal projecto, resolveu finalmente, em 1737, dar principio ás obras no largo do Toural, onde existe a sua igreja actual.

Em 1750, a 11 de novembro, benzida a nova capella, e conduzida para ella a imagem do padroeiro a 29 do mesmo mez, principiou a funcionar aqui a irmandade, atribulada sempre pelas questões do cabido, que lhe custaram a extincção desde 1768 a 1778, em que foi restaurada, ficando comtudo bastante damnificada pelas extraordinarias despezas das obras, que de novo foi projectando. Estas obras por falta d'um plano primitivo, e depois por um plano excessivamente grandioso, não puderam chegar a concluir-se; e foram suspensas em 1824, até aos nossos dias, em que se recommencaram os trabalhos para a sua conclusão.

Este templo, apesar de incompleto, como dissemos, foi elevado por indulto da Santa Sé á categoria de basílica, a *primeira*, que na *prima* diocese se reconhece e a *terceira* que illustra o orbe lusi-



120



tano, como diz Freitas e Sampaio no seu ELOGIO METRICO em louvor do snr. Luiz Antonio da Costa Pego ¹. Elevou-a a esta categoria de basilica o Papa Benedicto XIV, em Breve de 26 de março de 1751.

As pendencias a que acima me refiro, nada tem de singulares. Analogas a estas, com dispendios congeneres, teve tambem a irmandade de S. Pedro em Braga, estabelecida a principio na Sé primaz, até chegar a conseguir uma igreja propria. E ainda em 1702 deixam entrever isto os seus raros *Estatutos*, então impressos n'um volume in-folio, e de que possui um bello exemplar o nosso mestre e amigo Pereira Caldas.

Como dissemos, não chegou nunca a concluir-se a obra, e no interior ainda hoje é provisório o altar-mór e sanefas dos altares lateraes, que apenas constam de pinturas ordinarias sobre tábuas lisas. Os tectos do corpo da igreja estão ainda mostrando a armação do telhado, estando apenas estucada a capella-mór. Divide esta do corpo da igreja um arco de pedra; e tem quatro altares lateraes, o primeiro dos quaes do lado do Evangelho é dedicado ao pontifice S. Pedro, imagem de roca com habitos pontificaes, o segundo é de Nossa Senhora das Dôres, sendo os dous fronteiros do Senhor da Agonia e de Nossa Senhora.

Ha n'esta igreja lausperenne ás segundas e quartas-feiras, de quinze em quinze dias; sendo o das quartas instituido por Christovão José Rodrigues e sua mulher Maria Thereza, inaugurado com toda a pompa em 28 de junho de 1828; e aquelle instituido por D. Maria da Luz do Sacramento, viuva, em 1863.

Existem na sacristia d'esta igreja dous quadros a oleo, representando as cabeças dos Apostolos S. Pedro e S. Paulo, os quaes os peritos julgam preciosidades de consideravel valor.

A mesa actual d'esta irmandade, aproveitando já alguns serviços das mesas antecedentes, reuniu a 4 de novembro de 1880 a junta magna, a fim de lhe apresentar um risco e planta para a conclusão das obras da igreja. Este risco approved pela mesma junta foi em seguida submettido á approvaçãõ da real associaçãõ dos archeologos e architectos de Lisboa, ficando desde logo a mesa authorisada a dar principio ás obras, approved que fosse o risco. E assim foi; principiando-se a demolir o que era provisório a 4 de abril de 1881.

N'um livro de Termos d'esta irmandade, encontrei a respeito da sua igreja a seguinte memoria, que passo a transcrever: «Aos 23 de março de 1809 entraram os francezes n'esta villa de Guimarães. O Padre Sacristão desta Igreja levou toda a prata desta Irmandade para casa do Rev.º Abade do Salvador de Pinheiro e a enterrou, ao depois os Francezes a desenterraram e a levaram, que constava de cinco calices e hum principalmente precioso de figuras levantadas, que tinha dado o Rev.º Beneficiado Luiz Antonio da Costa Pego, e tambem levaram huma caldeira e hissope de prata, humas galhetas de prata e o resplendor de S. Pedro, como tambem um anel de diamantes, as chaves de S. Pedro, a coroa de Nossa S.^a d'Assumpçãõ, a coroa de N. Senhora do Rosario, a do Menino, a custodia de expor o SS. Sacramento, a chave do sacrario, o resplendor de S. Pedro pequeno e as chaves, um jarro e bacia de prata de botar agua ás mãos, tudo isto levaram os Francezes no dito dia assima, e no dia 13 de maio do dito anno, entraram nesta Igreja de S. Pedro, em que encheram toda a Igreja de cavalos, como tambem a sacristia, e levaram varios ornamentos e toalhas e foram ao sacrario e quebraram o santo lenho que estava metido no sacrario e não appareceu o santo lenho. Os altares apareceram cheios de milho e tambem toucinho, os caixões de guardar os aparamentos

¹ *Guimarães, — apontamentos para a sua historia*, vol. I (1881), pág. 238: *Luís António da Costa Pego de Barbosa, fidalgo capelão da casa real, oficial da secretaria de estado dos negócios do Reino, cavaleiro professo na ordem de Cristo, senhor do morgado de Santo Estêvão, em Guimarães, padroeiro da basilica de S. Pedro, para cuja igreja conseguiu tal título. Nasceu a 24 de setembro de 1710, sendo filho de Francisco da Rocha Veloso e de D. Isabel da Trindade de Barbosa.*

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica papal.

Escudo circular.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

Um livro aberto, lendo-se na página à esquerda do observador: *Tu es Petrus. Math. XVI.*; e à direita: *Ubi Petrus ibi Ecclesia. S. Aug.* ⁽⁵⁰⁴⁾. O livro assenta sobre as duas chaves de S. Pedro passadas em aspa e está encimado pela tiara papal.

cheios de milho e palha, os esguiches de lavar as mãos quebrados, o supedaneo onde se assentam os Padres às missas cantadas cheio de cinza e carbões, que ahi cosinharam, e para em todo o tempo constar mandou a presente Meza fazer esta declaração, a qual a escrevi como Secretario actual da Irmandade. O Padre José Antonio Ribeiro da Rocha, Secretario. — Guimarães 28 de junho de 1809». »

⁽⁵⁰³⁾ Lê-se em *Guimarães, — apontamentos para a sua historia*, pelo P.^o António José Ferreira Caldas, vol. II (1881), págs. 146 e 147: «A mesa actual d'esta irmandade, aproveitando já alguns serviços das mesas antecedentes, reuniu a 4 de novembro de 1880 a junta magna, a fim de lhe apresentar um risco e planta para a conclusão das obras da igreja. Este risco approved pela mesma junta foi em seguida submettido á approvação da real associação dos archeologos e architectos de Lisboa, ficando desde logo a mesa authorisada a dar principio ás obras, approved que fosse o risco. E assim foi; principiando-se a demolir o que era provisorio a 4 de abril de 1881». E lê-se em *Guimarães do passado e do presente*, ed. da Câmara Municipal de Guimarães, 1985, no artigo de Manuel Alves de Oliveira *A Cidade de Guimarães no séc. XIX num plano de urbanização*, pág. 36: «Entretanto foram prosseguindo as obras da igreja de S. Pedro, sendo em 22 de Dezembro de 1883 colocada a tiara pontificia sobre o brasão que decora o frontispício e, poucos dias depois, rematado o frontão. A cruz pontifical foi colocada a 24 de Abril de 1884».

⁽⁵⁰⁴⁾ Tu és Pedro e Onde [está] Pedro aí [está] a Igreja.

Localização:

- Largo do 25 de Abril.
- Casa de Trás-os-Oleiros. Frontaria.

Material: granito.*Época:* século dezanove (num dos anos de 1823 a 1833, parece-me).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo, rodeado de ornatos fitomórficos.

Escudo:

Composição: esquartelada, com um sobre-o-todo. (1)*Leitura:*

- | | |
|----------------------------|-----|
| I SOUSA, dito de Arronches | (2) |
| II CARVALHO | (3) |
| III PINTO | (4) |
| IV SILVA | (5) |

Sobre-o-todo, partido:

- | | |
|-------------|-----|
| 1.º AMARAL | (6) |
| 2.º FREITAS | (7) |

Diferença: uma brica com um farpão (8)

Diferença: uma brica com um trifólio (9)

- (1) O sobre-o-todo somente brocante sobre o III e o IV quartéis, com o bordo superior firmado no traço de partição horizontal do esquartelado.
- (2) Sem o filete posto em contrabanda no I e no IV quartéis; e com torres na bordadura, em vez de castelos.
- (3) Uma estrela de oito pontas, encerrada numa caderna de crescentes.
- (4) Cinco crescentes.
- (5) Um leão.
- (6) Seis crescentes invertidos, postos 2, 2 e 2.
- (7) Cinco estrelas de seis pontas.
- (8) No sobre-o-todo temos o brasão de armas passado a Fernando Peixoto do Amaral e Freitas ⁽⁵⁰⁵⁾.
- (9) Ver adiante a *Carta de brasão de armas passada a João Pinto Teixeira de Carvalho de Sousa da Silva*.

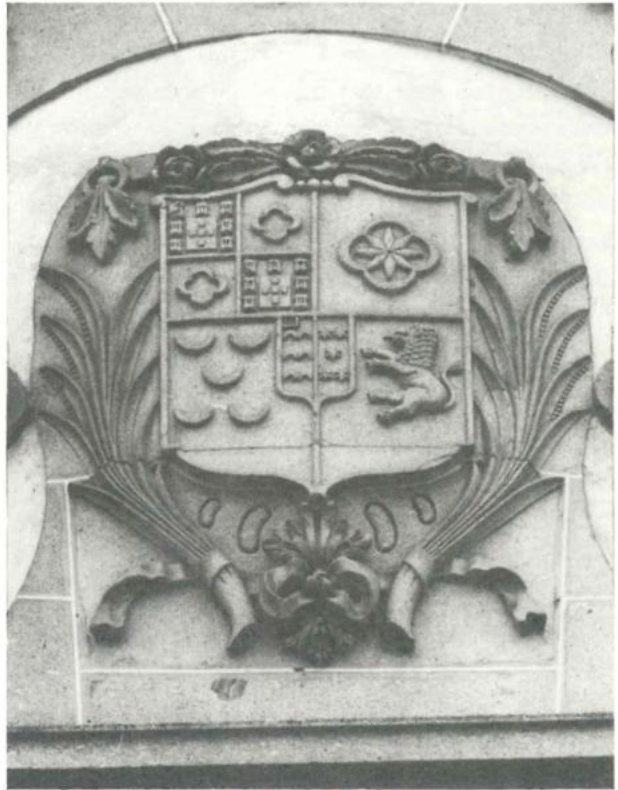
*
* *

Carta de brasão de armas passada a João Pinto Teixeira de Carvalho de Sousa da Silva:

Cartório da Nobreza.
Livro 7.º do Registo dos Brasões de Armas, fl. 364.
— Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

«Dom João por Graça de Deos Rey do Reyno Unido de Portugal, do Brazil, e Algarves daquem e dallem mar, em Africa Senhor de Guiné, e da Conquista Navegação, e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India &c. Faço saber aos que esta Minha Carta de Brazaõ de Armas de Nobreza e Fidalguia virem que João Pinto Teixeira de Carvalho de Souza da Silva, da Villa de Guimarens, me fes petição dizendo que pella sentença de Justificação de sua Nobreza a ella junta, profferida e assignada pello Meu Dezembargador Corregedor do Civel da Corte, e Caza da Suplicação o Doutor Jose Guilherme de Miranda, subscripta por Joaquim Rebello de Lima e Aragaõ, Escrivaõ do mesmo Juizo, se mostrava que elle he filho legitimo de Francisco Pinto de Carvalho Bezerra de Souza da Silva, e de sua mulher Donna Luiza Joanna de Barboza de Lima. Neto por parte Paterna do Sargento Mór Manoel Pinto Alves de Carvalho, e de sua mulher Donna Maria Getrudes Teixeira Bezerra do Rego. Segundo Neto de Gaspar Alves de Carvalho de Souza da Silva, e de sua mulher Donna Senhorinha Francisca Bezerra do Rego. Terceiro Neto de Antonio Teixeira do Rego de Souza da Silva, e de sua mulher Donna Maria Francisca Teixeira da Cunha. Quarto Neto de Antonio Rodrigues Pinto Teixeira da Cunha, e de sua mulher Donna Maria do Rego. Quinto Neto de Gaspar João de Souza da Silva, e de sua mulher Donna Maria Bezerra do Rego. Sexto Neto de Jorge Teixeira Bezerra do Rego. Setimo Neto de Antonio Teixeira Bezerra do Rego,

(505) Ver o tomo II do presente vol. VII, págs. 310 e segs..



121



e de sua mulher Donna Catherina do Rego. Outavo Neto de Jorge Lopes Teixeira Bezerra do Rego. Nono Neto de Lopo Dias Teixeira Bezerra do Rego. E que os refferidos seus Pays Avós, e mais Assendentes são pessoas munto Nobres, dessendentes das Illustres famillias dos Carvalhos, Pintos, Souzas, e Silvas, e como taes se tratáraõ sempre á Ley da Nobreza, com creados, e cavallos, sem que em tempo algum cometecem crime de Leza Magestade Divina ou Humana. Pello que me pedia elle suplicante por Mercê que para a memoria de seus Progenitores se não perder, e clareza de sua antiga Nobreza, lhe mandace dar Minha Carta de Brazaõ de Armas das dittas famillias para dellas taõbem uzar, na forma que as trouxeraõ e foraõ concedidas aos dittos seus Progenitores. E vista por Mim a ditta sua Petição, sentença, e constar de tudo o refferido, e de a elle como descendente das mencionadas famillias lhe pertence uzar e gozar de suas Armas, segundo o Meu Regimento, e Ordenação da Armaria lhe mandei passar esta Minha Carta de Brazaõ dellas, na forma que aqui vaõ Brazonadas, Divizadas, e Illuminadas com cores e metaes, segundo se achaõ Registadas no Livro do Registo das Armas da Nobreza, e Fidalguia destes Meus Reynos que tem o Meu Rey de Armas Portugal, a saber. Hum Escudo esquartellado, no primeiro quartel as Armas dos Souzas, por Privilegio, que são esquarteladas, no primeiro quartel as armas do Reyno com hum filete preto em contrabanda; no segundo em campo sanguinho huma quaderna de cressentes de prata, e assim os contrarios; no segundo quartel as dos Carvalhos, que são em campo azul, huma estrela de ouro, no centro de quatro cressentes de prata apontados; no terceiro as dos Pintos, que são em campo de prata, cinco cressentes sanguinhos com as pontas para sima postos em sautor; e no quarto as dos Silvas, que são em campo de prata cinco cressentes sanguinhos, digo, que são em campo de prata hum leaõ de purpura armado de azul. Elmo de prata aberto guarnecido de ouro. Paquife dos metaes, e cores das Armas. Timbre o dos Carvalhos que he hum Cisne de sua côr armado de ouro com a estrella das Armas no Peito, e por differença huma brica de prata com hum trifolio verde. O qual escudo e armas poderá trazer e uzar taõ sómente o dito Joaõ Pinto Teixeira de Carvalho de Souza da Silva assim como as trouxeraõ, e uzaraõ os dittos Nobres e antigos Fidalgos seus Antepassados em tempo dos Senhores Reys Meus Antecessores; e com ellas poderá entrar em Batalhas, Campos, Reptos, Escaramuças, e exercitar todos os mais actos licitos da Guerra; e da Paz. E assim mesmo as poderá trazer em seus Firmais, Aneis, Signetes e Divizas, pollas em suas Cazas, Capellas, e mais Edeficios, e deixallas sobre sua propria sepultura, e finalmente se poderá servir, honrar, gozar, e aproveitar dellas em tudo e por tudo como á sua Nobreza convem. Com o que Quero, e me Praz que haja elle todas as Honras, Privilegios, Liberdades, Graças, Mercês, Izençoens, e Franquezas, que haõ e devem haver, os Fidalgos e Nobres de antiga Linhagem, e como sempre de tudo uzáraõ, e gozaraõ os dittos seus Antepassados. Pello que Mando aos Meus Dezembargadores, Corregedores, Provedores, Ouvidores, Juizes, e mais Justiças de Meus Reynos, e em especial aos Meus Reys de Armas, Arautos, e Passavantes, e a quaesquer outros Officiaes, e Pessoas a quem esta Minha Carta for mostrada, e o conhecimento della pretencer, que em tudo lha cumpraõ e guardem, e façaõ inteiramente cumprir e guardar como nella se contem, sem duvida, nem embargo algum que a ella seja posto por que assim he Minha Mercê. ElRey Nosso Senhor o mandou por Joze Theodoro de Seixas Cavalleiro de

sua Caza Real, e seu Rey de Armas Portugal. Francisco de Paula Campos, Escrivão da Nobreza destes Reynos e seus Dominios a fes em Lisboa aos vinte e oito dias do mez de Janeiro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil oito centos e dezacete. E eu Francisco de Paula Campos a fis, e subscrevy. — O Rey de Armas Portugal — Joze Theodoro de Seixas. — E eu Francisco de Paula Campos a Registei e assigney — Fran.^{co} de Paula Campos.»

*
* *

JOÃO PINTO TEIXEIRA DE CARVALHO DE SOUSA DA SILVA. — Nasceu em Guimarães, na Rua do Guardal, a 26 de Abril de 1791 ⁽⁵⁰⁶⁾, e faleceu na Rua Caldeiroa a 24 de Junho de 1833 ⁽⁵⁰⁷⁾. Era filho de Francisco Pinto de Carvalho Teixeira Bezerra do Rego de Sousa da Silva, senhor da Casa do Guardal e da da Caldeiroa, em Guimarães, e da de Atães, em Fermil de Basto, e vereador eleito da Câmara de Guimarães (1808, 1812, 1814 e 1822) ⁽⁵⁰⁸⁾, que nasceu na Rua do Guardal a 2 de Outubro de 1752 ⁽⁵⁰⁹⁾, e de sua mulher, D. Luísa Teresa Joana Barbosa de Lima, casados em S. Sebastião, em Guimarães, a 24 de Agosto de 1786 ⁽⁵¹⁰⁾, a qual nasceu em Travassós, no termo de Guimarães (hoje no concelho de Fafe), a 22 de Dezembro de 1758 ⁽⁵¹¹⁾, e faleceu na Rua do Guardal a 26 de Dezembro de 1834 ⁽⁵¹²⁾; e era neto paterno de Manuel Pinto Álvares de Carvalho, sargento-mor de Guimarães, senhor da Casa do Guardal e da da Caldeiroa ⁽⁵¹³⁾, e de sua mulher e parenta D. Maria Gertrudes Teixeira Bezerra do Rego, senhora da Casa de Atães ⁽⁵¹⁴⁾; e era neto materno de João Barbosa de Lima e de sua mulher, Catarina de Oliveira ⁽⁵¹⁵⁾. Foi fidalgo de cota de armas (28-1-1817), bacharel em Leis pela Universidade de Coimbra, senhor da Casa do Guardal, da da Caldeiroa e da de Atães, condecorado com as medalhas de dedicação ao Rei e à Pátria e «pelo próprio Rei» com a da Real Efigie de D. Miguel, — tendo sido vereador da Câmara de Guimarães,

⁽⁵⁰⁶⁾ Livro de Nascimentos n.º 11 de S. Sebastião, fl. 35 v. (B-17-2-50), — no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

⁽⁵⁰⁷⁾ Livro de Óbitos n.º 4 de S. Sebastião, fl. 115 v. (B-17-2-60), — no A. M. A. P..

⁽⁵⁰⁸⁾ *Pintos Álvares de Carvalho, de Celorico de Basto (subsídios genealógicos)*, por Armando de Sacadura Falcão, § 1.º *Pinto de Carvalho do Amaral e Freitas* (in «Armas e Troféus», II série, tomo VIII (1967), pág. 76).

⁽⁵⁰⁹⁾ Livro de Nascimentos n.º 8 de S. Sebastião, fl. 185 v. (B-17-2-47), — no A. M. A. P.. *Ob. cit.* (-pág. 76): «faleceu a 30 de Dezembro de 1837».

⁽⁵¹⁰⁾ Livro de Casamentos n.º 2, fl. 81 (B-17-2-55), — no A. M. A. P.. A contraente, D. Luísa Joana Rosa de Santa Teresa, era assistente na cidade do Porto.

⁽⁵¹¹⁾ Livro de Nascimento n.º 3 de Travassós, fl. 189, — no Arquivo Distrital de Braga.

⁽⁵¹²⁾ Livro de Óbitos n.º 4 de S. Sebastião, fl. 122 (B-17-2-60), — no A. M. A. P..

⁽⁵¹³⁾ *Ob. cit.* (-pág. 75).

⁽⁵¹⁴⁾ *Ob. cit.* (-pág. cit.).

⁽⁵¹⁵⁾ *Ob. cit.* (-pág. 76).

procurador às Cortes e embaixador ao Rio de Janeiro, junto de D. João VI ⁽⁵¹⁶⁾. Casou em S. Sebastião, a 27 de Fevereiro de 1823 ⁽⁵¹⁷⁾, com *D. Maria da Alegria Peixoto do Amaral e Freitas*, senhora da Casa de Trás-os-Oleiros, com Capela de Nossa Senhora das Neves na Igreja de S. Domingos, em Guimarães ⁽⁵¹⁸⁾, da do Barreiro e Capela de Nossa Senhora dos Anjos, em Santa Maria de Souto, no concelho de Guimarães, da do Salgueiro, em Vila Nova de Famalicão, que faleceu em S. Sebastião a 9 de Novembro de 1868 ⁽⁵¹⁹⁾, e que era filha de Domingos do Amaral Peixoto e Freitas, que nasceu na Rua de Trás-os-Oleiros, em S. Sebastião, a 7 de Setembro de 1756 ⁽⁵²⁰⁾, e aí faleceu a 25 de Fevereiro de 1810 ⁽⁵²¹⁾, senhor das referidas casas e capelas ⁽⁵²²⁾, e de Josefa Maria da Silva ⁽⁵²³⁾, e que era neta paterna de Fernando Peixoto do Amaral e Freitas, fidalgo de cota de armas (15-11-1738) ⁽⁵²⁴⁾, cavaleiro da Ordem de Cristo (carta de 13-10-1745) ⁽⁵²⁵⁾, senhor da Casa de Trás-os-Oleiros e da do Barreiro e das capelas atrás citadas ⁽⁵²⁶⁾, e de sua mulher, D. Maria Rosa Correia da Silva, senhora da Casa do Salgueiro ⁽⁵²⁷⁾, e neta materna de João da Silva e de sua mulher, Tomásia da Silva ⁽⁵²⁸⁾, — com geração ⁽⁵²⁹⁾.

⁽⁵¹⁶⁾ *Ob. cit.* (-pág. 79) (em 1833 foi «incendiada por motivos políticos a sua Casa do Guardal, pelo que se passou a dar este nome à sua Casa de Trás dos Oleiros, na mesma cidade»). In *Guimarães, — publicação comemorativa das Festas Centenárias da Fundação de Portugal*, Câmara Municipal de Guimarães, 1940, o texto que acompanha a reprodução de uma aguarela de Jorge Maltieira (estampa): «Trecho pitoresco da velha Guimarães, que nos parece representar a escada de saída para os jardins da antiga Casa do Guardal, incendiada, por motivos políticos, no primeiro terço do século passado. Era pertença dos Pintos de Carvalho Sousas da Silva, boa gente da terra e tão dedicados ao serviço do senhor D. Miguel, que usavam os capotes de camelão forrados de baeta vermelha...».

⁽⁵¹⁷⁾ Livro de Casamentos n.º 3 de S. Sebastião, fl. 75 (B-17-2-56), — no A. M. A. P..

⁽⁵¹⁸⁾ Ver o n.º 80 do tomo II do presente vol. VII.

⁽⁵¹⁹⁾ Cf. informação da Conservatória do Registo Civil de Guimarães.

⁽⁵²⁰⁾ Livro de Nascimentos n.º 9 de S. Sebastião, fl. 8 (B-17-2-48), — no A. M. A. P..

⁽⁵²¹⁾ Livro de Óbitos n.º 4 de S. Sebastião, fl. 37 v. (B-17-2-60), — no A. M. A. P.. «E foi sepultado na sua Capella do Convento dos Relligiozos de São Domingos, sepultura da sua Casa desta mesma villa».

⁽⁵²²⁾ *Ob. cit.* (-pág. 79).

⁽⁵²³⁾ *Ob. cit.* (-pág. 79): «falecida em Guimarães a 6 de Maio de 1842».

⁽⁵²⁴⁾ *Ob. cit.* (-pág. 80) e *Anuário da Nobreza de Portugal*, ano II (1964), em *Pinto de Carvalho do Amaral e Freitas, de Guimarães*. Ver o n.º 80 do tomo II do presente vol. VII (*Carta de brasão de armas passada a Fernando Peixoto de Amaral e Freitas* (págs. 310 a 313)), — onde, na pág. 314, se deve acrescentar que seu avô paterno Fernão de Freitas de Mesquita do Amaral, chantre da Sé do Porto, foi morgado de Sezim e da Casa Nova (cf. *Velhas Casas, IX e X — Casa de Sezim*, por Maria Adelaide Pereira de Moraes («Boletim de Trabalhos Históricos», do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães, vols. XXXV (1984) e XXXVI (1985))).

⁽⁵²⁵⁾ 1.ª *ob. cit.* (-pág. 80).

⁽⁵²⁶⁾ *Ob. cit.* (-pág. cit.). Foi sepultado na Capela de Nossa Senhora das Neves.

⁽⁵²⁷⁾ *Ob. cit.* (-pág. cit.).

⁽⁵²⁸⁾ *Ob. cit.* (-pág. 81).

⁽⁵²⁹⁾ *Ob. cit.*.

Veja-se:

- *Anuário da Nobreza de Portugal*, ano II (1964), em *Pinto de Carvalho do Amaral e Freitas, de Guimarães*.
- *Pintos Álvares de Carvalho, de Celorico de Basto (subsídios genealógicos)*, por Armando de Sacadura Falcão. In «*Armas e Troféus*», II série, tomo VIII (1967), págs. 66 e segs. (§ 1.º — *Pinto de Carvalho do Amaral e Freitas (Casas do Guardal e da Caldeiroa, em Guimarães, de Atães, em Fermil de Basto, e do Barreiro, em Santa Maria de Souto)*, § 2.º — *Pinto de Carvalho Freitas do Amaral (Casas do Salgueiro, em Vila Nova de Famalicão, e da Eira, em Felgueiras)*, § 3.º — *Pinto de Carvalho Freitas do Amaral (Da Casa da Avela, em Guimarães)*, § 4.º — *Freitas do Amaral Lobo Machado (Dos Viscondes de Paço de Nespereira)*), e tomo IX (1968), págs. 23 e segs. (n.º 1) (§ 5.º — *Pinto de Carvalho do Amaral de Sousa e Freitas (Da Casa da Pena, em Santa Maria de Infias (Guimarães))*, § 6.º — *Peixoto de Bourbon do Amaral e Freitas*, § 7.º — *Azevedo Antas Bacelar e Barbosa Pereira de Castro (Das Casas de Antas, em Rubiães, do Outeiro, em S. Paio de Água-Longa, e do Castanheiro, em Paredes de Coura)*, § 8.º — *Castro Sousa Menezes e Abreu (Viscondes de Peso de Melgaço)*, § 9.º — *Mourão Antas Carvalho Sotto Mayor*, § 10.º — *Antas de Barros*, § 11.º — *Meireles Pereira Leite Teixeira Coelho (Da Casa do Campo (Celorico de Basto))*), e págs. 103 e segs. (n.º 2) (continuação do § 11.º, § 12.º — *Pita de Vilas-Boas Meireles (Viscondes de Guilhominil)*, § 13.º — *Meireles de Melo Magalhães (Alpendurada)*, § 14.º — *Leite Saldanha e Castro (Casa do Casal da Breia, em São Nicolau de Basto)*, § 15.º — *Morais Pinto de Almeida (Casa de Nine)*), e págs. 208 e segs. (n.º 3) (§ 16.º — *Meireles da Rocha de Lacerda (Casa da Igreja, em Santa Senhorinha, e da Fonte Velha, em Ponte da Barca — Condes de Campanhã e Barões de Grimancelos)*, § 17.º — *Garrido de Meireles (Casa do Campo, em Celorico de Basto)*, § 18.º — *Meireles e Vasconcelos (Da Casa do Bicanho (Soure))*, § 19.º — *Aranha Furtado de Mendonça (Casa do Paço, em Paços de Ferreira, e de Pedorido, em Castelo de Paiva)*, § 20.º — *Sacadura Botte Aranha Furtado de Mendonça (Casa de Paço de Eiriz, em Paços de Ferreira)* e § 21.º — *Meireles Teixeira da Mota (Casas da Corredoura, do Prado e do Casal da Arnóia, em Basto)*).
- *Carvalhos de Basto*, em publicação. Capítulo VIII — *Carvalhos de Guimarães*, por Maria Adelaide Pereira de Moraes, a publicar ⁽⁵³⁰⁾.

(530) Ver a nota (281-1) (pág. 288) do tomo II do presente vol. VII.

Localização:

- Rua Caldeirão.
- Casa que pertenceu aos Pais do Amaral. Frontaria.

Material: ardósia.

Época: século dezassete (terceiro quartel?).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo francês e elmo com paquife, timbre e plumas.

Escudo:

Composição: esquartelada.

Leitura:

I	BORGES	(1)
II	NOGUEIRA	(2)
III	PAIS	(3)
IV	AMARAL	(4)

Timbre de BORGES (5)

(1) São as suas armas: *um leão, e bordadura semeada de flores-de-lis*. As flores-de-lis na pedra de armas são em número de doze.

(2) São as suas armas: *banda xadrezada de cinco ordens, a do meio coberta por um filete*. No brasão de armas a banda está xadrezada somente de duas ordens, carregada de um bastão.



122



- (3) São as suas armas: *nove lisonjas (veiradas), postas 3, 3 e 3, apontadas e firmadas nos bordos do escudo.*
- (4) Seis crescentes invertidos, postos 2, 2, e 2. Na pedra de armas os crescentes têm as pontas voltadas para cima.
- (5) Um leão. Às vezes aparece o leão, sainte ou não, com uma flor-de-lis na cabeça.

*
* * *

ANTÓNIO PAIS DO AMARAL. — Senhor da Casa na Rua Caldeiroa. Cavaleiro professo na Ordem de Cristo. Foi baptizado em Guimarães, em Nossa Senhora da Oliveira, a 8 de Agosto de 1631 ⁽⁵³¹⁾, e faleceu na Rua Caldeiroa a 27 de Dezembro de 1682 ⁽⁵³²⁾. Era filho de António Borges Nogueira, tabelião do Judicial, baptizado em Nossa Senhora da Oliveira a 11 de Abril de 1598 ⁽⁵³³⁾, e de sua mulher, Maria Pais do Amaral, com quem casou no Hospital da Rua Sapateira, em Guimarães, a 15 de Janeiro de 1624 ⁽⁵³⁴⁾, e que viveram no Campo da Feira, em Guimarães; e era neto paterno de Pedro Borges, que murou na Rua Nova do Muro ⁽⁵³⁵⁾ e faleceu na sua Quinta de Laços⁽⁵³⁶⁾, na freguesia de Creixomil (concelho de Guimarães), a 8 de Abril de 1641 ⁽⁵³⁷⁾, e de sua primeira mulher ⁽⁵³⁸⁾, Cecília Nogueira, que faleceu em Nossa Senhora da Oliveira a 9 de Fevereiro de 1604 ⁽⁵³⁹⁾; e era neto materno de António Pais do Amaral e de (sua mulher?) Helena da Cunha. Casou em Guimarães, na Ermida de Santa Cruz, a 23 de Dezembro de 1662, com *Maria Pereira* (ou, *Maria Pereira do Lago*), filha de Tomé Pereira e de Madalena de Oliveira (ambos solteiros) ⁽⁵⁴⁰⁾, — havendo, entre outros, António Pais do Amaral, nascido na Rua Caldeiroa e baptizado em S. Sebastião, em Guimarães, a 16 de Junho de 1672 ⁽⁵⁴¹⁾, sucessor, que faleceu solteiro, mas que houve D. Isabel Natália Pais do Amaral

⁽⁵³¹⁾ Livro de Nascimentos n.º 1, fl. 18 v. (B-17-2-64), — no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

⁽⁵³²⁾ Livro Misto n.º 3 de S. Sebastião, fl. 37 (B-17-2-38), — no A. M. A. P..

⁽⁵³³⁾ Livro Misto n.º 1, fl. 23 (B-17-2-61), — no A. M. A. P..

⁽⁵³⁴⁾ Livro Misto n.º 2 de Nossa Senhora da Oliveira, fl. 155 v. (B-17-2-62), — no A. M. A. P..

⁽⁵³⁵⁾ Onde ainda residia em 1618.

⁽⁵³⁶⁾ Onde aparece a residir em 1621.

⁽⁵³⁷⁾ Livro Misto n.º 2, fl. 11 v. (óbitos) (B-17-2-13), — no A. M. A. P..

⁽⁵³⁸⁾ Pedro Borges casou a 2.ª vez, a 30 de Maio de 1604, na freguesia de S. Torcato (concelho de Guimarães), com Margarida Moreira, filha de João Moreira, rendeiro do Mosteiro de S. Torcato, e de sua mulher, Vitória Álvares (Livro Misto n.º 2, fl. 99 v. (B-16-1-77), no A. M. A. P.), com geração (Casa de Laços).

⁽⁵³⁹⁾ Livro Misto n.º 1, fl. 71 v. (B-17-2-61), — no A. M. A. P..

⁽⁵⁴⁰⁾ Livro Misto n.º 3 de Nossa Senhora da Oliveira, fl. 36 (B-17-2-63), — no A. M. A. P..

⁽⁵⁴¹⁾ Livro de Nascimentos n.º 3, fl. 12 v. (B-17-2-42), — no A. M. A. P..

em Isabel de Oliveira, legitimada, sua herdeira, que casou em S. Sebastião, a 12 de Abril de 1731 ⁽⁵⁴²⁾, com Diogo Ferreira Cabral, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, senhor da Casa de Penaventosa (Campelo-Baião) e de outras Casas ilustres, etc., etc., havendo descendência. ⁽⁵⁴³⁾

Veja-se:

- *Arvores de Costados das Famílias Nobres*, por José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco, tomo II, costado 217.
- *Ultimas Gerações de Entre Douro e Minho*, por José de Sousa Machado, vol. II, costado 215 (*Casa de Agrelas Baião*), *Casa de Penaventosa (Baião)*, e *Casa de Samaiões (Chaves)*, e págs. 579 e 580.
- «*Casas de Baião*», por Álvaro de Azeredo, Porto [1938], em *Casa de Penaventosa*.
- *Os Meus Costados*, por Francisco Carlos de Azeredo Pinto Melo e Leme, Porto-1960, — págs. 134 a 151 e págs. 173 e 174 (§ 3 — *Casas de Fontelo e Caldeiroa*, 12).
- *Anuário da Nobreza de Portugal*, ano II (1964), em *Ferreira Cabral Pais do Amaral*.
- *Velhas Casas, IV (Freguesia de Creixomil-Guimarães)*, — *Casa de Laços*, por Maria Adelaide Pereira de Moraes («Boletim de Trabalhos Históricos», do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães, vol. XXVII (1967-1974)).



⁽⁵⁴²⁾ Livro de Casamentos n.º 1, fl. 5 (B-17-2-54), — no A. M. A. P..

⁽⁵⁴³⁾ Esta genealogia foi elaborada com elementos colhidos em *Velhas Casas, IV (Freguesia de Creixomil-Guimarães)*, — *Casa de Laços*, por Maria Adelaide Pereira de Moraes. A Casa de Laços será tratada no vol. VIII (freguesias rurais do concelho de Guimarães).

Localização:

- Rua Caldeiroa.
- Casa que mandou edificar o Dr. João Caetano Pereira Soares da Costa.

Material: granito.

Época: século dezoito (meados da segunda metade?).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo, numa cartela decorativa. Elmo posto de frente, com timbre (mutilado).

Escudo:

Composição: esquartelada.

Leitura:

I COSTA	(1)
II PEREIRA	(2)
III SOARES, de Toledo	(3)
IV FONSECA	(4)

Timbre de COSTA (5)

- (1) Seis costas, postas 2, 2 e 2, firmadas nos flancos.
- (2) Uma cruz florenciada e vazia.



123



- (3) Uma banda abocada por duas cabeças de serpe e acompanhada de duas albarradas (que devia ter, cada uma, duas asas), cheias de açucenas.
- (4) Cinco estrelas de cinco pontas.
- (5) Duas costas passadas em aspa, atadas com um torçal. As duas costas estão mutiladas.

*
* *
*

NOTÍCIA GENEALÓGICA:

« Quinta do Selho de Riba ⁽⁵⁴⁴⁾.

Brilha o sol nas vidraças partidas. Desenha na casa as sombras do arvoredado. Dela saiem vozes rudes e estridentes. Gritos arrancados aos corpos, espreitam crianças nuas pelos buracos do soalho, fé amassada com dor e suor, telhas despedaçadas pelo vento, famílias que debandam ao apitar das fábricas, esperanças a balouçarem alegres num pedaço de chita garrida.

Nada disto sonhou o Reverendo Francisco de Barros e Abreu, nas suas casas do Largo de S. Francisco, ao ditar o seu testamento: «... *minha outra fazenda chamada de Riba de Selho de que se paga de senço serrado ao morgado de Pousada E um cruzado deixo as Religiosas de Santa Rosa da rua Travessa desta villa com condição de recolherem no seu convento ao recolhimento sem outro dote nem entrada minhas sobrinhas Antonia e Assuzana filhas de meu irmão Antonio de Barros...*» «... *e no caso que estas moças não queiram entrar ou as Religiosas não queiram aseitar nem recolher nestes termos deixo a meu irmão Antonio de Barros*» ¹.

Assim sucede; e passa a viver na quinta do Selho de Riba, António de Barros e Abreu. Raras vezes a sua família salpica os livros dos assentos paroquiais das freguesias do concelho: o pai, João de S. Paio, «meu freguez» ², cunhado do Lic.º Estêvão Fernandes Vieira; a mãe, Eugénia de Barros, falece em Guimarães, na sua casa da Rua Escura, a 15-7-1658 ³, sobrinha de Maria de Abreu, mulher do Lic.º Pero Guedes Ferraz. Três irmãos: Torcato de Barros, baptizado na Oliveira a 18-5-1629 ⁴, Maria de S. Paio, senhora da Quinta de Sub-Carreira, em S. João de Ponte, † viúva sem descendência na Rua Escura a 3-5-1701 ⁵, e Dona Catarina de Barros «solteira moradora nas suas

« 1 Faleceu a 6-1-1704. Livro Misto n.º 3 da freg. de S. Sebastião, pág. 98 v.º. Arq. Mun. A. Pimenta.

2 Misto n.º 1 da freg. de Santa Eulália de Fermentões. Arq. Mun. A. Pimenta.

3 Misto n.º 3 da freg. de Nossa Senhora da Oliveira. Arq. Mun. A. Pimenta.

4 Misto n.º 2 da freg. da Oliveira. Arq. Mun. A. Pimenta.

5 Mesmo livro da nota 3.

(544) Transcrição do Cap. *Quinta do Selho de Riba de Velhas Casas*, por Maria Adelaide Pereira de Moraes, — capítulo publicado no «Boletim de Trabalhos Históricos» do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães, vol. XXV (1965). Esta quinta fica na freguesia de Fermentões, no concelho de Guimarães.

Com os meus agradecimentos, aqui deixo os meus cumprimentos para a ilustre Genealogista e para o insigne Historiador Manuel Alves de Oliveira, Director do «Boletim de Trabalhos Históricos» e do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

«casas que estão junto a S. Francisco a 11-11-1702 sem sacramento algum por morrer de hum asidente...»⁶. De igual geração julgo também a Catarina de S. Paio e a Jorge de S. Paio, paroquianos de Fermentões, padrinhos em 1648.

Duas linhas paralelas correm nesta altura na fazenda de Selho de Riba. A de António de Barros e Abreu prolongada no nascimento dos netos: António, Benta Josefa e Teodósia, nascidos nesta casa em 1705, 1708 e 1710⁷, filhos de Susana de Barros e Abreu, e marido, Carlos de Sousa Lobo. Repicada festivamente no casamento da outra filha, Antónia, com Dâmaso de Sousa Lobo (irmão de Carlos?), a 23-10-1710⁸, abalada pela sua morte, a 25-9-1707⁹. Cortada pela de sua mulher Jerónima da Silva, a 4-7-1710¹⁰, deixando «a meu neto Antonio o campo da erdade de Sima de Selho para seu patrimonio cantando missa e não sendo clerigo ficara a sua irma Benta Josefa se levantara o dito meu neto emquanto andar nos estudos com a metade dos rendimentos que render a dita fazenda...» Seguimos as recomendações e legados: «se a minha Antonia se desmandar ou queira cazar com gente de menos esfera da sua pessoa tudo nomeio e hei por nomeado na Santa Caza desta villa...» «... hum bufete o coal ele quizer escolher ao padre Joseph de Oliveira»¹¹. Emaranhada em vendas, distrates e empréstimos que Carlos de Sousa Lobo, escrivão no concelho de Basto, faz e pede desde a sua casa do lugar da Veiga, freguesia de Santa Maria do Outeiro¹². E não deixando mais vestígios nesta freguesia, dissolve-se esta linha por terras de Basto.

A outra — a de João Luís da Costa — começa num fiapo, num dos trabalhos que cose seu pai, Pedro Simões, alfaiate, morador com sua mulher, Ângela Luís, na Rua da Caldeiroa. Tem por origem o lugar da Feira Velha, Fafe, onde o avô, também alfaiate, «tocava os sinais na freguesia e enterrava os mortos»¹³, e as tias, por trigueiras, são por alcunha as «Mulatas». Ângela Luís é filha de jornaleiros e irmã de Jerónimo da Costa, Familiar do Santo Ofício¹⁴. Aparenta ainda com João de S. Paio pois «Jeronima Luis e sua irmã Maria Luis veuvas e Pedro Simões e sua m.^{er} Angella Luis todos moradores nesta villa e fr.^{co} glz e sua m.^{er} D.^{as} Luis m.^{ores} na honra de Sepais da com.^{ca} de Guimarães» passam procuração para cobrar uns dotes que lhes deixou um seu parente, Gabriel Luís, «m.^{or} na sidade de Sevilha»¹⁵, e Ângela de S. Paio, mulher do Lic.^o Estêvão Fernandes Vieira, igual documento passa «para cobrar o dote que a ella deixou seu parente Gabriel Luis»¹⁶.

Com o filho de Pedro Simões, João Luís da Costa, mercador em Monção, estreitam-se e confundem-se estas linhas. Desde 1704 vivem na mesma propriedade, apadrinham-se nos baptismos

« 6 Mesmo livro da nota 1.

7 António, a 31-5-1705, Benta Josefa, a 26-3-1708, Teodósia, a 18-2-1710. Misto n.º 1 de Fermentões.

8 Dâmaso Lobo de Sousa era filho de Domingos Rebelo e Ana de Sousa Lobo, moradores no lugar da Pena Redonda, freg. de Santa Maria do Outeiro, Cabeceiras de Basto. Mesmo livro das notas 2 e 7.

9 e 10 Mesmo livro da nota 2.

11 Testamento de Jerónima da Silva, da freg. de Santa Eulália de Fermentões, lançado nesta nota. Livro de notas do Tab. José de Sousa (14-1-37), pág. 9 v.º. Arq. Mun. A. Pimenta.

12 Distrate de Dr.º entre João Luís da Costa, mercador, desta vila, e Carlos Lobo de Sousa, escrivão no concelho de Cabeceiras de Basto, mesmo livro da nota 11, pág. 19 v.º.

13 Habilitação do Santo Ofício de João Caetano Pereira Soares da Costa, Maço 100, Diligência 1667. Torre do Tombo.

14 Habilitação do Santo Ofício de Jerónimo da Costa — Torre do Tombo. Era filho legítimo de António Fernandes, jornaleiro, m.^{or} no Toural e na Rua de Couros e de Maria Luís, neto paterno de Francisco Gonçalves, nat. da freg. de S. Jorge de Cima de Selho, e m.^{er}, Isabel Fernandes, neto materno de Álvaro Gonçalves e m.^{er} Cecília Luís, m.^{ores} no Casal de Segazes, freg. de Santa Marinha da Costa.

15 Livro de notas do Tab. André Lopes (10-2-77), pág. 31, v.º. Arq. Mun. A. Pimenta. A procuração é de 5-11-1672, e Pedro Simões assina de cruz.

16 Procuração para Sevilha, de 21-2-1633, que está no livro de notas que no Arquivo tem o número 12-3-8. Arq. Mun. A. Pimenta.

« e não deixam perceber quando para uma finda o senhorio da quinta, ou quando para outra se ergue a cortina da posse de Selho de Riba, seu durante uns duzentos anos.

De Monção instala-se João Luís da Costa na Rua Sapateira, vindo ao Selho pelo S. Miguel, vendendo a terra sorrindo em bens e fartura. Alarga os seus domínios comprando campos aos Passos de Caneiros, o casal da Remolha, o casal de Penassol¹⁷, a quinta da Bacoreira, pedaços de monte a António de Barros¹⁸, o casal de Selho de Baixo, estendendo por Fermentões a sua casa. Sólidas bouças, vastos campos, frescas matas amparam os começos desta fortuna. Empréstimo a juros, a 16-1-1715, a Carlos Lobo de Sousa¹⁹, e a 2-7-1719 falece «Domingas de Caldas mulher de João Luís da Costa mercador na villa de Guimarães assistente na maior parte do ano nas suas casas do Selho desta freguesia»²⁰. No Selho também morre sua mãe, Ângela Luís, viúva, a 30-9-1723²¹.

Meses depois de enviudar, torna João Luís da Costa²² a casar com Rosa Maria Teresa Pereira Soares, irmã do Doutor Frei Bernardino de Santa Rosa, da Ordem dos Pregadores e Qualificador do Santo Ofício. É o seu lar o vivo retrato da família dos mercadores de então: subindo devagar, pelo estudo, pela educação, pela piedade. Vivendo depois do segundo casamento na Rua da Caldeira, lá abençoa, ao morrer, oito filhos²³. Doroteia, Joana e Teresa estão freiras no Convento de S.^{ta} Clara; novinhas, ainda em casa, Rosa, Josefa, Bernarda Catarina e os dois rapazes, José António Pereira Soares, clérigo *in minoribus*, que pouco sobrevive ao pai, e o continuador da família, João Caetano Pereira Soares da Costa. A todos recomenda: «*que querendo os Religiosos de Sam Domingos aseitar hum legado de hua missa todos os domingos do anno e as tres missas do Natal e isto pera sempre pella quantia dos ditos setecentos mil e setecentos reis serao obrigados a dizer as missas no dito convento de sam domingos emquanto minha mulher Roza Maria ou os meus herdeiros não fizerem huma capella na freguesia de Santa Eulália de Fermentões no citio da minha fazenda de Selho...*»²⁴.

Surge a capela, pegada à casa, rente ao caminho que sobe para a igreja paroquial da freguesia. Caminho que, contente, percorreu o Rev.^{do} Cônego Prebendado da Sé de Braga, Gonçalo António de Sousa Lobo, para baptizar o pequeno João Caetano, a 15-10-1727²⁵, no Selho nascido «*por la terem hua quinta seus Paes e hirem colher os frutos no S. Miguel q'a assistencia foi sempre em Guimarães*»²⁶.

Forma-se em Cãones João Caetano Pereira Soares da Costa. Emprazamento das suas terras em Fermentões²⁷, e já Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo²⁸, «*sendo pessoa de bom proceder e de confiança e de capacidade conhecida; tendo fazenda de que possa viver abastadamente e as quali-*

« 17 No emprazamento da Quinta de Penassol, feito a 25-4-1761 pelo Dr. João Caetano Pereira Soares da Costa, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, fala-se nestas compras feitas por seu pai, João Luís da Costa. Livro n.º 13 dos Domínios do Convento de S. Domingos. Arq. Mun. A. Pimenta.

18 Compra que faz João Luís da Costa, desta vila, a António de Barros e Abreu, de Fermentões. Livro de notas (14-1-31) no Arq. Mun. A. Pimenta.

19 Distrato entre João Luís da Costa, desta vila, e Carlos de Sousa Lobo. Mesmo livro da nota 11. Contrato de dinheiro a juros q deu João Luís da Costa desta v.^a a Carlos Lobo de Sousa, de Basto, fls. 27 v.º do Livro n.º 139 (Out. de 1722 a 1724) dos Índices dos Notários. Arq. Mun. A. Pimenta.

20 Misto n.º 2 da freg. de Santa Eulália de Fermentões. Arq. Mun. A. Pimenta.

21 Mesmo livro da nota 20.

22 A 7-4-1720. Livro de Casamentos n.º 1 da freg. de Nossa Senhora da Oliveira. Arq. Mun. A. Pimenta.

23 Morre a 11-7-1749. Livro de Óbitos n.º 2 da freg. de S. Sebastião, pág. 4. Arq. Mun. A. Pimenta.

24 Este testamento vem no mesmo livro da nota 23.

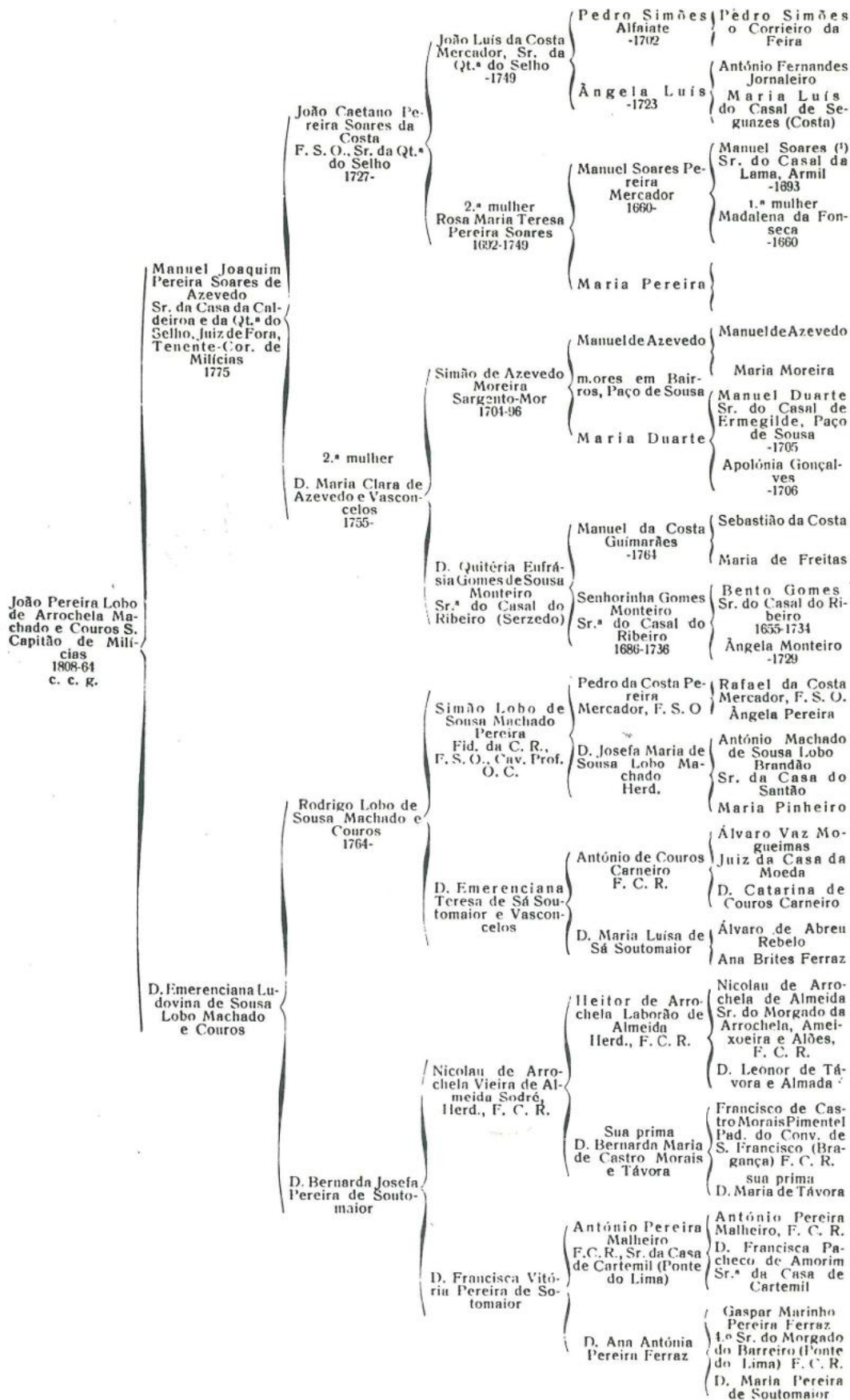
25 Mesmo livro da nota 20.

26 Habilitação para a Ordem de Cristo de João Caetano Pereira Soares da Costa. 18-6-1760. Letra J. Maço 8 n.º 6. Torre do Tombo.

27 Livro da nota 17.

28 Ver nota 26.

QUINTA DE SELHO DE RIBA



(1) Manuel Soares era filho natural de Cristóvão Soares Coelho, senhor da Casa da Carvalhada, Fafe o que explica o braço usado pela sua descendência.

«*dades que conforme o Regimento do Santo Officio se requerem em seus Officiais*»²⁹ habilita-se e é recebido como Familiar do Santo Officio³⁰. Para aumentar a sua casa na Rua da Caldeira, mais três moradias aí compra: duas ao Padre José da Maia e uma a José Coelho de Vasconcelos Mota, a 10-3-1773³¹. Manda construir «*hum edificio de casas nobres a q se reduzirão todas... casas de hum sobrado na qual tem para a rua duas salas cada hua com duas janelas rasgadas e em outra sala comprende outra janela tambem rasgada com duas sacadas e grades de ferro e em sima suas Armas*»³² e para o sul tem duas janelas da mesma forma e em baixo tem a lage com sua entrada com sua porta rasgada e hum tabuleiro...»³³.

Viúvo, s. g., de Dona Getrudes Maria Campos Pinheiro³⁴, precisa o Dr. João Caetano de se casar para continuar a família. Assim o faz na Igreja de S. Miguel de Serzedo, a 2-2-1774³⁵, com a filha do sargento-mor Simão de Azevedo Moreira, senhora da Quinta do Ribeiro, da mesma freguesia. Oito crianças vão, aos poucos, povoando a mansão da Caldeira. Sucede aos pais o primogénito, Manuel Joaquim Pereira Soares de Azevedo, Juiz de Fora em Algozo, Tenente-coronel das Milícias de Vila do Conde na Guerra Peninsular. A quinta de Riba de Selho segue arrendada a caseiros, gente anónima como o vento, sólida como o granito, que de si deixam o trabalho e a Raça.

Por mais um século será dos da Caldeira a fazenda de Selho de Riba. Verá, de longe, a 1-9-1805, Dona Emerenciana Ludovina de Sousa Lobo Machado Arrochela e Couros entrar como noiva do Dr. Manuel Joaquim Pereira Soares de Azevedo. Seguirá com seu filho mais velho, João Pereira Lobo Soares de Azevedo, capitão de milícias em Guimarães; o segundo, o Rodrigo, tira aos apelidos maternos os nomes que usarão os seus descendentes: os Arronchelas Lobos.

Saiem do Selho presentes de frangos e roscas que os caseiros oferecem nas bodas do novo senhorio. Recebe-se João Pereira Lobo Soares de Azevedo com Dona Augusta Eduarda de Sousa Lobato, a 24-6-1833³⁶, filha de Joaquim José de Sousa Lobato, 2.º Visconde e 2.º Barão de Magé, 2.º senhor de S. João de Rei, alcaide-mor de Castelo de Vide, do Conselho de El-Rei Dom João VI, seu guarda-roupa, porteiro da Câmara de S. A. R. a Senhora Infanta Regente Dona Isabel Maria, Com.^{dor} da Ordem de Cristo e da Torre e Espada, e de sua mulher, Dona Mariana Clementina de Araújo e Albuquerque³⁷. Desde então, passa a família da Caldeira, senhora da quinta de Selho de Riba, a ser conhecida pela dos Lobatos.

«²⁹ Copiado do Regimento dos Familiares do Santo Officio.

³⁰ Ver nota 13.

³¹ Livro de notas do Tab. José Borges de Azevedo.

³² Encimam a porta principal da casa da Rua da Caldeira as seguintes armas esquarteladas: no 1.º, Costas, no 2.º, Pereira, no 3.º, Soares de Toledo, no 4.º, Fonseca. Timbre: Costa. Armando de Matos, no seu *Pedra de Armas de Portugal*, não dá interpretação ao 4.º quartel limitando-se a pôr um ponto de interrogação. É este o brasão adoptado por João Caetano Pereira Soares da Costa, com base em seus apelidos: Costa — patronímico usado por seu pai, por sua mãe ser natural da freguesia de Santa Marinha da Costa (ver nota 14); Pereira e Soares usados pelo avô materno. Assim julgo que o 4.º quartel represente Fonseca, apelido usado pelo irmão inteiro da mãe de João Caetano, o Reverendo Padre José Soares da Fonseca, apesar do erro que, se assim for, nele se nota: as cinco estrelas em sautor são de cinco pontas e não de seis. Ignoro a concessão destas armas.

³³ Reconhecimento que fez o Dr. Manuel Joaquim Pereira Soares de Azevedo, Juiz de Fora da Vila de Algozo, de três moradas de casas com seus quintais que possui na Rua da Caldeira. Livro dos Domínios n.º 23 do Convento de S. Domingos. Arq. Mun. A. Pimenta.

³⁴ D. Getrudes Maria Campos Pinheiro era nat. de Guimarães, filha de Francisco Rodrigues Alves, da freg. de S. Cosme e Damião, dos Arcos, e de Mariana Josefa dos Santos, nat. de Guimarães; neta materna de Jerónimo Ribeiro de Campos e de sua m.^{te} Jerónima Barbosa. Processo de Familiar de Santo Officio de João Caetano Pereira Soares da Costa.

³⁵ Misto n.º 4 da freg. de S. Miguel de Serzedo. Arq. Mun. A. Pimenta.

³⁶ Ver as *Últimas Gerações* de José Sousa Machado, Costado 221, Tomo II.

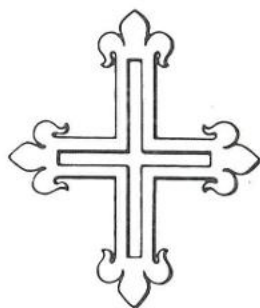
³⁷ Tirado do *Livro de Ouro da Nobreza*, de Ruy Dique Travassos Valdez e Domingos de Araújo Afonso. »

« Dois ramos saem deste tronco. Um, o dos Azevedos Lobatos, que ainda hoje existe. Parte-se a posse desta quinta no outro, no do primogénito João Carlos Pereira Lobato de Azevedo, do Conselho de Sua Majestade, Bacharel em Direito, nascido em 1835 e † em 1915. Deste, só fica um filho perfi-
lhado, Alberto Carlos Pereira Lobato de Azevedo, que vende a Caldeiroa e o Selho.

Compra a quinta de Selho de Riba o sr. Adão Pereira da Silva, casado com Dona Maria Adelaide Monteiro de Meira, sendo hoje o usufruto desta senhora e a raiz da Santa Casa da Misericórdia de Chaves. Está alugada a muitas famílias, vazia a sua capela outrora florida, e nada resta dos Lobatos na Casa de Selho de Riba. Pobre, na sua miséria de vidraças partidas, rica no amor das mães de família que os seus quartos adornam, dela, ao entardecer, sobe para o Céu o fumo leve e agradecido pelo bendito pão de cada dia. »

Veja-se:

- *Arvores de Costados das Famílias Nobres*, por José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco, tomo II, costado 221.
- *Ultimas Gerações de Entre Douro e Minho*, por José de Sousa Machado, vol. II, costado 221 (*Casa da Caldeirôa (Guimarães)*), e pág. 582.



Localização:

- Igreja de S. Francisco ⁽⁵⁴⁵⁾. A pedra de armas está firmada no arco que abriga o altar de Nossa Senhora do Socorro, o qual é o primeiro altar à direita para quem entra no templo pela porta principal ⁽⁵⁴⁶⁾.

Material: granito.

Época: século dezoito (segunda metade).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo francês, com chefe de linhas côncavas, e elmo com timbre, — o escudo assente numa cartela onde há volutas, ornatos concheados e folhas de acanto. Uma cadeia, firmada no timbre, decora exteriormente o brasão de armas ⁽⁵⁴⁷⁾.

⁽⁵⁴⁵⁾ Ver os n.ºs 124 a 131.

⁽⁵⁴⁶⁾ Lê-se nas *Memórias Resuscitadas da Província de Entre Douro, e Minho*, pelo Bacharel Francisco Xavier da Serra Crasbeeck, 1726 (ms. da Biblioteca Nacional de Lisboa), fl. 150, que no corpo da Igreja, da parte da Epístola, abaixo da Capela dos Santos Mártires, que está no Cruzeiro, fica a Capela de Nossa Senhora do Ó, e que segue-se logo a Capela de Nossa Senhora da Embaixada, anexa ao morgado que instituiu António Jorge da Guerra, de que trata a *Corografia, em que sucedeu António Machado da Guerra, que casou com D. Ana Fagundes, filha de Baltasar Pinheiro Lobo e de sua mulher, D. Maria Fagundes, que é senhor da dita capela e morgado, que vive na cidade de Braga* (ver pág. 470). No *Livro das Sepulturas da Igreja de S. Franc.º de Guimarães, que mandou fazer o R. P. M. F. Bento da Luz no anno de 1775, sendo G.^{am} deste Convento* (ms. no Arquivo da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco) ¹: as sepulturas n.ºs 31, 32 e 33, no cruzeiro, que tinham pertencido a Vicente Pinheiro Lobo da Guerra, eram de seu filho João Machado Pinheiro Figueira.

⁽⁵⁴⁷⁾ Ver (2) (in LIÇÃO HERÁLDICA).

¹ Agradeço ao Senhor Engenheiro Augusto José Mendes Ferreira da Cunha, muito ilustre Ministro da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, o ter-me permitido a consulta do *Livro das Sepulturas da Igreja de S. Francisco*, como também ao Senhor José Joaquim Fernandes, digno Chefe de Serviços Administrativos da mesma Venerável Ordem, toda a atenção dispensada nessa consulta, — consulta do maior interesse para a elaboração do presente tomo.

Escudo:

Composição: partida.

Leitura:

I PINHEIRO, de Barcelos (1)
II FIGUEIRA (2)

Timbre de FIGUEIRA, uns (3)

(1) Um pinheiro arrancado e à dextra (quando devia estar à sinistra) um leão rompante contra o tronco da árvore.

(2) Cinco folhas de figueira. Nesta partição do escudo deviam estar as armas dos Figueiras, de Braga: as cinco folhas de figueira acompanhadas da cadeia que aparece a decorar exteriormente o brasão de armas, — crendo eu que o escudo foi esculpido partindo-se de um sinete. Com efeito, encontra-se na Casa de Pindela (Santiago da Cruz — Vila Nova de Famalicão) um sinete do século dezoito onde se vê: um escudo ovalado, com as armas que figuram na pedra de armas, encimado por um elmo com paquife e o timbre dos Figueiras (uns) (ver 3), estando o escudo rodeado pela *cadeia*. Ver no tomo I do vol. I o n.º 20 ⁽⁵⁴⁸⁾.

(3) Os Figueiras (uns) trazem por timbre *dois braços de leão, passados em aspa, tendo cada um na garra uma folha de figueira*.

*
* *
*

NOTÍCIA GENEALÓGICA:

« Os Figueiras ⁽⁵⁴⁹⁾.

§ 1.º

1 — O bacharel *Lopo de La Higuera*, natural de Toledo, foi letrado da câmara do cardeal D. Pedro González de Mendoza, arcebispo de Toledo (1428-1495); por ter assassinado, em Alcalá

⁽⁵⁴⁸⁾ As pedras de armas da ilustre Casa de Pindela serão inventariadas e estudadas no volume onde me referirei às pedras de armas e armas tumulares do concelho de Vila Nova de Famalicão.

⁽⁵⁴⁹⁾ Transcrição do trabalho do genealogista Dr. Domingos de Araújo Affonso publicado na revista «Hidalguia», ano VII, n.º 32, Janeiro-Fevereiro de 1959, Madrid (Instituto Salazar y Castro (C.S.I.C.)), — trabalho que, por ter sido publicado no Estrangeiro, é pouco conhecido em Portugal. É o cap. VI de *Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo*. Publicado em 1959. Não conferi as datas.

« de Henares, um familiar da rainha Dona Isabel, a católica, viu-se obrigado a expatriar-se, refugiando-se em Portugal, e estabeleceu a sua residência em Braga em 1485.

El-rei D. João II de Portugal, atendendo ao seu grande valor, concedeu-lhe a naturalização por Carta passada em Santarém a 6.VII.1489.

O linhagista Felgueiras Gayo, no seu «Nobiliario de Familias de Portugal», em título de Figueiras diz que em 1600 «se tirou em Tolledo hum instrumento de testemunhas qualificadas e nelle se mostra ser nobre e limpo de sangue, e entre as testemunhas foi hua o Padre Roman de La Higuera da Comp.^a, historiador e antiquario o qual diz q. o d.^o B.^{el} era thio de sua avo Thereza de La Higuera».

E, em nota, acrescenta: «O P.^c G.^{mo} Roman de La Higuera religioso da Comp.^a em hua carta sua nomeya os ascendentes deste Lopo de La Higuera deste modo: diz ser filho de Fernan Garcia de La Higuera secretario dos Reys de Castella D. João 2.^o e D. Henrique 4.^o, neto de Garcia Affonso, bisneto de Affonso Gonzalez de La Higuera, 3.^o neto de Gonzalo Affonso de La Higuera, 6.^o neto de Pedro Affonso de La Higuera, q. foi morto pello Rey D. Pedro o Cruel sendo Alcaide mor de Tolledo, e fez o Hospital da Conceipção; 7.^o neto de Affonso Perez de La Higuera; 8.^o neto de Pedro Domingues de La Higuera, Notario mor de Tolledo; 9.^o neto de Domingo Migueis de La Higuera; 10.^o neto de Miguel Perez de La Higuera; 11.^o neto de Pedro Alvarez de La Higuera; 12.^o neto de Alvaro Diaz de La Higuera, o qual com Pedro Gomez Barroso forão os q. defenderão Tolledo no tempo do Imperador Carelos; 13.^o neto de Diogo de La Higuera, todos descendentes dos antigos Moçarabes que ficarão em Tolledo entre os Mouros».

Note-se que, nesta ascendência, não se mencionam os 4.^o e 5.^o avós de Lopo de La Higuera.

Foi casado com Dona Isabel Díaz Tamayo, filha de Álvaro Díaz Tamayo, mordomo-mor de D. João Manuel de Vilhena.

Moraram em Braga, na casa do Passadiço, freguesia de São João do Souto.

Filhos:

2 — O licenciado *Fernão Figueira*, que segue.

2 — O Rev.^{do} *Xisto Figueira*, que recebeu ordens menores em Braga, em 1499¹, e ordens de epístola em 1511. Foi tercenário da Sé de Braga, de que tomou posse a 8.VI.1502, abade de São Tiago de Vilela a 3.XII.1507, nomeado pelo arcebispo D. Diogo de Sousa, que o mandou a Roma tratar de negócios da diocese. Também foi comendatário de Vila Nova de Muía e Fidalgo da Casa do senhor D. Jaime, duque de Bragança.

Escreveu: «Arte de versar Bracharense». Faleceu em Roma.

2 — *Diogo Figueira*, comendador da ordem de Cristo e secretário do senhor D. Jaime, duque de Bragança. Recebeu ordens menores em Braga em 1499². Casou em Vila Viçosa com *D. Isabel Castanho*.

Filha:

3 — Soror *Isabel de Santo André*, freira em Santa Cruz de Vila Viçosa. Faleceu, com opinião de santidade, aos 69 anos de idade, a 28.XI.1604³.

« 1 Livro das Matrículas, — Arquivo Distrital de Braga.

2 Livro das Matrículas, — Arquivo Distrital de Braga.

3 «Jardim de Portugal», fls. 433.

- « 2 — *D. Isabel Figueira*, casada com *Heitor de Barros Bracamonte*, escudeiro fidalgo da casa do cardeal-infante D. Henrique (1536), morador em Braga (Vid. *Barros*). — c. g..
- 2 — *D. Constança Figueira*, casada com *Afonso Pinheiro*, senhor da quinta da Costa em Mouquim, morador em Braga (Vid. *Pinheiros*), — c. g..
- 2 — *D. Aldonça Pinheiro*, casada com *Pedro de Abreu*, de Caminha, — c. g..
- 2 — *D. Catarina Figueira*, freira no convento de Vairão.
- 2 — *D. Joana Figueira*, casada com *Jerónimo Salgado*, — s. m. n..

- 2 — O licenciado *Fernão Figueira*, formado em leis e em cânones, foi pagem do arcebispo D. Diogo de Sousa e, depois, desembargador da Relação eclesiástica de Braga no tempo do arcebispo cardeal-infante D. Henrique; recebeu ordens menores em Braga em 1499 ⁴.

Comprou a Diogo Gomes de Abreu, a quinta do Prado em Prozel, Amares, prazo do reverendíssimo cabido primacial, de que teve renovação a 14.III.1520 ⁵.

Faleceu em Braga, na sua casa do Passadiço, a 8.V.1545, tendo sido casado com *Leonor Tomé Ronquilho*, filha de Jerónimo Tomé e de sua mulher N. Ronquilho (Vid. *Guardas*).

Filhos:

- 3 — O Revd.^{mo} senhor *D. Diogo Figueira*, que segue no § 3.º.
- 3 — *Manuel Figueira*, que segue.
- 3 — *D. Joana Figueira*, que foi casada com o licenciado *António da Rocha*, da vila de Viana, filho de Pedro Anes Caminha e de sua mulher Filipa da Rocha (filha do Revd.º Afonso da Rocha, abade de Meixedo).

Filhos:

- 4 — O Revd.^{mo} senhor *D. Pedro da Rocha Figueira*, cónego e deão da Sé primaz de Braga, por renúncia de seu tio o deão D. Diogo Figueira. Era natural de Viana e recebeu ordens menores em Braga em 1562.
- 4 — *Baltazar Figueira de Novais*, o juiz da fome, comendador de Cossourado na ordem de Cristo. Casou em Lisboa com *D. Margarida de Sotomayor e Mariz*, filha do Dr. Sebastião Antunes de Sotomayor, desembargador da Casa da Suplicação, e de sua mulher D. Maria de Mariz, — c. g..
- 4 — *D. Isabel da Rocha*, casada com *Jerónimo Pires Peixoto*, filho de Francisco Pires e de sua mulher Maria Peixoto, — c. g..
- 4 — *Fernando Figueira*, baptizado em Braga, na freguesia de São João do Souto, a 25.IX.1545, — s. m. n..
- 3 — *D. Maria Figueira*, que casou em Braga, na freguesia de São João do Souto, a 11.VII.1535, com *Fernão Velho de Araújo*, cavaleiro fidalgo da Casa Real, senhor do morgado de Sinde, de S. Fins, Rio Caldo, etc., em Portugal, e, em Galiza, Pertigueiro-mor de Cella-

« ⁴ Livro das Matrículas. — Arquivo Distrital de Braga.

⁵ Prazos do Cabido. — Arquivo Distrital de Braga.

- « nova, e senhor dos Coutos de Lobios, Gondive, Megide, Val de Poldros, Santa Cruz e Soutelo, filho de Gonçalo Rodrigues de Araújo e de sua mulher D. Brites Mendes de Vasconcelos (Vide *Araújos*, da casa de Sinde), — c. g..
- 3 - *D. Leonor Tomé Figueira*, casada com o licenciado *António Gil Toscano* (Vid. *Abreus Toscanos*), — s. g..
- 3 - *D. Lucrecia Figueira*, casada com *D. Pedro de Meneses*, filho segundo dos 2.^{os} condes de Linhares. dizem alguns linhagistas, mas deve haver confusão com sua prima D. Lucrecia da Guarda, que foi a 1.^a mulher de D. Pedro de Noronha, filho dos 1.^{os} condes de Linhares.
- 3 - *D. N. Figueira*, casada com *António Vaz*, — c. g..
- 3 - *Gregório Figueira*, que tomou ordens menores em Braga em 1540.
- 3 - *Manuel Figueira*, senhor da casa do Passadiço, na rua do Souto, em Braga, vereador em Braga em 1572 e juiz ordinário em 1591.
- Faleceu na dita sua casa a 11.XII.1610, tendo casado, cerca de 1566, com *D. Ana Pinheiro de Mendanha*, 2.^a administradora do morgado de Pindela, na freguesia de São Tiago da Cruz, Vila Nova de Famalicão, a qual faleceu em Braga, na referida casa, a 23.XI.1598, e era filha e herdeira de Simão Pinheiro e de sua primeira mulher D. Leonor de Almeida, 1.^{os} administradores do mencionado morgado ⁽⁵⁵⁰⁾.
- Manuel Figueira e sua mulher fizeram testamento de mão-comum a 22.XI.1598.

Filhos:

- 4 - O Revd.^o Doutor *Miguel Pinheiro Figueira*, 3.^o administrador do morgado de Pindela e 1.^o padroeiro de Santa Maria de Arnosos, administrador da capela de São Tomás no claustro da Sé de Braga, etc., desembargador da Relação eclesiástica de Braga e cônego da Santa Basílica Primacial com a abadia de São Lourenço de Celeirós, por renúncia de seu tio o deão D. Diogo Figueira (1.II.1587). Foi baptizado em Braga, na freguesia de São João do Souto, a 15.V.1567.
- 4 - Frei *Diogo Figueira*, frade dominicano, baptizado na freguesia de São João do Souto a 2.VIII.1568.
- 4 - *D. Leonor Pinheiro de Mendanha*, baptizada na freguesia de São João do Souto a 9.X.1570; faleceu nova.
- 4 - Frei *Domingos de Mendanha*, frade dominicano, baptizado na freguesia de São João do Souto a 20.II.1572.
- 4 - Frei *Manuel de Mendanha*, frade dominicano ⁶.

« ⁶ Não existem no Arquivo Distrital de Braga, os livros dos baptismos da freguesia de São João do Souto de 1578 a 1587, por isso foi impossível obter as datas dos baptismos de Manuel e seus irmãos.

⁽⁵⁵⁰⁾ Os instituidores do morgado de Pindela foram Luís de Carvalho, tio paterno de Simão Pinheiro, e sua mulher, D. Brites de Almeida, s. g. (*Nobiliário de Famílias de Portugal*, por Felgueiras Gayo, tít. de *Origem dos Pinheiros*, § 44, N8, e § 45, N7).

« 4 — *Baltasar Pinheiro Lobo*, que segue.

4 — *Bento Pinheiro Lobo*, — s. m. n..

4 — *D. Grácia Pinheiro de Mendanha*, freira no convento de Vairão.

4 — *D. Ana Figueira de Mendanha*, senhora do prazo de Arnoso, faleceu em Braga, na freguesia de São João do Souto, a 16.II.1653, tendo casado na mesma freguesia, a 13.IX.1604, com *António Correia Pereira*, senhor de Farelães, fidalgo da Casa Real, que faleceu na sua casa da rua do Souto, em Braga, a 26.V.1619, filho de Cristóvão Pereira Correia, senhor de Farelães, e de sua mulher D. Luísa de Vasconcelos, — c. g..

4 — *Baltasar Pinheiro Lobo*, 4.º administrador do morgado de Pindela, 2.º padroeiro de Arnoso, etc., cavaleiro professo na ordem de Cristo.

Faleceu na sua casa de Pindela, freguesia de São Tiago da Cruz, a 15.XI.1660, tendo casado em Viana da Foz do Lima, com *D. Maria Fagundes de Portocarreiro* — irmã de *D. Baltasar da Rocha*, deão da Sé Primacial de Braga —, filha de Pedro da Rocha Portocarreiro, fidalgo da Casa Real, e de sua primeira mulher D. Margarida Fagundes.

Filhos:

5 — *José Pinheiro Lobo*, 5.º administrador do morgado de Pindela, etc..

Foi morto em Pindela, a 2.II.1676, por seu sobrinho João Machado Fagundes da Guerra.

5 — *D. Ana Fagundes de Mendanha*, que segue.

5 — Soror *Antónia dos Reis*, freira no convento do Salvador em Braga.

5 — *D. Vicência Fagundes*, que faleceu solteira.

5 — *D. Maria Pinheiro*, baptizada em São Tiago da Cruz a 24.I.1619. Foi casada com *Pedro Barbosa*, de Viana da Foz do Lima, — c. g..

5 — *D. Ana Fagundes de Mendanha*, baptizada em São Tiago da Cruz a 23.IX.1612.

Faleceu em vida de seu irmão, tendo casado, em Braga, na freguesia de São João do Souto, a 12.XI.1645, com o licenciado *António Machado da Guerra*, formado em cânones, administrador do morgado, com capela, de Nossa Senhora da Embaixada, no convento de São Francisco de Guimarães (instituído pelo licenciado António da Guerra, tio de sua mãe), senhor da casa da rua do Postigo, em Guimarães e mais bens de raiz junto da mesma vila, filho de João de Aroza Machado e de sua mulher Margarida da Guerra.

Filhos:

6 — *João Machado Fagundes da Guerra*, que segue.

6 — *Baltasar Pinheiro da Guerra*, baptizado em Braga, na freguesia de São João do Souto, a 11.VIII.1651, — s. m. n..

6 — *D. Bernarda Fagundes de Mendanha*, baptizada na mesma freguesia a 18-II-1655, faleceu menina.

6 — *João Machado Fagundes da Guerra*, 2.º administrador do morgado dos Guerras em Guimarães e de outro morgado pequeno (da casa de seu pai), que trouxe arrendados por 180.000 réis

- « por ano. Por ter morto seu tio José Pinheiro Lobo ficou impossibilitado de suceder no morgado de Pindela, herdando-o um seu primo bastardo, Veríssimo Pinheiro Lobo, mas como este faleceu sem descendência, a 27.V.1702, entrou João Machado, como seu herdeiro, na posse do morgado, de que foi o 7.º administrador.

Baptizado em Braga, na freguesia de São João do Souto a 25.X.1647.

Foi casado com *D. Mariana Josefa do Rego e Castro*, filha de Belchior do Rego Barreto e Castro, administrador do morgado de Meredes, em São Pedro de Calvelo, termo de Ponte de Lima, e de sua mulher *D. Maria do Rego e Castro*.

Filhos:

- 7 – *Vicente Pinheiro Lobo da Guerra Machado*, que segue.
- 7 – *D. Maria Caetana do Rego*, nasceu na casa de Pindela a 24.VIII.1712 e faleceu solteira.
- 7 – *D. Ana Rosa do Rego*, nasceu na casa de Pindela a 2.IX.1713 e faleceu solteira no recolhimento da Tamanca em Braga.
- 7 – *Miguel Pinheiro Figueira*, nasceu na casa de Pindela a 29.IX.1714 e foi assassinado em Pindela a 4.III.1754, primeiro domingo da Quaresma. Solteiro.
- 7 – *António Machado da Guerra*, nasceu na casa de Pindela a 2.XI.1715 e morreu de desastre, por se lhe disparar uma espingarda com que puxava um ramo de cerejas, a 20.VI.1736.
- 7 – *Manuel Pinheiro Figueira da Guerra*, nasceu na casa de Pindela a 18.XII.1716, recebeu ordens de epístola, mas pela vida que levava S. A. o arcebispo *D. José de Bragança* mandou-o para a Índia, onde esteve algum tempo, e, regressando, morreu em Braga, a 25.IX.1755.

Filhos bastardos:

- 8 – *Teodósio Pinheiro Figueira*, — s. m. n..
- 8 – *D. Margarida Joaquina do Rego e Castro*, que casou em Braga, — s. m. n..
- 7 – *D. Ventura Teodora do Rego*, nasceu em Barcelos a 18.XII.1717 e morreu solteira.
- 7 – *Pedro do Rego e Castro*, cavaleiro professo na ordem de Cristo, que serviu na Índia. Nasceu na casa de Pindela a 23.XI.1719.
- 7 – *D. Andresa de Castro*, m. m.
- 7 – *Francisco Machado da Guerra*, nasceu na casa de Pindela a 19.XI.1720 e morreu na Índia, onde militava.
- 7 – *João Clemente Machado da Guerra*, nasceu na casa de Pindela a 23.XI.1722 e m. m..
- 7 – *D. Francisca de Castro*, nasceu em Barcelos a 25.VI.1724 e faleceu, solteira, a 9.VIII.1754.
- 7 – *Vicente Pinheiro Lobo da Guerra Machado*, 8.º administrador do morgado de Pindela e 3.º dos morgados dos Guerras em Guimarães, 5.º padroeiro de Arnoso, fidalgo cavaleiro da Casa Real, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, tenente de infantaria, etc..

« Nasceu na casa de Pindela a 18.VI.1711 e faleceu em Guimarães na freguesia de N.^a S.^a da Oliveira a 24.VI.1765.

Casou na freguesia de Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, a 28.IV.1754, com sua parenta *D. Ana Maria Isabel de Melo Pereira de São Payo*, que nasceu em Guimarães a 8.XI.1732 e faleceu em Guimarães a, filha de Paulo Luís de Melo Pereira de São Payo, senhor da quinta e Paço Solar de Pombeiro de Riba de Vizela e do morgado de Sabadão em Ponte de Lima, moço fidalgo com exercício no Paço, Capitão-mor de Guimarães, e de sua mulher *D. Francisca Bernardina da Silva Leite*.

Filhos:

- 8 — *D. Francisca Joaquina Eulália de Melo*, nasceu em Guimarães, na freguesia de Nossa Senhora da Oliveira a 12.II.1756 e faleceu em Cabeceiras de Basto, no Paço de Refalcão.
- 8 — *João Machado de Melo Pinheiro Figueira Lobo*, que segue.
- 8 — *Paulo de Carvalho e Melo*, que tomou ordens menores em Lamego (16.IX.1777); nasceu em Guimarães, na freguesia da Oliveira a 15.V.1759 e faleceu em Guimarães.
- 8 — *D. Mariana Rosa de Melo*, nasceu em Guimarães na freguesia da Oliveira a 3.IX.1760 e faleceu solteira.
- 8 — *D. Antónia Jerónima de Melo*, nasceu na casa de Pindela a 30.IX.1761 e faleceu em Cabeceiras de Basto, na casa de Refalcão.
- 8 — *D. Ventura Teodora de Melo*, nasceu em Guimarães, na freguesia da Oliveira, a 26.XII.1762 e faleceu em Cabeceiras de Basto, na casa de Refalcão.
- 8 — O Revd.^o *José Maria de Melo*, cónego da Sé de Braga, nasceu em Guimarães, na freguesia da Oliveira, a 27.V.1764 e faleceu em Braga.
- 8 — *João Machado de Melo Pinheiro Figueira Lobo*, 9.^o administrador do morgado de Pindela, 4.^o dos dos Guerras e 6.^o padroeiro de Arnoso, etc., fidalgo cavaleiro da C. R., etc., nasceu em Guimarães, na freguesia da Oliveira a 14.VIII.1757 e faleceu em
- Casou na freguesia de Santa Senhorinha de Basto com *D. Maria Angélica Pinto Falcão de Mesquita e Magalhães*, senhora da casa de Refalcão, na dita freguesia, onde nasceu a e faleceu em Guimarães a 1.V.1799, filha e herdeira de Luís Falcão de Magalhães, cavaleiro professo na ordem de Cristo, senhor da casa de Redrufe, em Santa Senhorinha de Basto, e de sua mulher *D. Maria Teresa de Andrade*.

Filhos:

- 9 — *D. Grácia Xavier*, que morreu criança.
- 9 — *Vicente Machado de Melo Pinheiro Figueira*, que segue.
- 9 — *Vicente Machado de Melo Pinheiro Figueira*, 10.^o administrador do morgado de Pindela, 5.^o dos dos Guerras, 7.^o padroeiro de Arnoso, senhor da casa de Refalcão (que era de sua mãe), etc., capitão dos Voluntários Realistas da vila de Guimarães. Nasceu em Guimarães, na freguesia de N.^a S.^a da Oliveira, a 2.VII.1798 e faleceu na mesma freguesia a 8.IX.1865.
- Casou, na mesma freguesia, a 18.V.1823, com *D. Carlota Carolina Correia de Moraes e Almada Machado e Castro*, que nasceu na casa da Azenha, freguesia de Santa Marinha da Costa, Guimarães, a 1.VII.1796 e faleceu em Guimarães a 25.IV.1861, filha de Marti-

- « nho Correia de Moraes e Castro, 1.º visconde da Azenha, senhor da casa do Carvalho em Tarouca, e do morgado de Parada de Infanções (instituído em 1417), etc., e de sua mulher D. Grácia Xavier Leite de Almada Leite Machado, senhora da casa da Azenha em Guimarães, de Caínhos em Basto, do morgado da Golpilheira em Leiria, etc.

Filhos:

- 10 – *João Machado de Melo Correia de Almada*, que segue.
- 10 – *D. Grácia Xavier Machado de Moraes*, nasceu na freguesia de N.ª S.ª da Oliveira em Guimarães a 10.III.1826 e faleceu nova.
- 10 – *João Machado de Melo Correia de Almada*, sucessor, 1.º visconde de Pindela (decreto de 31.I.1854), do Conselho de Sua Majestade Fidelíssima, fidalgo cavaleiro da Casa Real, comendador da ordem de N.ª S.ª da Conceição de Vila Viçosa, grã-cruz de Isabel a católica de Espanha, etc., deputado da Nação, governador civil de Braga e de Viana do Castelo, sócio correspondente do Instituto de Coimbra, sócio honorário do Grémio Literário do Rio de Janeiro, etc., distinto prosador e poeta. Nasceu em Guimarães a 8.I.1824 e faleceu a 9.V.1891.
- Casou duas vezes: a 1.ª em Guimarães a 17.I.1839, com *D. Maria do Carmo Cardoso de Meneses Barreto do Amaral*, administradora do morgado de Paço de Nespereira, senhora da casa do Proposto em Guimarães, etc., que faleceu em Dezembro de 1851, filha e herdeira de Fortunato Cardoso do Amaral de Meneses Barreto, senhor das mencionadas casas, fidalgo cavaleiro da Casa Real, etc., e de sua mulher D. Maria Rita de Macedo Salgado; e a 2.ª, também em Guimarães, a 19.I.1852, com D. Eulália Estelita de Freitas Rangel de Quadros, que nasceu em Guimarães a 26.X.1827 e faleceu em Braga a 19.I.1920, filha de António Moreira Lopes Machado e de sua mulher D. Maria Emília de Freitas de Melo e Castro Rangel de Quadros.

Filhos do 1.º casamento:

- 11 – *D. Carlota Pinheiro de Melo Cardoso de Meneses*, que faleceu menina.
- 11 – *D. Grácia Adelaide Pinheiro de Melo Cardoso de Meneses*, que nasceu na casa do Proposto, freguesia de São Paio de Guimarães, a 10.I.1843 e faleceu menina.
- 11 – *Vicente Pinheiro de Melo e Almada*, que sucedeu na casa de sua mãe, nasceu na casa do Proposto a 6.II.1844 e faleceu a 25.X.1852.
- 11 – *D. Maria Amélia do Carmo Cardoso de Meneses*, senhora do morgado de Paço de Nespereira e da casa do Proposto, em que sucedeu a seu irmão Vicente. Nasceu em Guimarães a 10.VIII.1847 e faleceu a 10.III.1872.
- Casou em Guimarães a 15.XI.1865 com seu parente *Gaspar Lobo de Sousa Machado e Couros*, 1.º visconde de Paço de Nespereira (decreto de 23.IX.1886), senhor do morgado de Santão e da casa do Largo da Misericórdia em Guimarães, fidalgo cavaleiro da Casa Real, que nasceu a 15.IX.1842 e faleceu a 19.XI.1920, filho de Rodrigo Lobo de Sousa Machado e Couros, senhor dos referidos morgado e casa, fidalgo cavaleiro da Casa Real (Alvará de 12.XI.1812), e de D. Clara de Faria, — com geração que reside em Braga e em Guimarães.
- 11 – *D. Carlota Adelaide Cardoso de Meneses*, nasceu na casa do Proposto em Guimarães a 10.VIII.1849 e faleceu solteira a 10.VIII.1890.

Filhos do 2.º casamento:

- 11 — *Vicente Pinheiro Lobo Machado de Melo e Almada*, que segue.
- 11 — *D. Grácia da Assunção Pinheiro de Melo*, nasceu em Guimarães a 24.V.1854 e faleceu solteira a 21.VII.1872.
- 11 — *Bernardo Pinheiro Correia de Melo*, que segue no § 2.º.
- 11 — *Vicente Pinheiro Lobo Machado de Melo e Almada*, 2.º visconde de Pindela (decreto de 20.V.1886), senhor da casa de Pindela, etc., Par do Reino, bacharel formado em direito, governador das Ilhas de São Tomé e Príncipe, deputado da Nação, ministro plenipotenciário na Haia e em Berlim, grã-cruz da ordem de Cristo, comendador da ordem de N.ª S.ª da Conceição de Vila Viçosa, cavaleiro do Mérito Naval de Espanha, comendador da Estrela Polar da Suécia, e da Águia Negra da Prússia, etc., genealogista e escritor de mérito. Nasceu em Guimarães a 23.IV.1852 e faleceu na sua casa de Pindela a 14.IV.1922.
- Casou em Lisboa, a 23.V.1889, com *D. Maria Amália de Sousa Botelho Mourão e Vasconcelos*, que nasceu em Lisboa a 28.XII.1855 e faleceu na casa de Pindela a 14.IV.1918, filha de D. Fernando de Sousa Botelho Mourão e Vasconcelos, 2.º conde de Vila Real, senhor do morgado de Mateus, e da Cumieira, etc., e de sua mulher D. Júlia Braamcamp de Almeida Castelo-Branco.

Filhos:

- 12 — *D. Júlia Leonor Pinheiro de Melo*, nasceu na Haia a 24.VIII.1890.
- Casou na capela da casa de Pindela, a 27.XI.1922, com *Luís Cardoso de Macedo Martins de Meneses*, que nasceu em Guimarães a 10.VIII.1871 e faleceu na mesma cidade a 27.II.1945, filho de Luís Cardoso Martins da Costa Macedo, 1.º conde de Margaride, e de sua mulher D. Ana Júlia de Melo Cardoso de Meneses, — com descendência.
- 12 — *João Afonso Simão Pinheiro Lobo Figueira Machado de Melo e Almada*, que segue.
- 12 — *D. Grácia Maria Eulália Pinheiro de Melo*, religiosa professa na congregação do Sagrado Coração de Maria. Nasceu em Berlim a 17.V.1900 e faleceu no convento da sua ordem em Vila do Conde em Dezembro de 1955.
- 12 — *João Afonso Simão Pinheiro Lobo Figueira Machado de Melo e Almada*, 3.º visconde de Pindela (autorização de El-Rei D. Manuel II, de 1920), senhor da casa de Pindela, engenheiro agrónomo. Nasceu em Berlim a 24.XI.1894 e faleceu em Lisboa a 16.I.1938.
- Casou em Vila Real a 16.VIII.1923, com *D. Margarida Helena Felgueiras Cardoso Martins de Meneses*, que nasceu em Guimarães a 13.I.1902, filha de João Cardoso de Macedo Martins de Meneses e de sua mulher D. Helena Madalena de Soutomayor Felgueiras e Sousa, e neta paterna dos 1.ºs condes de Margaride.

Filhos:

- 13 — *D. Maria Amália da Assunção Pinheiro Lobo de Figueira Machado*, nasceu na casa de Pindela a 25.VII.1924.
- 13 — *Vicente Maria Miguel Bernardo Pinheiro Lobo de Figueira Machado*, que segue.

-
- « 13 — *Vicente Maria Miguel Bernardo Pinheiro Lobo de Figueira Machado*, representante do título de visconde de Pindela (certificado do Conselho da Nobreza de 20.III.1949). Nasceu na casa de Pindela a 7.X.1925 ⁽⁵⁵¹⁾.
-

(551)

- 13 — **Vicente Maria Miguel Bernardo Pinheiro Lobo da Figueira Machado**. — Nasceu na Casa de Pindela (Santiago da Cruz-Vila Nova de Famalicão) a 7 de Outubro de 1925 e foi baptizado na capela da Casa a 29. Engenheiro civil (Universidade do Porto) e empresário agrícola. Representante do título de Visconde de Pindela (certificado do Conselho de Nobreza de 20 de Março de 1949), representante do Morgado de Pindela (instituído a 12 de Maio de 1526 por Luís de Carvalho e sua mulher, D. Brites de Almeida*) e actual senhor da Casa de Pindela com sua irmã, D. Maria Amália Helena da Assunção Pinheiro Lobo da Figueira Machado, solteira, nascida na Casa de Pindela a 25 de Julho de 1924. Casou em Lisboa, em S. Domingos de Benfica, a 4 de Julho de 1959, com *D. Ana Isabel Maria Bacelar de Queiroz Nazareth de Sousa*, que nasceu em Lisboa, em S. Sebastião da Pedreira, a 24 de Janeiro de 1929, assistente social e educadora de infância, senhora, com seus irmãos, da Quinta da Justa (Souselas-Coimbra) e de várias propriedades em Borba (Alentejo), filha de Custódio Agostinho da Silveira Azevedo Nazareth de Sousa, engenheiro electrotécnico, senhor da Quinta da Justa, e de sua mulher, D. Isabel Maria de Abreu Bacelar Caldeira de Queiroz, ambos já falecidos, e neta paterna de José Antunes de Sousa, licenciado em Farmácia e proprietário em Barcouço (Mealhada), e de sua mulher, D. Isabel Maria da Silveira Azevedo de Oliveira Nazareth, da referida Quinta da Justa, e neta materna de Henrique José Caldeira de Queiroz, médico e proprietário em Borba (Alentejo), e de sua mulher, D. Ana Júlia de Abreu Barbosa Bacelar.

Filhos:

- 14 — *João Afonso Nazareth Pinheiro da Figueira Machado*. — Nasceu no Porto, em Cedofeita, a 12 de Junho de 1960, e foi baptizado na capela da Casa de Pindela a 10 de Julho. Licenciado em Direito (Universidade Católica) e advogado.
- 14 — *D. Isabel Maria Nazareth Pinheiro da Figueira Machado*. Nasceu no Porto, em Cedofeita, a 26 de Agosto de 1961. Licenciada em Economia (Universidade do Porto).
- 14 — *D. Margarida Nazareth Pinheiro da Figueira Machado*. Nasceu no Porto, em Cedofeita, a 4 de Janeiro de 1963. Possui o Curso de Tradutora e Intérprete (Instituto Técnico de Formação e Investigação). Casou na capela da Casa de Pindela, a 19 de Julho de 1986, com *D. António Bernardo Rosazza Ferraris de Saldanha*, que nasceu em Lisboa, em S. José, a 12 de Fevereiro de 1952, senhor, com seus irmãos e primos direitos (o actual Marquês de Rio Maior e seus irmãos) do Palácio da Anunciada, a Rua das Portas de Santo Antão, em Lisboa, filho de D. Luís de Saldanha Oliveira e Sousa, engenheiro de Minas, senhor, com seus irmãos (o 3.º Marquês de Rio Maior, etc.) do Palácio da Anunciada, e de sua mulher, D. Vera Rosazza Ferraris, e neto paterno dos 2.ºs Marqueses (o 2.º Marquês foi senhor do Palácio da Anunciada) e 5.ºs Condes de Rio Maior, e neto materno de Mário Rosazza Ferraris, engenheiro de Minas, e de sua mulher, D. Marly Beck.
- 14 — *José Maria Nazareth Pinheiro da Figueira Machado*. Nasceu no Porto, em Cedofeita, a 26 de Maio de 1964, e foi baptizado na capela da Casa de Pindela a 13 de Junho. Estudante. →

11 — *Bernardo Pinheiro Correia de Melo* — filho do segundo casamento do 1.º visconde de Pindela, como ficou dito.

1.º conde de Arnoso (decreto de 28.IX.1895), Par do Reino, Oficial-mor da Casa Real, general reformado do Estado Maior de Engenharia, oficial às ordens de S. M. F. os reis D. Luís I e D. Carlos I, secretário particular de S. M. F. El-Rei D. Carlos I, comendador das ordens de São Bento de Aviz e de N.ª S.ª da Conceição de Vila Viçosa, comendador do número de Isabel a Católica de Espanha, grã-cruz de Afonso XII, do Mérito Naval e de Carlos III de Espanha, grande-oficial da Legião de Honra, grã-cruz da real ordem de Vitória da Grã-Bretanha, de S.º Estanislau da Rússia, de Alberto de Saxe, de Francisco José de Áustria, de Mecklembourg, do Duplo Dragão 3.ª divisão 1.ª classe da China, comendador da Coroa Real da Prússia, cavaleiro de S. Maurício e S. Lázaro de Itália, etc., etc.. Nasceu em Guimarães a 27.V.1855 e faleceu em Pindela a 21.V.1911.

Casou duas vezes: a 1.ª em Lisboa, a 16.VII.1877, com *D. Maria José de Melo Abreu Soares de Vasconcelos Brito Barbosa e Palha*, que nasceu em Lisboa a 9.VII.1857 e faleceu na mesma cidade a 10.I.1882, filha segunda de D. José de Melo Abreu Soares de Vasconcelos Brito Barbosa e Palha, 3.º conde de Murça, etc., e de sua mulher D. Ana de Sousa Coutinho Monteiro Paym; e a 2.ª, também em Lisboa, a 28.V.1890, com *D. Matilde Munró dos Anjos*, que nasceu em Lisboa a 22.V.1874, filha de Policarpo Pecquet Ferreira dos Anjos, Par do Reino, etc., e de sua mulher D. Alice Munró.

Filhos do 1.º casamento:

12 — *D. Ana Maria Isabel do Carmo Pinheiro de Melo*, nasceu em Lisboa a 6.VI.1878.

Casou em Lisboa, a 25.III.1916, com *José de Arruela*, bacharel formado em direito, advogado, que nasceu a 5.VI.1880, filho de Caetano Ferreira, bacharel formado em direito, advogado, e de sua mulher D. Maria Cândida Homem de Melo, — com descendência.

12 — *João Maria Rodrigo Pinheiro de Figueira e Melo*, 2.º conde de Arnoso (decreto de 28.IX.1895), 2.º tenente da armada real, moço-fidalgo com exercício no Paço. Nasceu em Lisboa a 9.X.1879 e faleceu na mesma cidade a 6.VI.1906, solteiro e sem descendência.

12 — *Vicente Miguel de Paula Pinheiro de Melo*, que segue.

Filhos do 2.º casamento:

12 — *D. Maria Grácia Pinheiro de Melo*, nasceu em Lisboa a 4.VI.1892 e morreu criança.

12 — *Bernardo Miguel António Pinheiro de Melo*, moço-fidalgo com exercício no Paço, nasceu em Lisboa a 26.III.1896, e morreu em Lisboa em 1957.

→ 14 — *Gonçalo Baltazar Nazareth Pinheiro da Figueira Machado*. Nasceu em Vila Nova de Famalicão a 19 de Março de 1967. Estudante.

14 — *Francisco Xavier Nazareth Pinheiro da Figueira Machado*. Nasceu em Vila Nova de Famalicão a 30 de Novembro de 1969. Estudante**.

* Ver NOTÍCIA GENEALÓGICA (*Os Figueiras* — § 1. n.º 3 (nota (550))).

** Actualização elaborada com as informações dadas pelo Dr. João Afonso Nazareth Pinheiro da Figueira Machado, a quem apresento os meus cumprimentos e agradeço (1-11-1986).

«

Casou em Lisboa, a 13.IV.1925, com sua prima co-irmã *D. Maria Luísa Anjos Dinis*, que nasceu em Lisboa a 19.II.1897, filha de Carlos Joyce Dinis, coronel de engenharia, etc., e de sua mulher *D. Maria Leonor Munró dos Anjos*.

Filhos:

- 13 — *Bernardo Pinheiro Correia de Melo*, nasceu em Lisboa a 20.I.1926.
 - 13 — *Pedro Pinheiro Correia de Melo*, nasceu em Lisboa a 29.II.1927.
 - 13 — *João Pinheiro Correia de Melo*, nasceu em Lisboa a 5.X.1928.
 - 13 — *D. Maria Leonor Pinheiro Correia de Melo*, nasceu em Lisboa a 14.IX.1930.
 - 13 — *Gonçalo Pinheiro Correia de Melo*, nasceu em Lisboa a 18.XI.1931.
 - 13 — *D. Maria Pinheiro Correia de Melo*, nasceu em Lisboa a 29.VII.1935.
 - 13 — *D. Teresa Pinheiro de Melo*, nasceu em Lisboa a 11.XI.1936.
- 12 — *D. Maria do Carmo Pinheiro de Melo*, grã-cruz da ordem do Império Britânico, nasceu em Lisboa a 4.VI.1897.

Casou em Lisboa, a 25.X.1915, com *D. Domingos Maria do Espírito Santo José Francisco de Paula de Sousa e Holstein-Beck*, 5.º duque de Palmela (alvará do Conselho de Nobreza de 29.I.1946), 3.º conde da Póvoa (autorização de El-Rei D. Manuel II e alvará do Conselho de Nobreza de 20.I.1948), moço-fidalgo com exercício no Paço, engenheiro civil (Cambridge), administrador do Banco de Portugal, embaixador em Londres, grã-cruz da ordem de Cristo, grã-cruz do Império Britânico, etc., etc., que nasceu em Lisboa a 6.VI.1897, — com descendência.

- 12 — *Jorge Maria Baltazar Pinheiro de Melo* nasceu em Lisboa a 19.XI.1904.

Casou em Lisboa a 30.VI.1937 com *D. Maria do Carmo Cardoso d'Orey*, que nasceu a 28.I.1913, filha de Waldemar d'Albuquerque d'Orey e de sua mulher *D. Maria Helena Calvet de Magalhães Ribeiro Cardoso*.

Filhos:

- 13 — *Bernardo Manuel Pinheiro de Melo* nasceu a 18.IV.1938.
 - 13 — *João Maria Pinheiro de Melo* nasceu a 2.III.1941.
 - 13 — *D. Helena Maria Pinheiro de Melo* nasceu em Cascais a 3.IX.1943.
 - 13 — *D. Maria do Carmo Pinheiro de Melo* nasceu em Cascais a 17.XI.1944.
- 12 — *D. Isabel de Jesus Maria Pinheiro de Melo* nasceu em Lisboa a 14.V.1907.
- Casou em Lisboa, a 28.XII.1928, com *Manuel Ribeiro do Espírito Santo Silva*, licenciado em direito, banqueiro, que nasceu em Lisboa a 30.IX.1908, filho do banqueiro José Maria do Espírito Santo Silva e de sua mulher *D. Rita Ribeiro*, — com descendência.
- 12 — *D. Teresa Maria Pinheiro de Melo* nasceu a 29.X.1911.
- Casou em Lisboa, a 7.VI.1933, com seu primo *Eduardo Anjos Ramos de Magalhães*, filho de Tristão Ramos de Faria Magalhães e de sua mulher *D. Palmira Anjos*, — com descendência.

- 12 — *Vicente Miguel de Paula Pinheiro de Melo*, 3.º conde de Arnoso (autorização de El-Rei D. Manuel II, de 1912), bacharel formado em direito, moço-fidalgo com exercício no Paço, poeta e dramaturgo, nasceu em Lisboa a 9.XII.1881 e faleceu na mesma cidade a 15.VI.1925.

« Casou em Lisboa, a 4.IX.1919, com *D. Teresa Teles da Silva Caminha e Meneses*, que nasceu em Lisboa a 8.X.1884 e faleceu na mesma cidade a 24.VI.1944, — viúva de Eduardo João Severo O'Neill de Roure, — e filha dos 12.^{os} condes de Tarouca.

Filhas:

13 — *D. Maria José Pinheiro de Melo*, que segue.

13 — *D. Mariana Grácia Pinheiro de Melo*, nasceu em Seia a 3.IX.1924.

Casou em Lisboa, a 17.VI.1946, com *D. Telmo José Coelho de Bragança*, que nasceu em Lisboa a 27.VIII.1925, filho do segundo casamento de *D. José de Bragança Sousa e Ligne de Portugal e Castro Álvares Pereira de Melo*, dos duques de Lafões, com *D. Emília Augusta Coelho*.

Filhos:

14 — *D. José Vicente Pinheiro de Melo de Bragança*, nasceu a 3.V.1947.

14 — *D. Pedro Rafael Tadeu Pinheiro de Melo de Bragança*, nasceu em Arronches a 29.VI.1950.

13 — *D. Maria José Pinheiro de Melo*, 4.^a condessa de Arnoso (alvará do Conselho de Nobreza de 19.XII.1946), nasceu em Lisboa a 3.V.1922.

§ 3.^o

3 — O Revd.^{mo} senhor *D. Diogo Figueira* — filho primogénito do licenciado Fernão Figueira, n.^o 2 do § 1.^o, e de sua mulher Leonor Tomé Ronquillo.

Foi deão da Sé primacial de Braga, por renúncia de seu tio (primo co-irmão de sua mãe) o deão *D. Carlos da Guarda*, em 1567; teve três prebendas e oito abadias.

De *Isabel Gomes*, moradora em Vila Nova de Gaia (filha de *Beatriz Gomes*, natural de Laundos), teve os filhos bastardos, abaixo mencionados, que perfilhou por escritura de 13.X.1586⁷.

Filhos bastardos legitimados:

4 — *Geraldo Figueira da Silva*, que segue.

4 — *Francisco Figueira*, fidalgo cavaleiro da Casa Real (Alvará de 23.II.1576), que serviu e morreu na Índia.

4 — *Fernão Figueira da Silva*, fidalgo cavaleiro da Casa Real (Alvará de 11.IV.1590), que serviu na Índia onde morreu.

4 — *João da Guarda Figueira*, — s. m. n.

4 — *Manuel Figueira*, que morreu na Índia.

4 — *Geraldo Figueira da Silva*, fidalgo cavaleiro da Casa Real, a quem seu pai dotou, para casar, com a grande quinta de Fontes na freguesia de Santa Leocádia de Briteiros, termo de Guimarães, por escritura de 5.I.1583⁸.

« 7 Nota de António Coelho. — Arquivo Distrital de Braga.

8 *Ibid.*

« Em 1614 ele e sua mulher venderam a seu primo Baltasar Pinheiro Lobo e mulher D. Maria Fagundes Portocarreiro, as quintas do Prado e da Lage, obrigando, então, parte da quinta de Fontes à capela de São Domingos, à qual estava obrigada a quinta de Prado. Depois do contrato ficaram a cargo de Baltasar Pinheiro e seus sucessores as despesas da fábrica da capela, jazigo dos Figueiras.

Geraldo Figueira faleceu na quinta de Fontes a 1.I.1629, tendo casado, em Braga, em 1583, com *D. Ana Bravo Coutinho*, senhora das quintas de Prado e da Lage, e administradora da capela de São Domingos, a qual faleceu na quinta de Fontes a 16.IV.1607, e era filha de Simão Freire de Sousa e de sua mulher D. Antónia da Fonseca Coutinho (Vid. *Freires*, § 1.º).

Filhos:

5 — *D. Maria Bravo*, baptizada na freguesia de Santa Leocádia de Briteiros a 27.IV.1585, faleceu na mesma freguesia a 19.X.1589.

5 — O licenciado *Diogo Bravo Figueira*, formado em leis, familiar do Santo Officio (1628), corregedor na Guarda, onde faleceu em Março de 1636, tendo sido baptizado em Santa Leocádia de Briteiros a 6.X.1586.

Casou com *D. Justina Botelho*, que depois casou em 2.ªs núpcias com Sebastião Fernandes Pinto, da vila de Guimarães, — s. g..

5 — *D. Jerónima Bravo*, baptizada em Santa Leocádia de Briteiros a 1.III.1589 e m. m..

5 — *D. Marta Bravo Figueira*, freira no convento de Jesus em Monforte do Alentejo, baptizada em Santa Leocádia de Briteiros a 20.VIII.1591.

5 — *Simão Figueira de Sousa*, baptizado em Santa Leocádia de Briteiros a 19.IX.1594. Foi para a Índia.

5 — O licenciado *Gaspar da Fonseca Figueira e Sousa*, que segue.

5 — *D. Ana Bravo Figueira*, freira no convento da Conceição em Braga, baptizada em Santa Leocádia de Briteiros a 25.I.1598.

5 — O Revd.º *Francisco Figueira de Sousa*, reitor da freguesia de Santa Cristina de Longos; recebeu ordens de evangelho em Braga a 19.IX.1631. Baptizado em Santa Leocádia de Briteiros a 20.XII.1600, e faleceu na mesma freguesia a 8.VII.1647.

Filho bastardo:

6 — *João Figueira de Sousa* — havido em Isabel, filha de Francisco Pires —, baptizado em São Tiago da Cruz a 19.III.1627, — c. g..

5 — *D. Cecília Bravo*, freira no convento de Jesus em Monforte do Alentejo, baptizada em Santa Leocádia de Briteiros a 23.VIII.1604.

5 — *Bartolomeu Figueira*, que casou no Brasil com *D. Úrsula do Amaral*, — c. g..

5 — O licenciado *Gaspar da Fonseca Figueira e Sousa*, senhor da quinta de Fontes, que herdou de seu pai e da quinta de Palmeira em Santa Leocádia de Briteiros (que fora de seu avô o deão)⁹, provedor em Lamego e desembargador da Relação eclesiástica do Porto; recebeu ordens menores em Braga¹⁰.

« ⁹ A quinta da Palmeira era prazo do revd.º Cabido de Braga, que a emprazou ao deão a 7.II.1562; o prazo foi renovado a Gaspar da Fonseca a 11.V.1637; — Vid. *Prazos do Cabido*, Arquivo Distrital de Braga.

¹⁰ Livro das Matrículas avulsas, fls. 249. — Arquivo Distrital de Braga. »

« Baptizado em Santa Leocádia de Briteiros a 10.I.1596, faleceu em Lisboa em 1661, sendo sepultado em Santo Elói, daquela cidade, e mais tarde trasladado para a sua capela de Nossa Senhora do Rosário na quinta de Fontes.

Casou na freguesia de Santa Maria dos Anjos, da vila de Monção, a 18.V.1635, com *D. Catarina Soares de Moscoso*, que faleceu na quinta de Fontes a 7.VII.1684, filha de Jerónimo Marinho Falcão e de sua mulher *D. Maria Soares de Moscoso*. Gaspar e *D. Catarina* instituíram o morgado de Fontes, — s. g..

De *Catarina Gonçalves*, solteira, de Santa Leocádia de Briteiros, teve os seguintes

Filhos bastardos:

- 6 — *Luís Freire de Sousa*, frade lóio, que em religião se chamou *Frei Félix da Ressurreição*.
- 6 — *Geraldo Figueira de Sousa*, que serviu no exército e faleceu solteiro na quinta de Fontes a 4.II.1662.
- 6 — O Revd.^o *Leão de São Francisco*, frade franciscano.
- 6 — *João da Guarda Figueira*, que morreu na Índia s. g..
- 6 — *Carlos Freire de Sousa*, que morreu na Índia s. g..
- 6 — *Simão Freire de Sousa*, que segue.
- 6 — *D. Maria da Fonseca*, testamenteira e herdeira de sua madrastra.
- 6 — *Simão Freire de Sousa*, 1.^o administrador do morgado de Fontes e senhor da quinta de Palmeira.

Casou no Porto com *D. Isabel de Magalhães Baldaia*, filha de Jerónimo de Magalhães Baldaia, familiar do Santo Ofício, e de sua mulher *D. Domingas Pereira*.

Filhos:

- 7 — *Bernardo de Magalhães*, que faleceu novo e solteiro.
- 7 — *Damião Freire de Sousa Figueira*, 2.^o administrador do morgado de Fontes, solteiro e s. g..
- 7 — *Francisco Figueira de Sousa*, que m. m..
- 7 — *Carlos de Sousa Freire*, que faleceu na quinta de Fontes a 12.I.1760.
- 7 — *Luís Freire de Sousa Figueira*, 3.^o administrador do morgado de Fontes, — s. g..
- 7 — *Pedro da Fonseca Freire de Sousa*, que segue.
- 7 — *José Coutinho Figueira*, que m. m..
- 7 — *Duas Filhas*, que foram freiras.
- 7 — *Pedro da Fonseca Freire de Sousa*, que viveu quase sempre no Porto. Ignoramos se sucedeu no morgado.

De *Ana da Silva*, solteira, do lugar de Souto Mendinho, na freguesia de Santa Leocádia de Briteiros, teve a seguinte

Filha bastarda:

- 8 — *D. Rosa da Fonseca*, que segue.

- « 8 — *D. Rosa da Fonseca*, baptizada em Santa Leocádia de Briteiros a 21.IX.1698, sendo padrinho seu tio Damião Freire de Sousa Figueira.

Casou em Santa Leocádia de Briteiros, a 13.IX.1730, com *Tomé Rodrigues*, filho de Manuel da Silva e de sua mulher Senhorinha Marques, da mesma freguesia.

Filha:

- 9 — *D. Maria da Fonseca*, que segue.
- 9 — *D. Maria da Fonseca*, que foi senhora da quinta de Fontes e foi casada com *Manuel José Barbosa*.

Filho:

- 10 — *Joaquim José Barbosa de Sousa Freire*, que segue.
- 10 — *Joaquim José Barbosa de Sousa Freire*, senhor da quinta de Fontes e capela de Nossa Senhora do Rosário em Santa Leocádia de Briteiros. Nasceu a 8.XII.1772.
- Casou na freguesia do Salvador de Briteiros, a 17.VII.1790, com *D. Quitéria Maria Duarte de Araújo*, filha de Custódio de Araújo e de sua mulher Quitéria Duarte.

Filhos:

- 11 — *D. Maria Josefa Duarte*, nasceu em Santa Leocádia de Briteiros a 12.II.1791 e foi casada com *José Ferreira*, — c. g..
- 11 — *D. Ana Duarte*, nasceu na mesma freguesia a 17.I.1794. Solteira.
- 11 — *Manuel José*, que segue.
- 11 — *D. Maria Teresa Duarte*, nasceu na mesma freguesia a 2.I.1799 e foi casada com *Domingos José Gonçalves*, — c. g..
- 11 — *D. Quitéria Maria Duarte*, nasceu na mesma freguesia a 10.XI.1801 e foi casada com *Tomás Bernardo Pereira*, — c. g..
- 11 — *D. Maria Joaquina Barbosa*, nasceu na mesma freguesia a 3.IX.1804 e foi casada com *José de Sousa*, — c. g..
- 11 — *José Barbosa de Sousa Freire*, senhor da casa da Portela, nasceu na mesma freguesia a 11.III.1807 e foi casado com *D. Joaquina Maria Marques*, filha de Manuel José Gomes Marques e de sua mulher D. Rita Maria Marques, — c. g..
- 11 — *João Barbosa de Sousa Freire*, nasceu na mesma freguesia a 19.X.1810.
- 11 — *Manuel José Barbosa de Sousa Freire*, senhor da quinta de Fontes, nasceu em Santa Leocádia de Briteiros a 7.VI.1796.
- Casou em São Martinho do Campo, Póvoa de Lanhoso, com *D. Maria Joaquina Fernandes*, filha de Manuel José Pereira e de sua mulher D. Ana Maria Fernandes.

Filhos:

- 12 — *D. Maria Joana Fernandes*, nasceu na quinta de Fontes a 28.V.1832 e foi casada com *Domingos José Pedrosa*, de São Paio de Figueiredo, — c. g..

- « 12 – *Joaquim José*, que segue.
- 12 – *Custódio Barbosa de Sousa Freire*, nasceu na quinta de Fontes a 10.IV.1836.
- 12 – *D. Maria Fernandes Barbosa*, nasceu na quinta de Fontes a 2.VI.1838.
- 12 – *Francisco Barbosa de Sousa Freire*, nasceu na quinta de Fontes a 19.III.1840.
- 12 – *Joaquim Barbosa de Sousa Freire*, nasceu na quinta de Fontes a 20.XII.1842.
- 12 – *Joaquim José Barbosa de Sousa Freire*, último senhor da quinta de Fontes que vendeu, e onde tinha nascido a 29.VII.1834.
- Foi casado com *D. Maria da Conceição de Medeiros*, filha bastarda de Manuel António de Medeiros, boticário em Vila Pouca de Aguiar.

Filhos:

- 13 – O doutor *Manuel José Barbosa de Sousa Freire*, médico, que faleceu solteiro, e sem descendência, em Pombal.
- 13 – *D. Maria de Medeiros Barbosa*, que casou para a Póvoa de Varzim (c. g. ?). »

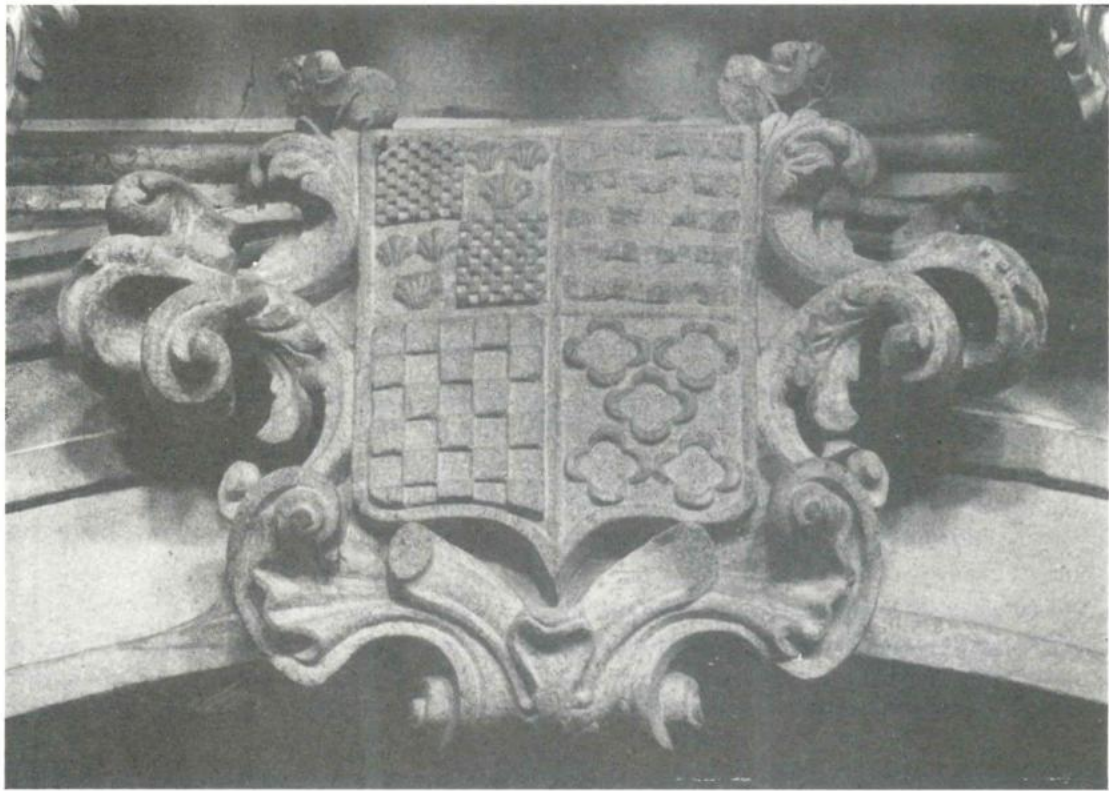
Veja-se:

- *Nobiliário de Famílias de Portugal*, por Felgueiras Gayo, tít. de *Figueiras*, § 6 (*de Braga*).
- *Arvores de Costados das Famílias Nobres*, por José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco, tomo II, costado 89.
- *Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal*, por Albano da Silveira Pinto (continuada pelo Visconde de Sanches de Baêna), tomo II, em *Pindella (Visconde de)*.
- *Ultimas Gerações de Entre Douro e Minho*, por José de Sousa Machado, vol. I, costado 89 (*Casa de Pindela (Vila Nova de Famalicão)*), e pág. 479, e vol. II, págs. 520 e 589.
- *Anuário da Nobreza de Portugal*, ano III, tomo I (1985), em *Visconde de Pindela*.





124



125

Localização:

— Igreja de S. Francisco ⁽⁵⁵²⁾. A pedra de armas está firmada no arco que abriga o altar de S. José, que é o primeiro altar à esquerda para quem entra no templo pela porta principal ⁽⁵⁵³⁾.

Material: granito.

Época: século dezoito (meados?).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo francês, assente numa cartela decorada com ornatos concheados, volutas e folhas de acanto. Coronel mutilado (vestígios) ⁽⁵⁵⁴⁾.

Escudo:

Composição: esquartelada.

Leitura:

I	PIMENTA	(1)
II	TÁVORA	(2)
III	PEIXOTO, antigo	(3)
IV	LE MOS	(4)

⁽⁵⁵²⁾ Ver os n.ºs 124 a 131.

⁽⁵⁵³⁾ Nota ⁽⁵⁵⁶⁾.

⁽⁵⁵⁴⁾ Mutilação provocada por descimento (ou queda) de sanefa?

(1) No I e no IV temos um xadrezado de oito peças em faixa e dez em pala; e no II e no III as vieiras foram postas invertidas. São as armas dos Pimentas: *esquartelado, tendo no I e no IV um faixaado contrafaixado de cinco peças e no II e no III três vieiras.*

(2) Cinco faixas ondadas.

(3) Xadrezado de cinco peças em faixa e seis em pala.

(4) Cinco cadernas de crescentes.

*
* *
*

NOTÍCIA GENEALÓGICA:

« Casa da Aveleira (555).

[...]

Linho fino, restos, nas velhas arcas. Em 1637 «Antes do Natal de mes de dezembro aos 10 dias faleceu Joana Luís» ¹. Filha de Inês Luís? A 24-3-1638 casa Geraldo Luís, «meo freguês», com Catarina Antunes ². Ambos vão, a 16-1-1640, à Rua dos Mercadores, em Guimarães, «casas de Simão Dias Pimenta, infanção». Aí lhe vendem o seu casal da Aveleira, em Pencilo, onde moram, «privilegiado das Tábuas Vermelhas, que ficou a ele Giraldo Luís por falecimento de sua irmã Joana Luís por escolha que dele fizeram os ditos Rev.dos Cónegos da Colegiada e como as vidas estavam findas eles o vendem com todas as entradas, saídas, avidas e por aver, a Simão Dias Pimenta por 130 mil reis livres a eles vendedores de sizas, dominios e mais gastos, mas em vida de Giraldo Luís o privilégio e os usos e frutos serão dele, e no caso dele morrer primeiro que a mulher o casal fica logo livre para os compradores com condição de darem à viuva quarenta razas de pão, o terço do milho e do centeio, vinte almudes de vinho, na dorna a quatorsado em cada ano e lhe semearão uma raza de linhaça no campo da Pereira ao longo da horta num ano e no outro pã a banda do bairro e do penedo para cima...» ³.

Os últimos pontos. Na Aveleira, sua enquanto vivo, nascem os filhos de Geraldo Luís ⁴. Com cuidado cosemos rendas, rendas brancas e leves. Contratam os fregueses de S. João de Pencilo

« ¹ [É a nota 47 no *Boletim de Trabalhos Históricas*]. M. 1 S. João de Pencilo. Arq. Mun. A. Pimenta.

² Idem.

³ «Compra de Simão Dias Pimenta a Giraldo Luis e m.er da Aveleira de Pencilo», a 16.1.1640. L.º de notas do Tab. António Nogueira do Canto (10-2-59), Arq. Mun. A. Pimenta. Nesse mesmo dia Geraldo Luís pede emprestado a juros a Simão Dias Pimenta.

⁴ Foram filhos de Geraldo Luís: Domingos, b. a 10.4.1639; o pad. foi Simão Dias Pimenta; António, b a 27.12.1657, e José, a 3.11.1662. É natural que sejam de dois casamentos. Geraldo Luís fal. na Aveleira a 13.12.1666 «está enterrado dentro da Igreja reconciliado com todos os sacramentos ficou herd.ª sua m.er Mariana». M. 1. Pencilo.

(555) Transcrição de parte do Cap. VII de *Velhas Casas*, por Maria Adelaide Pereira de Moraes, — capítulo publicado no «Boletim de Trabalhos Históricas» do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães, vol. XXX (1979). A Casa da Aveleira fica na freguesia de Pencilo, no concelho de Guimarães.

« com Geraldo Luís sobre a obrigação de contribuírem com uma cruz de prata para a sua Igreja, o que lhes estava mandado por capítulos de visitação. Não têm dinheiro, por isso Geraldo Luís, senhor usufrutuário da Aveleira, dá a cruz, com o mesmo peso «que tem a de S. Lourenço do Selho». Cada vez que se ergue a cruz, rezam todos ⁵.

Pronta a colcha, de linho e estopa, algodão e damasco, de muitos pedaços, de cores diferentes desta parte da história da Aveleira. Sobre ela se ergue a Cruz de Prata, dádiva à freguesia por um dos seus senhores. E todos murmuram baixinho, ou no silêncio do seu coração, Padre-Nosso, Avé-Maria...

Pronta a colcha. Foi a Aveleira, inteira, tal e qual como hoje, comprada a 16-1-1640 por Simão Dias Pimenta? Mas como, se já sua tia, Maria Peixoto de Freitas, diz, ao fazer-lhe o dote para casar, a 18-8-1631, que anos atrás «ao instituírem ou levantarem uma Capela de Nossa Senhora da Porciúncula sita no corpo da Igreja de S. Francisco em Guimarães, na escritura vincularam para os sucessores dela a quinta da Aveleira em S. João de Pencelo» e entre os mais bens dota-lhe «a quinta da Aveleira com todas as suas pertenças foreira a Deus» ⁶. Rasgamos a colcha em duas. Numa parte, a Aveleira comprada a Geraldo Luís com seu privilégio das Tábuas Vermelhas; na outra a vinculada à Capela da Porciúncula do Convento de S. Francisco. Ambas são de Simão Dias Pimenta. Nelas procuramos ajustar os muitos retalhos, as muitas cores: os Farias, Almotacés-Mores, os modestos Luíses, os Machados de Miranda e António Dias Pimenta, homem grave, da governação da vila, tio de Simão Dias Pimenta.

*

Um a um apresento toda a família de Simão Dias Pimenta, rico mercador, Prebendeiro do Cabido⁷, sr., por compra e herança, da Aveleira, do Carvalho, do Gualtar e dos moinhos do Rio

« ⁵ A 7.4.1647 «...todos os freg.s juntos disseram que escrevesse este termo de contrato com Giraldo Luís morador no Casal da Aveleira sobre a obrigação de contribuírem com uma cruz de prata para a dita igreja que lhes estava mandado por capítulos de visitação e como os fregueses não teem dinheiro para isso elle giraldo luis dará a cruz de prata com o mesmo peso que tem a de S. Lourenço de Selho e todos os fregueses tem obrigação de lhe rezar um padre nosso e uma avé Maria todas as vezes que se levantara a dita cruz, por sua vida e acrescentamento dela e sua mulher e das almas de seus defuntos e por sua morte por suas almas e por quem são obrigados e findas as obrigações pelas almas do purgatório e mandar dizer duas missas p.^a sempre pelas mesmas intenções». M. 1 Pencelo.

⁶ «Dote he doação antre simão dias pimenta com cn.^a da costa filha de fr.c^o vaz brito», a 18-8-1631. L.^o de notas do Tab. João de Abreu (12.3.8). Arq. Mun. A. Pimenta. O dote foi feito na Q.t^a da Aveleira, em Pencelo. Apareceram: Maria Peixoto, dona viúva de António Dias Pimenta «que deos tem da governansa desta villa e infansão della», Francisco Vaz Brito, m.or em Guimarães, e o noivo, Simão Dias Pimenta, «m.or na companhia da dita M.^a Peixoto», e sobrinho de seu marido. Dota-o a tia com «mil cruzados que serão empregados em fazendas de panos de corres finas, meia quinta do casal de galegos, sita no termo da vila do prado, 2 ou 3 leiras que tem na rua dos gatos herdade dizima a Deus, a quinta da aveleira com todas as suas pertenças, foreiras a Deus e 45 razas de pão que se pagam em Joane 7 varas de pão que se pagam na dita freg.^a, o casal de beredo sito na freg.^a de S.t^a Marinha de Mogege, o Casal de Gazem em que ella é segunda vida, o Casal da Vila Chã e Lage, prazo do mosteiro de Arouca na freg.^a de S.t^o Estevão de Urgeztes, as casas em que vive na Rua dos Mercadores nesta vila, a casa e ortas que tem ao Portelo das Hortas, privilegiados das Tábuas Vermelhas, as casas na Rua de Donães» e a nomeação do vínculo e capela de Nossa Senhora da Porciúncula, em S. Francisco. O pai da noiva também a dota com muita largueza.

⁷ Foi «Prebendeiro de 1637 p.^a 1638 e 39 e 1640 athé 1650 athé o de 1653» in «Boletim de Trabalhos Históricos», vol. VII, p. 108. Numa carta, datada de 7.6.1652, do Príncipe Dom Pedro, então Regente, para Dom João Lobo de Faro, Dom Prior de Guimarães, ordena-se a Simão Dias Pimenta, Tesoureiro das Décimas da Real Colegiada, «Que entregue as decimas que deve do anno passado de 1651, e as vencidas nos quartéis deste anno» aos administradores das fronteiras. In «Bol. de Trabalhos Históricos», vol. I, n.^o 2, p. 27.

« Selho⁸, tudo em Pencilo. Não estão seus pais, provavelmente já defuntos, Baltasar Fernandes e mulher Catarina Gonçalves, «das partes de Landim», moradores que foram no lugar de Paredes, freguesia de Santiago da Carreira, Refojos de Riba de Ave⁹. Também já não está seu tio António Dias Pimenta, instituidor do vínculo de Nossa Senhora da Porciúncula¹⁰. Mas sim a tia, sua viúva, Maria Peixoto de Freitas¹¹, em casa de quem viveu Simão Dias Pimenta até casar, casamento cele-

« ⁸ Comprou o Carvalho a 25.2.1641 a Maria de Miranda de Azevedo, dona viúva de Carlos de Araújo de Azevedo, por 100\$000: era foreiro ao Morg.^o de Pedro Machado de Miranda. L.^o de notas do Tab. António Nogueira do Canto, Arq. Mun. A. Pimenta (10-2-49); os moinhos do Rio de Selho, em Pencilo, a 2.2.1640, a Cosme de Alvarenga, mesmo Tab. (10-2-59), etc., etc.. Também aparece em muitas outras escrituras de vendas e juros.

⁹ Hoje é freguesia do concelho e comarca de Santo Tirso. «Foi sede de um conc. há muito extinto e pertenceu também ao extinto conc. de Refojos de Riba de Ave» (*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*).

¹⁰ António Dias Pimenta, Procurador da Câmara de Guimarães em 1607 (2.^o L.^o das Vereações), instituiu, com sua mulher Maria Peixoto de Freitas, (v. notas 50 e 58 das «*Velhas Casas V*», Casa de Pousada) um vínculo na igreja de S. Francisco, em Guimarães: o de Nossa Senhora da Porciúncula, com jazigo para sua família. Lê-se no dote de Simão Pimenta (nota 6): «...quando instituirão e levantarão uma Capela de Nossa Senhora da Porciúncula sita no corpo da Igreja de S. Francisco em Guimarães na qual escritura vincularão para os sucessores della a quinta da Aveleira sita em S. João de Pencilo». Não tendo filhos, foi herdeiro de António Dias Pimenta seu sobrinho Simão. Com as diversas reformas sofridas ao correr dos anos pela igreja de S. Francisco, não posso determinar ao certo o sítio onde seria a capela; as armas dos da Aveleira, mandadas colocar pelos sucessores do vínculo, encimam, actualmente, o altar de S. José⁽⁵⁵⁶⁾. A igreja da Porciúncula, pequeno templo perto de Assis, cedido a S. Francisco, tornou-se berço da Ordem Franciscana. Desde 1221, todas as capelas desta Ordem, sob esta invocação, têm muitas indulgências.

¹¹ Era f.^a de Vasco Peixoto e de sua m.^{er} Isabel Castelão de Freitas, neta pat. de Álvaro Vaz Peixoto, Sr. da Casa de Pousada, e de sua m.^{er} Inês de Carvalho. V. «*Velhas Casas V, Casa de Pousada*», pp. 19 a 22 e 31 a 33 e nota 58.

⁽⁵⁵⁶⁾ Lê-se nas *Memórias Resuscitadas da Província de Entre Douro, e Minho*, pelo Bacharel Francisco Xavier da Serra Crasbeeck, 1726 (ms. da Biblioteca Nacional de Lisboa), que *no corpo da Igreja, da parte do Evangelho, fica a Capela do glorioso Santo António dos Milagres*, a seguir ao cruzeiro (fl. 147 v.), e que *por detrás desta Capela, que fica à face do átrio, fica a capela interior, onde o Santo antigamente estava, na qual estão duas sepulturas levantadas metidas na parede* (nada mais se diz) (fl. 147 v.), e que *segue-se, logo mais abaixo, a Capela de S. Gualter* (fl. 148), e a esta *segue-se outra Capela de Nossa Senhora da Porciúncula* (fl. 149), que era a primeira capela à esquerda de quem entrava pelo portal do templo, e cujos instituidores *jazem ambos no meio da dita capela em um carneiro e na campa dele [tem] o letreiro seguinte: S.^a DE . / ANTONIO . DIAS . PIMENTA . / E . DE . SVA . MVLHER . MARIA . / PEIXOTA . DE . FREITAS . / INSTITVIDORES . DESTA . / CAPELLA . E . SEVS . HERDEIROS . / ANNO . I690.* (fl. 149), e que *no alto da dita capela, no friso da banda de fora, está um escudo de armas esquarteladas, muito bem iluminadas e pintadas, com as armas dos Costas, Lemos, Távoras e Pimentas, nesta forma* (fl. 149 v.) (Crasbeeck não chegou a fazer o desenho do brasão de armas). Recordar-se que por esta altura o corpo do templo tinha três naves. No *Livro das Sepulturas da Igreja de S. Franc.^o de Guimaraes, que mandou fazer o R. P. M. F. Bento da Luz no anno de 1775, sendo G.^{am} deste Convento* (ms. do Arquivo da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco): «Entre o Altar chamado da *Porciuncula*, e as grades de pao, q. repartem o corpo da Igreja dos Altares por hum, e outro lado junto ao arco do coro fica hum carneyro ao comprido daquella coxia, e he do uzo, e posse do S.^r Luiz Pimenta, que foi de seos Ascendentes q. fizeraõ aquella capella, q. tinha seo corpo p.^a o terr.^o e no tempo do P. M. Fr. Salvador da Guia sendo aqui Guardiaõ convieraõ em que se lhe pozesse a face com os mais Altares, e o carnr.^o neste lugar, suposto, que nada gasteraõ p.^a isso, e toda a obra nova correo por conta da communid.^e utilizando-se elles dos materiaes da velha. [...]». Recordar-se que por esta altura o corpo do templo já tinha uma só nave. Na pedra de armas dos administradores do vínculo, em S. Francisco, figuram também as armas dos Peixotos, as da instituidora, tia afim do administrador Simão Dias Pimenta.

«brado na Igreja de S. João de Brito, arredores de Guimarães, a 26-11-1631, presidido por seu irmão o Reverendo Agostinho Fernandes, Abade de S. Bento¹². Rodeiam-na, a mulher de Simão Pimenta, Catarina da Costa, e suas irmãs Margarida e Isabel da Costa, dona viúva de Torcato Machado de Miranda, senhor da quinta da Breia, em Vermoim¹³. Paulo de Barros de Azeredo¹⁴, marido de Margarida, conversa animadamente com o cunhado. Recordam um sucesso. Anos atrás, altas horas da noite, fora gravemente ferido na cabeça o pai delas, Francisco Vaz de Brito¹⁵. Morrera. Entre os culpados tinham prendido a Vicente Gonçalves, de S. Paio de Figueiredo. Agora, informados como o caso acontecera, provada a inocência de Vicente Gonçalves, livram-no de todas as acusações¹⁶. Recordam sua velha mãe, Maria da Costa, «filha de Inês de Goes, que do Porto viera acompanhada de duas filhas»¹⁷. Retiram-se para suas casas, passos a ressoarem nas lages da Rua de Santa Maria, criado a aluminar à frente, nesta data de 15-7-1649.

Gente nova? Está quase vazia a casa de Simão Dias Pimenta. Cónegos na Real Colegiada de Nossa Senhora, desde os 13 e os 14 anos, os seus dois filhos mais velhos, António e Jerónimo Dias Pimenta¹⁸ passeiam no Claustro, entre as vésperas, as noas e mais officios do coro. Escandalizam-se os seus poucos anos, feitos para correrem nos campos, caçarem grilos, jogarem à malha, ao verem os companheiros, outros cónegos, entrarem e saírem do Convento de Santa Clara, em con-

«¹² M 1 S. Paio, Arq. Mun. A. Pimenta. As testemunhas foram João da Costa, mercador, e Torcato Machado de Miranda.

¹³ Isabel Vaz da Costa, irmã de Catarina da Costa x em 1619 (dote de 3.1. do dito ano nas notas do Tab. M.^{el} Fernandes, Arq. Mun. A. Pimenta (10-1-81), com Torcato Machado de Miranda, fal. a 25.4.1638 (M 1 S. Paio) na sua casa da Rua dos Gatos. Torcato Machado de Miranda, Capitão de Inf.^a dum dos terços da vila de Guimarães, sr. da Qt.^a da Breia, em St.^a Maria de Vermoim, era bisneto, por legítima varonia, de Fernão Machado de Goes; v. «Eugénia da Cunha Peixoto ou o Morgado do Parto Suposto», p. 6. Dele descendem, por linha masculina legítima, os Machados de Miranda, da qt.^a de Mouriz, Paredes, e os Leite de Bragança, e por senhora os Machados de Miranda das q.tas da Breia, da Torre do Carvalhal, em Guardizela, os Machados Carmonas, de Barcelos, os Bragança Ribeiro, de Cete, etc., etc..

¹⁴ O outro cunhado, Paulo de Barros de Azeredo, é citado nas «*Velhas Casas* (II), Casa da Covilhã», e nas «*Velhas Casas* (IV), Quinta do Paço», nos Esquemas Genealógicos. No 1.º, o seu nome, por gralha, vem Paulo Barbosa. Casado em 1.^{as} núpcias com Maria Barbosa de Miranda, dele descendem os Senhores da Casa da Covilhã. De seu 2.º casamento com Margarida da Costa houve vários f.os, entre eles Isabel de Barros de Azeredo x. a 4.7.1657 c. o Lic.do Jerónimo de Almeida, médico em G.es.

¹⁵ Rico mercador em Guimarães, era f.º de Braz Francisco. Morava na Rua dos Gatos. A 27.8.1631 arrendou por um ano a Comenda de Souto e depois trespassou-a em seu genro, Simão Dias Pimenta. L.º de notas (10-2-5), no Arq. Mun. A. Pimenta). Fal. a 23.12.1646 (M. 2 S. Paio).

¹⁶ «Perdão q derão Simão Dias Pimenta e Paulo de Barros e suas mulheres a Vicente Glz de São Paio de Figueiredo, a 15.7.1649. L.º de notas do Tab. Jerónimo Abreu (12-4-4), Arq. Mun. A. Pimenta.

¹⁷ Maria da Costa tinha fal. a 20.4.1637 (M. 2 S. Paio), deixando o marido por herd.º. Era f.^a de Manuel Nunes da Costa e de sua m.er Inês de Goes, que, depois de viúva, viera do Porto viver para Guimarães com duas filhas: Maria, e Paula da Costa, x a 8.10.1600 c. João Ribeiro, da freg.^a de Vila Fria, M 1 Oliveira. Dados tirados das Inq. para Cónegos de seus netos.

¹⁸ António nasceu a 22.9.1633 na Rua dos Mercadores (N. 1 Oliveira), bapt. na Colegiada, foram seus padrinhos os tios, Torcato Machado de Miranda e Maria Peixota de Freitas. Fez as Inquirições para Cónego da Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira a 20.11.1646; in *Boletim de Trabalhos Históricos*, vol. II, p. 106 a 115. «Entrou p.^a Coadjutor do Conego Frc.º Correia aos 26 de 9.1646 e renunciou por coadjutoria no seg.te e morreo aos 31.3.1697», in *Boletim de Trabalhos Históricos*, vol. VII, p. 125.

Jerónimo nasceu na mesma rua e foi B. a 24.9.1634; os pad.os foram o tio pat. Agostinho Fernandes, Abade de São Bento, e Dona Maria m.er do Provedor (N. 1 Oliv.^a). Fez as Inquirições para Cónego a 7.12.1648. In *Boletim de Trabalhos Históricos*, vol. II, p. 158 a 161, «entrou por obitu de seu Antecessor João Gomes Coelho tomou posse aos 10 de Xbro de 1648 a renunciou por coadjutoria no seg.te e morreo aos 25.1.1710 pella hua ora da manhaan». In *Bol. de Trabalhos Históricos*, vol. VII, p. 150, «Elementos para um Catálogo dos Chantres, Tesoureiros, Mestres Escolas, Arciprestes, Arcediagos, Magistrais, Cónegos Prebendados e Meios Prebendados, da Colegiada de Guimarães».

« versas, suspiros e ais com as religiosas, a divertirem-se com jogos de azar, a faltarem a muitas das suas obrigações¹⁹. Com todo o vigor, toca o Reverendo Cónego Jerónimo Dias Pimenta a «campana» dos defuntos. Aí Parte-se o sino sobre o pátio principal da Igreja²⁰. João Pimenta de Eça, o terceiro filho, mais tarde Inquisidor em Coimbra, também já está consagrado a Deus²¹. Entre os que partiram meninos²², a esperança do que ainda vai nascer: José da Costa Pimenta, o continuador da Casa²³. Na Aveleira, mandada erguer por Simão Dias Pimenta, Infância da Governança, e sua mulher, Catarina da Costa, uma capelinha. Já a 20-7-1641 pedem ao Reverendo Senhor Arcebispo Primaz a licença para nela rezarem missa²⁴. E «a pequena Ermida da invocação de Santo António», aguarda, na singeleza das suas pedras, os seus senhores, as suas orações.

A 16-12-1652 no Casal da Aveleira há «hua casa cosinha e na saída hum quinteiro e seleiro he tres cortes de hum curral he hua adegua com hum lagar na porta da adegua hua pereira mais hum palheiro e hua corte outra latada que se arma sobre o penedo que esta nas costas da cozinha e hua eira». Alguns campos: o da Eira, o que foi vinha — entre eles um moinho —, o de Labrestos, cercado de uveiras, o das Pereiras, o do Dial, a leira do Talho. Nas lapas, à volta do Penedo Cavalgado, no Souto Velho, as devezas com castanheiros. Água, muita água, a refrescar as terras: a poça do Lápiz, que vai para o Outeiro da Cruz, demarcada com marcos e cambros, a metade da poça de Cames, a outra poça no campinho do Ribeiro. E o sol a dourar, a faiscar por entre os verdes, a brilhar entre a terra molhada. Morre Simão Dias Pimenta. A 22-9-1653, sua viúva, Catarina da Costa, passa procuração a seu filho, o Reverendo Cónego Jerónimo Dias Pimenta, para renovar as vidas do casal²⁵. A 20-11-1679, pela grande devoção que sente, dá quarenta mil réis de esmola

«¹⁹ Na Visitação que «o Ill.^{mo} Sr. D. Prior Dom João Lobo de Faro fez no spiritual etemporal a Real Collegiada dens.^a da Oliveyra da Villa de Guimarães no anno de 1651», in *Bol. de Trabalhos Históricos*, vol. XIX, p. 80 o Rev. Cónego Jerónimo Dias Pimenta, de dezassete anos de idade, pouco mais ou menos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos, fala contra o Chantre, os cónegos que entravam em Santa Clara e os que jogavam jogos de azar. A p. 82 vem o testemunho de seu irmão, o Reverendo Cónego António Dias Pimenta, de 18 anos de idade.

²⁰ Lê-se no testemunho do Cónego Dâmaso de Freitas de Azeredo, feito na mesma ocasião: «...E que o fabricante saiba quem quebrou a campana dos defunctos que está sobre o pateo da porta principal desta Igreja. E a mande reformar por sua conta, oq. dizem aquebrou o Rev.^o Conego Hieronimo Dias Pymt.^a». In *Bol. de Trabalhos Históricos*, vol. XVIII, p. 105.

²¹ Nasceu a 31.10.1637, b. na Colegiada e foram padrinhos, o Rev.^{do} Dr. Rui Gomes Golias, Mestre Escola da Colegiada e Maria de Almeida (N 1 Oliv.^a). Às vezes o seu nome vem como João Pimenta de Eça; como Inquisidor em Coimbra a 11.3.1693, assina uma carta de Familiar do Santo Officio: João da Costa Pimenta, in *Bol. de Trabalhos Históricos*, vol. I, n.º 2, p. 37.

²² São estes os filhos de Simão Pimenta e de sua m.^{or} que julgo terem falecido meninos: Francisco, n. a 8.3.1636, Manuel, a 2.2.1639, Bento, bap. a 28.10.1641, e Maria, n. a 3.8.1645, esta última na Rua de S.^{ta} Maria e os outros na dos Mercadores (Olv.^a N. 1).

²³ José da Costa Pimenta, o mais novo e único com geração, n. a 8.9.1649. B. a 12, foram seus padrinhos o «Ill.^{mo} Sn.^{or} Dom João Lobo de Faro Dom Prior da Colegiada e Luiza de Guimarães, da Rua de Fornos», Olv.^a N. 1.

²⁴ «Doação que fazem simão dias pim.^{ta} e sua m.^{er} p.^a a sua capella de Santo Ant.^o da quinta da aveleira», a 20-7-1641. L.^o de notas do Tab. Bento da Cruz Lobato (12-3-41), Arq. Mun. A. Pimenta. Neste documento, Simão Dias Pimenta, Infância da Governança, e m.^{or}, Catarina da Costa, dizem que «ordenarão e mandarão fazer na sua quinta da Aveleira sita na freg.^a de são joão de pensello termo da dita villa huma Irmida da Invocação de Santo António...» Dotam a capela com os rendimentos da Q.ta da Aveleira. O Abade de Tagilde no seu *Guimarães e Santo António* diz, a p. 116: «No atrio da nobre casa d'Aveleira, junto ao portal existe profanada (1895) uma capella sob a invocação de Santo António, cuja fundação não pude apurar não devendo, porém recuar-se, além do século XVIII». Baseando-se em não encontrar menção da capela, nem na *Corografia Portuguesa* nem nas *Memórias de Crasbeeck*, escritas em 1726, chega o Abade de Tagilde a essa errada conclusão.

²⁵ «Prazo do casal daveleira, feito a C.^a da Costa», — Cabido — a 22.9.1653, L.^o de notas do Tab. Domingos Lopes. Prazos do Cabido, Arq. Mun. A. Pimenta (1-2-6b). É o Rev.^{do} Cónego Jerónimo Dias Pimenta que, por as vidas estarem findas, pede novo prazo em nome de sua mãe, então já viúva. A vedoria fora feita a 16.12.1652 sendo seu pai ainda vivo. É Privilegiado das Tábuas Vermelhas. No mesmo l.^o está a vedoria do Casal de Mata Clérigos, freg.^a de Azurém, também de Catarina da Costa. Este prazo fora de Francisco Vaz Brito e saiu desta família em 1729, passando depois a denominar-se Casal da Eira.

« à confraria de Nossa Senhora ²⁶. E no Senhor adormece, a 9-4-1680, Catarina da Costa, dona viúva, na sua casa, na Rua de Santa Maria ²⁷.

Ouve-se picar a pedra; fazem obras os Pimentas. O Reverendo Cónego Jerónimo manda, a 30-8-1681, junto à sua casa que terminava a Rua da Infesta, construir uma capela: a de Nossa Senhora da Boa Morte. A capelinha, (hoje só a podemos ver em mapas antigos), era caiada, fachada armoriada com o brasão dos Costas Pimentas e toda revestida de azulejos no seu interior. No altar repousava Nossa Senhora morta «imagem digna de ver-se pela correcção de suas linhas e belleza de sua escultura» ²⁸. Seu irmão mais velho, o Reverendo Cónego António Dias Pimenta, com ele morador, manda fazer, junto à Aveleira, uma casa nova. A 28-3-1683 chama os mestres de obras.

António Gonçalves, Domingos da Costa e Miguel Nogueira, de S. Romão de Arões, «termo desta villa» e Domingos da Costa, da aldeia de Crasto, freguesia de Santa Eulália, a Antiga, do concelho de Montelongo, vêm à chamada. Terá a casa nova setenta e cinco palmos de comprimento, entrando neles a grossura da parede que «lhe servirá de outão»; vinte e um palmos e meio de largura do «vão para dentro», e a mesma altura da casa velha, de que é a continuação, «mistica e enleada». Nas lojas farão «repartimentos de duas paredes» de quinze palmos de alto e vinte e um de comprido, «de propianho ou dobrado», serventia de um «corredor terreiro», com duas portas «quada qual dellas de largura de dez pallmos feitas de pessos como a que esta no claustro de nossa senhora da oliveira junto a santo estevao». Terá a casa ao todo, contando as janelas, doze portas, «onde ele conego as mandar fazer». No sobrado farão «duas guarda roupas» e uma cantareira repartida ao meio, metidas na parede, e «torneirão» mais uma chaminé. Ajusta-se a obra em oitenta e dois mil e quinhentos réis. Quer o Reverendo Cónego mais uma jancla, mais uma porta? Pagará mais mil réis de feitio por cada uma. Passa a casa dos vinte e cinco palmos de altura? Pagará mais mil e quinhentos a braça. Não chega à altura combinada? Abatem o mesmo os pedreiros. Manda por sua conta Sua Reverência abrir os cunhais da casa velha para nela se fazer os «encalemtos» da parede nova, os alicerces e entulhos para se assentarem neles as soleiras, dá a pedra capaz para os algerozes. Quebram os mestres pedreiros a pedra, acarretam-na, lavram-na com cuidado e arte, igual à da casa velha. Entulham com barro amassado a parede grossa. De toda a obra, só levantam a mão ao acabar «em toda a sua perfeição» a nova casa da Aveleira, mandada fazer pelo Cónego António Dias Pimenta ²⁹.

Ao casar, José da Costa Pimenta tem um filho natural: o Reverendo Cónego Manuel de Brito Pimenta ³⁰, a seguir, na Colegiada, as pisadas dos tios. É à quinta da Costa, S. Romão de

« ²⁶ L.º de notas do Tab. Jorge Lobato da Cruz, pp. 55 v.º. Arq. Mun. A. Pimenta (10-2-56).

²⁷ Ob. 1 Olv.ª.

²⁸ *Guimarães e Santa Maria*, do Abade de Tagilde, pp. 72 e 73. Entre os vários encargos que tinham os possuidores da Capela, citados na referida obra, estão as quatro missas perpétuas e outras, mandadas rezar pelo Cónego Jerónimo Dias Pimenta, segundo contrato que fez com os frades franciscanos a 25.11.1682, (12-4-37). L.º de notas do Tab. Domingos da Cunha. Já não existe a rua da Infesta. Continuava a Rua de Santa Maria, frente ao Convento do Carmo, e deu lugar ao Largo do Carmo. Em 1871, segundo o livro acima citado, ainda existia a capela, embora os Pimentas já há muito a tivessem vendido.

²⁹ «Comtratto do Rev.º Cónego Ant.º dias pimt.ª com coatro pedreiros p.ª lhe fazerem as cazas da quinta de avelleyra de pensello», a 28-3-1683, L.º de notas do Tab. Domingos da Cunha, p. 82 v.º (12-4-37), Arq. Mun. A. Pimenta. É um documento muito curioso.

³⁰ Manuel de Brito Pimenta foi B. em S. Miguel do Castelo a 10.8.1673, f.º de José da Costa Pimenta e de Maria da Silva, solt.ª. Os padrinhos foram Manuel Ferreira de Eça, F. C. R. e Francisco Jorge, mercador. Fez justificação de idade a 31.1.1704 (N. 2 Olv.ª). As Inquirições para Cónego são de 9.12.1690, o avô mat. era Domingos Fernandes, o Cochonilha (*Bol. Trab. Hist.*, vol. VIII, p. 72). «...entrou por Coadjutor do Conego Ant.º Dias Pimenta seu tio tomou posse a 16. xbro 1690 a. m.ºrreo Presbitero e vogou a Romã aos 19 de 8. bro de 1715 a. pella madrugada pella huã ora dipois da meya noute», in *Catálogo* citado na nota 18.

« Mouriz, Paredes, que vai buscar a noiva, dona Catarina de Lemos e Távora, neta, por sua mãe, dos Lemos, Senhores da Trofa, e por seu pai, de Filipa Dourado, natural de Pernambuco ³¹. Só lhes encontro dois filhos: Dona Maria, baptizada na Oliveira a 24-4-1684 ³², ainda solteira em 1712³³, e Luís Pimenta de Távora e Lemos. Juntos, a 31-1-1694, marido e mulher mandam uma procuração para a «praça e Recife de Pernambuco ³⁴». Tomam posse de «toda a fazenda empregos dinheiro amsedado oiro e prata escravos he escravas he outras quaisquer coisas que forem e lhe pertencerem assim por sucessão de vivos como por herança...». O vento quente das praias pernambucanas aquece a Casa da Aveleira onde, a 11-9-1720, fecha os olhos, já viúvo, José da Costa Pimenta ³⁵, Familiar do Santo Ofício ³⁶, senhor desta Casa e seus vínculos.

Na Colegiada de Nossa Senhora, casara, a 19-2-1703, o sucessor, Luís Pimenta de Távora e Lemos ³⁷. Muito fidalga é sua mulher, Dona Rosa Maria de Sousa e Menezes, descendente dos senhores de Pentieiros e Francemil ³⁸, e pelo lado materno da Torre de Figueiredo das Donas, em Viseu. Poucos anos vive. A 10-7-1709, da Aveleira segue o seu corpo para o carneiro de Nossa Senhora da Porciúncula, em S. Francisco, aberto para o receber ³⁹. Inocentes, ficam quatro crianças: Dona Luísa, José Luís, Dona Josefa e Dona Francisca ⁴⁰. Na Aveleira, entregues aos cuidados do avô e duma tia avó, Dona Joana de Távora e Lemos ⁴¹, cresce, entre amas e mimos, mais uma geração de Pimentas.

Vivem também em Guimarães, no Terreiro das Freiras, a seguir à Rua de Santa Maria, mais acrescentos, mais modificações, possivelmente o mesmo sítio onde vivia Simão Pimenta. Aí têm «hũ oratorio» Luís Pimenta de Távora e Lemos, e sendo algumas vezes para isso requerido «não ao quer mostrar p^a ser visitado; pelo q o havemos por suspenso» ⁴². Desleixa a Capela de Nossa

« ³¹ V. nota 36.

³² Foi bap. por seu tio o Rev.^{do} Cónego Jerónimo da Costa Pimenta; os padrinhos foram Manuel Pereira Leite e Dona Jerónima Ferreira de Eça, m.^{er} de Gonçalo Lopes de Carvalho. (Olv.^a N. 2).

³³ Até esse ano aparece como madrinha nos livros de Pencelo, depois não lhe encontro mais notícias.

³⁴ «Procuração Baste, q fazem Joseph da Costa Pimenta desta villa e sua m.^{er} D. Cn.^a de Lemos e Tavora» a 31.1.1694. Tab. António Ribeiro (14-1-6), Arq. Mun. A. Pimenta. A procuração é feita aos Doutores Francisco Rodrigues e José Coelho de Lemos, e também a Miguel Dias Pimenta (parente?), Manuel da Silva de Carvalho, P.^e Vicente Pereira, Capitão Joaquim de Almeida e João da Cunha de Freitas, todos a viverem em Pernambuco.

³⁵ Foi sepultado no convento de S. Francisco na sua capela de Nossa Senhora da Porciúncula (M. 2 Pencelo).

³⁶ O Processo para Familiar de Santo Ofício de José da Costa Pimenta M. 4, n.º 66 está transcrito numa separata do *Arquivo do Distrito de Aveiro*, n.º 142, Aveiro 1970: «O distrito de Aveiro nas habilitações do Santo Ofício» de Jorge Hugo Pires de Lima. O habilitando chama-se José Pimenta de Eça e vem o nome e naturalidade de seus pais e avós, bem como a ascendência de sua m.^{er}, D. Catarina de Lemos e Távora. A avó pat. é Maria da Costa de Eça, apenas, sabendo-se, pelas inquirições dos netos cónegos, ser filha de Inês de Góis, que era viúva de Manuel Nunes da Costa. Nada posso adiantar sobre o costado Eça, dos Pimentas de Guimarães.

³⁷ (Olv.^a C 1). Os pais da noiva, já falecidos, tinham sido moradores na freg.^a de S. Martinho de Salreu, Bispado de Coimbra.

³⁸ *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, de D. António Caetano de Sousa, Liv. XIV, parte II, p. 802, onde são citados seus Pais e alguns irmãos.

³⁹ Misto 2 Pencelo.

⁴⁰ D. Luísa foi B. a 21.1.1704, na Colegiada. O pad.^o foi seu avô paterno, e os pais viviam na Aveleira (N. 4 Olv.^a); José Luís Pimenta de Távora de Sousa e Menezes, n. na Aveleira, foi B. em Pencelo a 1.1.1705, os pad.^{os} foram o avô paterno e a tia pat., D. Maria; Dona Josefa, n. na mesma casa e foi B. a 16.2.1706, afilhada do tio, o Rev.^{do} Cónego Jerónimo da Costa Pimenta, e de D. Catarina, Freira em S.^{ta} Clara; e Dona Francisca, n. na mesma casa a 27.7.1708, B. a 29 em Pencelo, sendo padrinhos o avô pat. e o tio paterno, o Rev.^{do} Cónego Manuel de Brito Pimenta (N. 1. Pencelo). Pelo menos, Dona Francisca foi religiosa em S.^{ta} Clara.

⁴¹ D. Joana de Távora e Lemos, cunhada de José da Costa Pimenta, fal. solt.^a na Q.^{ta} da Aveleira a 11.1.1718. Foi também enterrada na Capela da Porciúncula. M. 2 Pencelo.

⁴² In *Boletim de Trabalhos Históricos*, vol. XII, p. 97.

« Senhora da Boa Morte «com a pedra da ara sem ser coberta e necessita de huma bolça das quatro cores, para os corporais, de huas galhetas, de huma toalha p^a o altar e de concerto o forro nas partes em q está roto». Enfeita-a nas visitas com «ornatos todos emprestados»⁴³. Quanto à Capela de S. Francisco aparece mais cuidada. Luís Pimenta de Távora e Lemos, ou seu filho e sucessor, José Luís Pimenta de Távora de Sousa e Lemos, enobrecem-na com uma pedra de armas.

Levantemos a cabeça, procurando decifrar o brasão, hoje em cima do altar de S. José. Armando de Matos em «Pedras de Armas de Portugal», fotografou-o e descreve-o: «...Época: século XVIII-XIX. Lição Heráldica: Classificação: heráldica de família. — Composição: esquartelada. — Leitúra: ...? ...? ...? e LEMOS». Subimos ao coro; procuro um ângulo melhor. Vejamos. O primeiro quartel é também esquartelado: o primeiro e o quarto faixado e contrafaixado de muitas peças; o segundo e o terceiro com três vieiras. Como são as armas dos Pimentas? Esquarteladas: o primeiro e o quarto faixado e contrafaixado de prata e vermelho, de cinco peças; o segundo e terceiro de azul, com três vieiras de ouro. PIMENTAS, leio, sem fazer caso do escopro a bater o granito no exagero das muitas peças.

O segundo quartel é o de mais difícil leitura. Creio ver umas curvas na pedra mais ou menos acentuadas conforme os sítios. Ilumino-o com um facho de luz, percebo devagar: «cinco faixas onçadas» bastante danificadas. TÁVORAS, exclamo contente! Pimentas, Távoras, Britos... é Britos o terceiro quartel? À vista desarmada lembra mais o escudo dos Peixotos, todo xadrezado. Mas na fotografia vê-se, de onde a onde, nos quadrados, uns pequenos animais a lembrarem leões. As «nove lisonjas de prata, apontadas e firmadas nos bordos do escudo, postas 3, 3 e 3, cada lisonja carregada com um leão de púrpura», simplificadas pela ingenuidade do canteiro? Satisfeita com esta versão, sendo o 4.º quartel LEMOS, sem sombra de dúvida, transponho a linda porta gótica de S. Francisco. Digo. PIMENTAS, TÁVORAS, BRITOS e LEMOS.

Ao dar à luz, Dona Madalena Bernarda de Azevedo Faria e Vasconcelos, oriunda da Casa do Salgueiral, em Mesão Frio, mulher de José Luís Pimenta de Távora Sousa e Meneses, não pensa, naturalmente não sabe, que, por ela, são seus doze filhos, futuros senhores da Aveleira, sétimos netos de João Álvares de Faria, o de Pencelo, remoto senhor destas terras. É assim. Cai uma gota de orvalho duma pétala. Casa Briolanja de Faria, filha de João Álvares de Faria, com Pedro do Vale Golias.

Formam-se mais gotas, irisadas, devagarinho, são tão leves, a deslizarem na terra. João Ribeiro de Faria, o filho segundo, toma por esposa Helena de Andrade, irmã de Baltasar de Andrade, fundador do Convento de Santa Clara em Guimarães, armas dos Andrades na sua trabalhada fachada.

Correm os fios de água à procura de outros; uns, a encaharem, a desaparecerem na terra; alguns a seguirem, alegres, contentes. Bartolomeu de Faria, sucessor, 4.º Padroeiro do Convento de Santa Clara, em Guimarães, Senhor de Torrados, é marido de D. Mécia Ferraz do Amaral, dos Senhores de Sezim. Deles nasce João de Faria de Andrade, que sucede a seu Pai, e é segunda vez casado com D. Geralda Machado de Miranda, que viria a falecer de parto.

Engrossam os ribeiros, cantam os regatos a desafiar o tempo. A 20-7-1639 baptizam-se Bartolomeu e Manuel, gémeos, filhos de João de Faria e de sua mulher Dona Geralda. Bartolomeu de Faria de Andrade e seu irmão Manuel Machado de Miranda, recebem, a 21-10-1654, na igreja de S. Pedro de Torrados, a duas irmãs: Dona Serafina de Miranda e Dona Maria Ana⁴⁴. Do primeiro

«⁴³ Mesmo vol. pp. 84 e 97.

⁴⁴ Estes baptizados e casamentos estão no M. 2 de S. Pedro de Torrados, Felgueiras — Arquivo Distrital do Porto.

Pimentas
da
Aveleira

José Luis Pimenta de Souza e Menezes, Suc. 1705-68	Luis Pimenta de Távora e Lemos, Suc. -1770	José da Costa Pimenta, Suc. 1649-1720	Simão Dias Pimenta, Sr. da Casa de Aveleira	Baltazar Fernandes Catarina Gonçalves	
				Francisco Vaz de Brito Maria da Costa de Eça	
	D. Rosa Maria de Souza e Menezes — 1709	D. Catarina de Lemos e Távora	Manuel de Souza e Menezes, Mestre de Campo da Comarca da Esgueira	Luis Coelho de Beça	Sebastião Coelho Felipa Dourado, nat. de Pernambuco
					D. Margarida da Silva e Menezes, F. C. R., capitão-mor de Aveiro e de Castelo de Salvaterra, nat. de Peniteiros
	D. Madalena Bernarda de Azevedo Faria e Vasconcelos	D. Ana Josefa da Silva e Vasconcelos	Manuel de Magalhães e Vasconcelos	D. Maria Faustina de Sequeira	Diogo Gomes de Lemos, Sr. da Vila da Trofa D. Leonor Pinheiro de Atouguia
					Francisco de Azevedo e Vasconcelos, capitão-mor de Mesão Frio.
	D. Rosa Maria de Souza e Menezes — 1709	D. Catarina de Lemos e Távora	Manuel de Magalhães e Vasconcelos	D. Maria Faustina de Sequeira	Sebastião de Souza de Vasconcelos, Sr. de Pentecircs e Francemil D. Joana de Noronha
					Francisco de Azevedo e Vasconcelos, capitão-mor de Mesão Frio.
	D. Madalena Bernarda de Azevedo Faria e Vasconcelos	D. Ana Josefa da Silva e Vasconcelos	Manuel de Magalhães e Vasconcelos	D. Maria Faustina de Sequeira	Gonçalo Guedes de Souza D. Francisca da Silva
					Francisco de Azevedo e Vasconcelos, capitão-mor de Mesão Frio.
D. Madalena Bernarda de Azevedo Faria e Vasconcelos	D. Ana Josefa da Silva e Vasconcelos	Manuel de Magalhães e Vasconcelos	D. Maria Faustina de Sequeira	Pedro Barreto de Vasconcelos D. Maria Inês de Souza	
				Francisco de Azevedo e Vasconcelos, capitão-mor de Mesão Frio.	
D. Madalena Bernarda de Azevedo Faria e Vasconcelos	D. Ana Josefa da Silva e Vasconcelos	Manuel de Magalhães e Vasconcelos	D. Maria Faustina de Sequeira	Bento Fernandes de Seixas D. Maria de Cáceres	
				Francisco de Azevedo e Vasconcelos, capitão-mor de Mesão Frio.	
D. Madalena Bernarda de Azevedo Faria e Vasconcelos	D. Ana Josefa da Silva e Vasconcelos	Manuel de Magalhães e Vasconcelos	D. Maria Faustina de Sequeira	Belchior de Azevedo Vasconcelos Polónia de Carvalho	
				Francisco de Azevedo e Vasconcelos, capitão-mor de Mesão Frio.	
D. Madalena Bernarda de Azevedo Faria e Vasconcelos	D. Ana Josefa da Silva e Vasconcelos	Manuel de Magalhães e Vasconcelos	D. Maria Faustina de Sequeira	Manuel da Rosa Soares de Carvalho cav. o x.º	
				Francisco de Azevedo e Vasconcelos, capitão-mor de Mesão Frio.	
D. Madalena Bernarda de Azevedo Faria e Vasconcelos	D. Ana Josefa da Silva e Vasconcelos	Manuel de Magalhães e Vasconcelos	D. Maria Faustina de Sequeira	Jerônimo Guedes Pereira Faustina Carneiro de Sequeira Gaspar Ferreira Monteiro Suzana de Magalhães de Carvalho	
				Francisco de Azevedo e Vasconcelos, capitão-mor de Mesão Frio.	
D. Madalena Bernarda de Azevedo Faria e Vasconcelos	D. Ana Josefa da Silva e Vasconcelos	Manuel de Magalhães e Vasconcelos	D. Maria Faustina de Sequeira	Felipe da Silva D. Inês Mendes de Vasconcelos	
				Francisco de Azevedo e Vasconcelos, capitão-mor de Mesão Frio.	
D. Madalena Bernarda de Azevedo Faria e Vasconcelos	D. Ana Josefa da Silva e Vasconcelos	Manuel de Magalhães e Vasconcelos	D. Maria Faustina de Sequeira	Pedro Pinto Machado Maria de Pinho	
				Francisco de Azevedo e Vasconcelos, capitão-mor de Mesão Frio.	
D. Madalena Bernarda de Azevedo Faria e Vasconcelos	D. Ana Josefa da Silva e Vasconcelos	Manuel de Magalhães e Vasconcelos	D. Maria Faustina de Sequeira	João de Faria de Andrade, Sr. da Casa de Alentem D. Giralda Machado de Miranda † 1639	
				Francisco de Azevedo e Vasconcelos, capitão-mor de Mesão Frio.	
D. Madalena Bernarda de Azevedo Faria e Vasconcelos	D. Ana Josefa da Silva e Vasconcelos	Manuel de Magalhães e Vasconcelos	D. Maria Faustina de Sequeira	Diogo Ribeiro de Miranda Escolástica Peixoto	
				Francisco de Azevedo e Vasconcelos, capitão-mor de Mesão Frio.	

« destes casais nasce Dona Maria de Faria de Andrade, avó paterna de Dona Madalena Bernarda de Azevedo Faria e Vasconcelos ⁴⁵.

Veloz, bem cheio, vai o rio dar a um grande lago: todos os filhos, e muitos são, de José Luís Pimenta de Távora de Sousa e Meneses, Fidalgo da Casa Real, e de sua mulher Dona Madalena Bernarda. Dona Ana Rosa de Távora, Dona Maria Teresa de Távora, Luís Pimenta de Távora e Lemos, Frei António, Dona Rosa Miquelina, Dona Josefa Eduarda, Francisco, Gonçalo Pimenta de Sousa e Meneses, Dona Madalena Bernarda de Lemos, José, Dona Francisca Angélica Pimenta, Vicente Pimenta de Lemos de Sousa e Meneses e João ⁴⁶, todos os meninos da Azeleira.

Quantos cambiantes, quantas vidas, quantas famílias a nascerem, quantos rios a saírem deste lago, cheio de ondas, de promessas: — a Casa da Azeleira, meados do século XVIII. Para quatro das filhas de José Luís Pimenta de Távora é apenas atravessar o Largo. Da casa do Terreiro das Freiras, a 25-3-1758, com quinhentos cruzados de dote, entram Dona Ana Rosa e Dona Maria Teresa de Távora para o Convento de Santa Clara ⁴⁷. Seguem-nas, ainda mais novinhas, a 4-2-1766, Dona Rosa Miquelina e Dona Josefa Eduarda ⁴⁸. E as outras? Há mais duas... Ambas velhinhas, Dona Madalena Bernarda e Dona Francisca Angélica, morrerão solteiras ⁴⁹, sem história, sem vida, sem nada para dizer.

« ⁴⁵ V. *Árvore Genealógica dos Pimentas da Azeleira*.

⁴⁶ D. Ana Rosa, n. na Rua de S.^{ta} Maria a 24.4.1741, foi bap. em S. Miguel do Castelo; foram pad.^{os} o avô pat. e Dona Maria Josefa de Jesus, religiosa em S.^{ta} Clara (Cast.^o N. 1); D. Maria Teresa, n. a 24.10.1742 na Rua da Infesta (penso que é tudo a mesma casa). B. em casa, particularmente, foi a 25.11. à Colegiada receber os Santos Óleos; os pad.^{os} foram Gaspar Leite de Azevedo Vieira Carvalhais e Vale, sr. da Casa do Salvador, e sua m.^{er} D. Leonor Maria de Távora e Meneses de Aragão (Olv.^a N. 6); Luís, n. a 26.10.1743 na Rua de S.^{ta} Maria, B. em S. Miguel do Castelo, afilhado de Francisco Luís da Cunha de Ataíde, Chanceler da Relação do Porto, com proc. a António Vicente de Vasconcelos (da Casa do Salvador), Cônego da Sé de Coimbra, e Nossa Senhora da Graça, imagem de S. Miguel do Castelo (N 1 Cast.^o); D. Rosa e António «gêmeos ambos de hum ventre», a 11.12.1744, ib., os pad.^{os} dela foram Diogo de Sousa de Távora com proc. a Dionísio José Freitas do Amaral, e Dona Luísa Rosa; os dele, António Teixeira Álvares, com proc. a Gonçalo André de Carvalho e Nápoles, e D. Isabel Rosa da Silva, desta v.^a, com proc. a Jácome Borges Pereira, de Braga; D. Josefa, n. a 11.4.1746 na Rua da Infesta, B. em S. Miguel do Castelo, afilhada do Dr. Fernando Pires Mourão, Dez.^{or} do Paço, por proc. ao Dr. José Leme Pacheco, Corg.^{or} em Viana, e de D. Josefa Engrácia de Meneses, por proc. ao P.^o Frei Caetano Manuel, Rel.^o de S. Bernardo; Francisco, n. ib., a 10.5.1747, B a 25 em S. Miguel do Castelo, os pad.^{os} foram Gonçalo Peixoto de Carvalho (da Casa de Pousada) e D. Francisca Angélica, relg.^a em S.^{ta} Clara, por proc. a Joaquim Leite de Azevedo. À margem diz — faleceu logo; (N. 1 Castelo); Gonçalo, n. na Azeleira a 10.1.1750, B. na Colegiada a 5.9, pad.^o o Dr. Luís Alves de Novegra e Febre e Boim (?), «que por estar ausente e se esperar por elle se dilatou o Baptisado» (Pencelo N. 2); D. Madalena, n. a 10.3.1751, ib. B. em Pencelo, afilhada do Rev.^{do} António de Abreu Lima de Vasconcelos Leite, Abade de S. Salvador de Rossas, por proc. ao avô pat., e Dona Ana, irmã do Bap.^o (id.); José, n. a 28.2.1753, ib., pad.^{os} António de Almeida Galafura, F. C. R., Padroeiro in solidum do Conv.^o de N. Sr.^a da Piedade, em Lamego, Mestre de Campo de Inf.^a, Gov.^o da Fortaleza de S. João da Foz, por proc. ao avô pat., e D. Maria, irmã do Bap.^o (id.); D. Francisca, n. a 4.2.1755, ib., Pad.: seu irmão Luís Pimenta de «Távora» e Sousa com proc. de Francisco Monteiro de Azevedo, da Casa do Salgueiral, Mesão Frio (id.); Vicente, n. a 21.11.1756 ib., afilhado de seu avô pat. (id.); João, n. a 30.8.1758, ib., pad.^{os} seu irmão António e seu irmão Luís com proc. de D. Juliana Luísa de Meneses, m.^{ora} em Águeda (ib.).

⁴⁷ «Dote da D. Ana Rosa de Távora e D. Maria Tereza de Távora sua Irmã desta v.^a», a 25.3.1758. L.^o do Tab. Paulo Mendes Brandão, Arq. Mun. A. Pimenta (22-2-64).

⁴⁸ «Dote p.^a religiosas de Santa Clara de D. Rosa Violante e D. Josefa Eduarda, f.^{as} de José Luís Pimenta de Lemos, desta v.^a», a 4.2.1766 no L.^o de notas do Tab. Domingos Fernandes Rocha, Arq. Mun. A. Pimenta (13-4-22). A morte de D. Rosa mencionada no testamento de seu irmão Vicente é registada por Pereira Lopes nas suas «Efemérides»: «1827 Dezembro Dia 28 - Morre uma religiosa de Santa Clara, irmã dos Pimentas. Foi sepultada no seu convento». In *Gil Vicente*, Velharias Vimaraneses, 3.^o vol., n.^{os} 11 e 12.

⁴⁹ «Dentro das grades da Capela Mor, na campa junto do Altar de N. Sr.^a May de Deos, foi sepultada D. Magdalena Bernarda de Lemos e p.^a constar fis este Assento no dia do seu enterro aos 27 de Dezembro de 1823. Conv.^{to} da M.^a de

« A 4-12-1768, de um acidente na vila de... ana, morre o Pai, José Luís Pimenta de Távora de Sousa e Meneses; conduzido a Guimarães é sepultado no carneiro de S. Francisco ⁵⁰. Ano e meio depois, a 4-5-1770, desaparece o avô, Luís Pimenta de Távora e Lemos, que por despacho de Sua Alteza Sereníssima recebe sepultura no Convento de Santa Clara ⁵¹. Restam os filhos de José Luís Pimenta de Távora. São quatro, pois dois, Francisco e João, pequenos ainda voaram para Deus. É com os outros, nesta época agitada das invasões francesas, o povo e a nobreza à espreita do inimigo em todas as quelhas e caminhos, que queremos agitar as águas do lago, fazendo-as saltar, correr adiante, levar pelas gerações o sangue dos Pimentas da Avelreira.

Freire em Tomar, no Convento de Cristo, sabemos de Frei António. Com a vida dos três que faltam escreveremos uma longa história. Vamos a ver. Luís Pimenta de Távora e Lemos, sucessor, falece solteiro em 1812 ⁵². Também sem estado «a 17-5-1825, morreu Gonçalo Pimenta na sua Q.ta da Avelreira em Pencilo. Veio em umas andas para a Igreja das Capuchinhas onde foi enterrado no dia 19 de manhã» ⁵³. Por fim, a 18-2-1834, é aberto o testamento de Vicente Pimenta de Lemos ⁵⁴, Fidalgo da Casa Real, Senhor da Avelreira, morador no Terreiro das Freiras. Mais nada. O lago, o sonho de o mexer, pára. Das águas cheias de promessas e frescura, não brotam nascentes, não continua a vida.

*

Ao abrirem o testamento de Vicente Pimenta de Lemos há uma surpresa: todos os bens vinculados, deixados em usufruto a sua irmã Dona Francisca Angélica Pimenta, irão para «meo primo Domingos Manuel Machado de Miranda» ⁵⁵, Senhor da Casa do Ribeiro, em S. Cristóvão

« Deos», in *Boletim de Trabalhos Históricas* — «Livro das Sepulturas que tem esta Igreja do Convento das Religiosas da Madre de Deos desta Villa de Guimarães feito aos 20 de Nobr.º de 1793», vol. III, n.º 3, p. 113. «2 D. Francisca Angélica Pimenta de Lemos, usufructuaria da Casa, que faleceu solteira e velha, a 14-X-1844», in *Últimas Gerações*, de José de Sousa Machado, Costado 91, Casa da Avelreira.

⁵⁰ O 3 Oliveira, Arq. Mun. A. Pimenta. Não se entende em que vila é que foi o falecimento.

⁵¹ Mesmo livro, que a nota anterior.

⁵² Notícias que fomos buscar às *Últimas Gerações*.

⁵³ *Gil Vicente*, n.ºs 5 e 6, 2.ª série, 1926 «Velharias Vimaraneses». No *Boletim de Trabalhos Históricas*, vol. III, p. 114 lê-se: «Dentro das grades da Capella-Mor junto da Imagem de S. João Nepomuceno, foi sepultado o ill.º Gonçalo de Souza Pimenta, e p.ª constar fiz este assento no dia do seu enterro que foi em 19 de Maio de 1826 M.º de D.º de G.º».

⁵⁴ «Reg.º do Testm.º com q faleceo Vicente Pimenta de Lemos morador no Terreiro de S.ª Clara desta v.ª de Gui.ºes». L.º 79 (numeração antiga) dos Testamentos Cerrados, p. 215, Arq. Mun. A. Pimenta (14-5-7). Neste testamento deixa o usufruto a sua irmã D. Francisca Angélica Pimenta, e a raiz dos bens vinculados a «meo primo Domingos Manuel Machado de Miranda». Os testamenteiros serão o Bacharel Manuel António de Lima Peixoto, a quem, como prêmio, deixa o Casal de Lagoa, em S. Cláudio do Barco, e do Carvalho, em Pencilo; seu primo, José Augusto de Azevedo, (da Casa do Salgueiral) recebe a raiz da quinta de Cabo de Vila, em Santa Maria de Resende em Gestação, e seu escudeiro, António Gomes da Silva Ribeiro, a quem deixa mais legados e o Casal de Gualtar, Pencilo. Sua irmã, Dona Rosa Miquelina, freira em S.ª Clara, é também contemplada. É Fid. da C. R., e ordena que seu corpo seja enterrado na Igreja das Religiosas Capuchinhas. No codicílio, feito mais tarde, deixa por sua herdeira, depois da morte da irmã e conservando os legados, a Dona Leonarda Rosa Branca.

Lê-se no *Bol. de Trabalhos Históricas*, n.º citado na nota 49: «1834 — Dentro das grades da Capela Mor junto ao Altar de N. Sr.ª da Madre de Deos foi sepultado Vicente Pimenta de Lemos e p.ª constar fiz este assento no dia do seu enterro que foi a 3.2.1834».

⁵⁵ Tendo tantos parentes mais chegados, embora, segundo julgo, nenhum pelo costado Pimenta, não percebo porque é que o vínculo foi deixado a Domingos Manuel Machado de Miranda, com quem tinha longínquo parentesco. Domingos Manuel era f.º leg.º de Domingos António Peixoto, Cavaleiro da Ordem de Cristo, Sr. da Casa do Ribeiro, em S. Cristóvão de Selho, e de sua m.º, D. Leonarda de Saldanha e Miranda, neto pat. de Veríssimo Peixoto. sr. da

« de Selho, Moço-Fidalgo da Casa Real por Alvará de 15-2-1803, Fidalgo de Cota de Armas ⁵⁶. Lêem também o codicilo, feito no dia a seguir à morte de Domingos Manuel ⁵⁷: «será minha herdeira sua única filha Dona Leonarda Rosa Branca de Miranda».

Casa Dona Leonarda Rosa Branca com José Pinto Coelho Guedes Cardoso de Macedo e Meneses, Senhor da Casa de Simães, em Moure, Felgueiras, e dos Morgadios de Fontelo, em Armamar, e de Cepões, em Lamego, Moço-Fidalgo, Coronel de Milícias de Arouca ⁵⁸. Têm seis filhos: cinco homens e uma senhora ⁵⁹. Depois, a 2-6-1869, é «sepultado no Carneiro dos Pimentas, junto ao Altar da Porciúncula na Igreja de S. Francisco, o administrador do mesmo José Pinto Coelho Guedes, da Casa de Simães, morador no Terreiro de Santa Clara. Foi o último cadáver que entrou neste carneiro» ⁶⁰.

Durante quatro gerações pertenceu a Aveleira à família Simães, senhores de lindos solares em muitas terras, linhagem antiga, casa em Guimarães, nas Molianas. Histórias pitorescas de excentricidades ouvidas nas salas. Histórias a recordar, a desenrolar, a escrever. Corre o tempo. A Aveleira segue, meia abandonada, o vento a levantar-lhe as telhas, a estremecer com força as

« mesma Casa, e de sua m.^{er} Maria Antónia Pereira neto mat. de Manuel da Fonseca de Azevedo, Mestre de Campo em Minas, Brasil, F. C. R., e de sua m.^{er} D. Rosa Branca Ribeiro de Miranda. Esta senhora era f.^a de Tristão Ribeiro de Miranda, sr. do Morg.^o da Torre, em Idães, e de sua m.^{er} Emerciana Peixoto da Silva. Tristão Ribeiro foi f.^o e sucessor de outro de igual nome, irmão de Diogo Ribeiro de Miranda, 4.^o avô de Vicente Pimenta de Lemos, como podemos ver na Árvore Genealógica dos Pimentas.

⁵⁶ Carta de Armas de 22.6.1767 (Peixotos Pereiras FONSECAS e MIRANDAS), Reg.^a no Cart.^o da Nobreza, 1.^o I, p. 50, in *Arquivo Heráldico Genealógico*. Estas armas acham-se no portão da Casa do Ribeiro e na casa da família Simães, nas Molianas, em Guimarães.

⁵⁷ In «Velharias Vimaraneses» « - 1827 - Dezembro - Dia 6 - Faleceu Domingos Manuel do Ribeiro (Sindes) na sua quinta de Ribeiro, e foi sepultado na capela da mesma, no dia 8.». *Gil Vicente*, N.^{os} 11 e 12, 3.^o vol. - 1927.

⁵⁸ Era f.^o Herd.^o de João Pinto de Macedo Coelho Pereira Cardoso, Sr. da Casa de Simães, Morgado de Fontelo e Cepões, Moço-Fid., e de sua m.^{er} D. Joaquina Jacinta de Melo e Freitas, legitimada por seu pai, neto pat. de José Pinto Coelho Cardoso de Macedo, Sr. dos mesmos Morg.^{os} e de sua m.^{er} e prima D. Mariana da Silveira Peixoto, e neto mat. de Rodrigo de Freitas e Castro e Melo, sr. da Casa de Surribas, em S. Paio de Vizela, e da Lagoa de Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro, M. Fid. e de Custódia. O seu bisavô pat. era f.^o 2.^o de João Pinto Coelho, Sr. de Felgueiras e Vieira, descendente em varonia de Gonçalo Vaz Guedes, Gov. do Brasil, c. c. D. Maria Pinto Pereira, Herd.^a do Senhorio de Ferreira e Tendaes. Os Morg.^{os} de Fontelo e Cepões vem pela bisavó, m.^{er} do bisavô pat., D. Caetana Filipa de Vasconcelos, que descendia, por senhora, de Domingos Cardoso da Fonseca e Meneses, sr. desses vínculos (F. G. Cardoso § 32 e 33). D. Mariana da Silveira Peixoto era f.^a de Francisco José Cardoso de Alarcão (f.^o 2.^o de Gonçalo Peixoto da Silva de Almeida Macedo e Carvalho, Sr. do Morg.^o da Rua Escura, em G.^{es}, etc., etc., e de sua m.^{er}, D. Paula Maria de Alarcão (Herd.^a) e de sua m.^{er} D. Josefa Margarida da Silveira, Sr.^a de Felgueiras, Vieira e Fermedo (neta de João Pinto Coelho, acima). O avô materno, Rodrigo de Freitas de Castro e Melo, vem citado em *Velhas Casas* (V), Casa de Pousada, p. 85.

⁵⁹ Foram: a) José António Pinto Coelho Guedes, Sr. da Casa de Simães, n. a 13.10.1831 † solt.^o a 10.10.1909 s. g.; b) D. Emília Eduarda de Noronha Pinto Coelho Guedes, sr.^a da Casa das Molianas, n. 16.10.1834, † a 19.9.1922, c. c. Bernardino Rebelo Cardoso de Menezes, n. Vila Real a 24.2.1843 † em Guimarães a 27.2.1920, irmão da 1.^a Condessa de Margaride, s. g.; c) João Dinis Pinto Coelho Guedes, Sr. da Casa do Ribeiro, n. a 26.10.1836 † a 16.11.1912, Moço-Fid., Oficial do Exército, c. c. D. Lucinda Pereira, s. g. que ficou herd.^a universal do marido passando a 2.^{as} núpcias; d) Duarte Egas Pinto Coelho Guedes de Simães, Sr. da Casa de Fontelo, em Armamar, B.^{el} em direito, n. a 11.10.1837, fal. solt.^o a 21.9.1906. M. F. C. R. O Despacho de 3.5.1869 «concede-lhe as honras de moço-fid. por ele ser de maior idade e não poder ter exercido de seu foro como lhe competia», in «Velharias Vimaraneses», vol. citado na nota seguinte; e) Domingos Pinto Coelho Pereira da Silva Guedes de Simães, Sr. da Casa de Simães, General de Artilharia, n. a 14.4.1839 e † 11.7.1920. Na sua descendência, legitimada por subsequente matrimónio, acha-se hoje a representação desta grande Casa; f) Augusto Eduardo Pinto Coelho Guedes de Simães, n. em 1843 e † a 2.10.1931 c. c. D. Augusta Albertina Leite de Sousa, c. g.

⁶⁰ «Velharias Vimaraneses» in *Gil Vicente*, vol. XX, N.^{os} 3 e 4.

« suas janelas. A 27-5-1965 Ângelo Pinto Coelho Guedes de Simões, bisneto na varonia de José Pinto Coelho Guedes Cardoso de Macedo e Meneses ⁶¹, vende a casa e a quinta a Duarte Pinto de Carvalho Freitas do Amaral ⁶².

*

Para escrever umas pequenas notas sobre Duarte Pinto de Carvalho Freitas do Amaral ⁶², há duas maneiras. Uma, entrar na Aveleira, casa que muito amou. A outra, à tardinha, ir até à Igreja da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira. Mas a Aveleira, o austero granito das suas paredes lisas, a capela restituída ao culto — janela rasgada para da porta da casa se poder ouvir Missa —, a varanda, nas traseiras, de rótulas de madeira, os recantos do jardim onde com tanto calor recebia, toda a casa, quase toda renascida por ele e sua mulher Dona Maria Filomena de Campos Trocado ⁶³, está ainda silenciosa, recolhida na sua dor, espantada por não o ver.

Vamos então à Colegiada. Toda a graça do gótico nas suaves curvas dos arcos, na beleza das linhas e figuras, toda a mansa paz da luz coada, anos e anos cobertas por pesada massa de estuque e gesso, agora a descoberto sob a inspiração do Engenheiro Duarte do Amaral, interrogadas, nos falam dele, da sua vida, da sua obra ⁶⁴.

Vida e obra, que ele próprio, no seu último discurso ⁶⁵, nos explicou e contou. Esquecendo-se, de propósito, da muita gente que ajudou e empregou, do bem que a muitos fez. Vida que se esperava, ao ver o seu aspecto sólido e saudável, ser muito mais longa, junto à mulher e aos filhos, a

« ⁶¹ N. em 5.1912, funcionário da «Sacor», c. c. g. Filho de João Pinto Coelho de Simões e de sua m.^{cr} D. Cristina Teixeira de Sousa, neto de Augusto Eduardo Pinto Coelho Guedes de Simões, é o único descendente de José Pinto Coelho Guedes Cardoso de Macedo e Meneses, onde se mantém a varonia legítima.

⁶² N. em Guimarães a 13.9. 1909 † em Lisboa a 15.7.1979. Engenheiro Civil (U. P.), membro da ext.^a Direcção Geral dos Caminhos de Ferro e Sec. do ant.^o Pres. do Cons. de Ministros e Ministro das Finanças, o Doutor António de Oliveira Salazar, Del. do Gov. junto à Rádio Renascença durante a 2.^a Guerra Mundial, Pres. da Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos, Pres. do Cons. Fiscal da Comp.^a Nacional de Navegação, Deputado da Nação (Assembleia Nacional), Vice-Presidente do Conselho da Administração da «Sacor», membro dos Cons.s Superiores da Indústria e dos Combustíveis, Grã-Cruz da O. do Infante, Com.or da O. de Cristo, Cav. da O. de Malta e de S. Gregório Magno, Medalha de Ouro da Cidade de Guimarães, Medalha de Prata de Reconhecimento Poveiro, cidadão Honorário da Póvoa de Varzim, sócio Hon. da Sociedade Martins Sarmento, dos Bombeiros Voluntários de Guimarães e Irmão Gracioso da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães.

⁶³ N. na Póvoa de Varzim a 8.7.1913, f.^a do Dr. Josué Francisco Trocado, Com.^{or} da O. de S. Gregório Magno, professor e compositor musical, e de sua m.^{cr} D. Maria Alves de Campos, sr.^a da Casa do Monte das Dores, na Póvoa de Varzim, neta pat. de Francisco Luís Trocado Júnior e m.^{cr} D. Maria Emília da Cruz e Campos, net. mat. de João Fernandes da Silva Campos (sobr.^o do 1.^o Barão da Póvoa de Varzim) e de sua m.^{cr} D. Carolina Alves da Costa, todos nat.^s da Póvoa. In «Pintos Álvares de Carvalho», de Armando de Sacadura Falcão, *Armas e Troféus*, II Série, Tomo VIII, 1967.

⁶⁴ A românica e gótica Igreja da Colegiada foi em meados do séc. XIX, por ordem de vários cônegos e colaboração do Pintor Roquemont, toda coberta de estuques e madeiramentos, ao gosto neo-clássico. Inspiradas por Duarte do Amaral, começaram em 1967 «com saber profundo, muito carinho, grande atenção e a maior largueza» (v. «A Colegiada de Guimarães», discurso pronunciado a 7.3.1967 na Assembleia Nacional), as obras de restauro, voltando a Igreja à sua primitiva beleza. Uma das principais vozes a levantarem-se pelos interesses de Guimarães, aos quais se devotava com grande energia, ao Eng.^o Amaral se devem muitas iniciativas, culminando, poucos dias antes da sua morte com o 1.^o Congresso Histórico sobre Guimarães e a sua Colegiada (Junho 1979).

⁶⁵ Publicado no *Notícias de Guimarães* de 22.6.1979.

« ver crescer os netos ⁶⁶. Deus não quis. A 16-7-1979, em Lisboa, fechou os olhos Duarte Pinto de Carvalho Freitas do Amaral, engenheiro, Senhor da Casa da Aveleira. Filho do Coronel Duarte do Amaral Pinto de Freitas, neto materno de António Mendes Ribeiro, industrial da Rua de Couros, Cavaleiro de Cristo; quarto neto na varonia de Manuel Pinto Álvares de Carvalho, sargento-mor de Guimarães, oriundo de Basto, e, por sua avó paterna, de Fernando Peixoto do Amaral e Freitas, de um ramo reconhecido da Casa de Sezim ⁶⁷, Fidalgo de Cota de Armas, Senhor da Casa do Guardal, em Guimarães, e, por compra, da capela de Nossa Senhora das Neves, no Convento de S. Domingos ⁶⁸, pertença em eras remotas dos Senhores da Aveleira, linda casa chamada à vida por Duarte do Amaral, grande Vimaranesense. »

« ⁶⁶ Filhos: 1) Duarte Pinto de Freitas do Amaral n. em G.^{es} a 29.10.1937, † a 6.8.1941. 2) Pedro Pinto de Freitas do Amaral, n. em Lisboa a 14.10.1938, † a 7.10.1941. 3) Diogo Pinto de Freitas do Amaral, n. na Póvoa de Varzim a 21.7.1941. Lic. em Direito, Professor Doutor, Presidente do C. D. S., actual Vice-Primeiro Ministro e Ministro dos Negócios Estrangeiros; c. na Igreja de S.^{ta} M.^a de Sintra a 31.7.1965 c. D. Maria José Salgado Sarmento de Matos, f.^a do Dr. José Sarmento Osório de Vasconcelos de Matos e de sua m.^{or} D. Maria do Carmo Roma Machado Cardoso Salgado, neta pat. do Dr. José de Matos, advogado, e de sua m.^{or} D. Maria Luísa de Moraes Sarmento Osório de Vasconcelos e Castro (Moimenta da Beira), neta mat. do T.^{or} Cor. António Maria Pinto Cardoso Salgado, e de sua m.^{or} D. Maria José Roma Machado de Faria e Maia. Filhos: a) Pedro Pinto Freitas do Amaral, b) Domingos Freitas do Amaral, c) D. Filipa Pinto Freitas do Amaral e d) D. Joana Freitas do Amaral, 4) João Pinto de Freitas do Amaral, n. em Lisboa a 30.5.1948, c. c. D. Inês Fernandes Marinho, n. a 5.4.1946, f.^a de Henrique Pascoal Marinho e de sua m.^{or} D. Maria do Céu Pereira Fernandes. F.^{os}: a) Duarte Marinho Freitas do Amaral, n. 27.11.1971 e b) D. Mariana Marinho Freitas do Amaral, n. 4.7.1974 (⁵⁵⁷).

⁶⁷ Gaspar Álvares, de S. Romão do Corgo, Celorico de Basto, (v. obra citada na nota 63), foi 3.^o avô de Manuel Pinto Álvares de Carvalho, Sargento-Mor de Guimarães, sr. das Casas do Guardal, nesta vila, e da de Atães, em Fermil, avô, por sua vez, de João Pinto de Carvalho Teixeira de Sousa e Silva, B.^{el} em Leis, sr. das referidas Casas, Med. de Fidelidade ao Rei e à Pátria com a Real Efigie (conc. pelo próprio Rei D. Miguel). Ver. da Câmara de G.^{es}, Proc. às Cortes, Embaixador no Rio de Janeiro, Fid. de C. A. por C. de 28.1.1817 (Sousas de Arronches, Carvalhos, Pintos e Silvas). Casou a 27.2.1823 em G.^{es} na igreja de S. Sebastião c. D. Maria da Alegria Peixoto do Amaral e Freitas (bisavós, na varonia, do Eng.^o Duarte do Amaral), f.^a nat. e herd.^a (hav. em Josefa da Silva), de Domingos do Amaral Peixoto e Freitas, suc. a seus pais, f.^o de Fernando Peixoto do Amaral e Freitas, Cav.^o da O. de Cristo, Fid. de C. A. por C. de 15.11.1738 (Amarais e Freitas), sr. da Capela de N. Sr.^a das Neves, ou Formosa, no conv.^o de S. Domingos em Guimarães, suc., e de sua m.^{or} D. Maria Rosa Correia da Silva, sr.^a da Casa do Salgueiro, Vila Nova de Famalicão; neto pat. de Domingos Peixoto do Amaral, escrivão da Cam. de G.^{es}, que foi ao Brasil donde veio rico, sr. da Casa do Guardal (f.^o nat. de Fernão de Freitas do Amaral, Chantre da Sé do Porto, primogénito da Casa de Sezim, vínculo da Casa Nova com sepultura nos claustros da Colegiada, srs. da capela de S. Braz, na mesma Colegiada), e de sua m.^{or} D. Tomázia Ferreira da Maia, sr.^a da quinta do Barreiro e capela de N. Sr.^a dos Anjos, em St.^a M.^a do Souto.

Pela avó pat. descende o Eng.^o Duarte do Amaral dos Leites, da Casa da Eira, em Vila Fria, no conc. de Felgueiras e dos Sampaio, da freg.^a de Jogueiros, do mesmo conc., abastados proprietários. O avô materno António Mendes Ribeiro, Com.or da O. de Cristo e da Conceição, industrial de cortumes, ver. da câmara de G.^{es}, Dir.^{tor} do Banco Comercial de G.^{es}, Ministro e Prov. de várias O. Terceiras e Irmandades de G.^{es}, é oriundo de Silves, onde viviam seus trisavós, fixando-se seu pai em G.^{es}, na Rua de Couros.

⁶⁸ V. nota 4 [no *Boletim de Trabalhos Históricos*] «...voltou à propriedade do convento e em 7 de março de 1748 foi adquirida por compra feita aos religiosos, por Fernando Peixoto do Amaral pela quantia de 100\$000 reis e obrigação de prover à fabrica». Na parede do lado do Evangelho mandou o comprador gravar a seguinte inscrição:

ESTA CA
PELA HE DE FERN
ANDO PXTO DO AM.AL
E FRETAS CAVALRO NA OR
DEM DE XP^{TO} E DE S. MER
D. M^A ROZA COR^A DA S^A
E D SEUS ERD.^{OS}

in *Guimarães e Santa Maria*, do Abade de Tagilde, p. 104. Na sacristia de S.Domingos estão, na parede, as Armas da Casa. »

Ver o tomo II do presente volume, n.^{os} 80; 81 e 82.

(⁵⁵⁷) A desenvolver e a actualizar quando, no vol. VIII (freguesias rurais do concelho de Guimarães) me referir à *Casa da Aveleira*.

Localização:

— Igreja de S. Francisco ⁽⁵⁵⁸⁾. No grande arco entre o corpo da igreja e o transepto.

Material: granito.

Época: ano de 1746 ⁽⁵⁵⁹⁾.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das corporações religiosas.

Escudo de fantasia assente numa cartela decorada com volutas e folhas de acanto. Coroa real, com o aro rodeado por um cordão de S. Francisco (*dourado*), o qual cai sobre os flancos do escudo e tem as extremidades no contrachefe.

⁽⁵⁵⁸⁾ Ver os n.ºs 124 a 131.

⁽⁵⁵⁹⁾ In *Guimarães, — apontamentos para a sua historia*, pelo P.º António José Ferreira Caldas, vol. II (1881), págs. 100 e 101: «[...] Era antigamente esta igreja atravessada por tres arcos de pedra grandes, que lhe formavam o cruzeiro, sendo o do meio muito mais alto. Estes arcos foram apeados para dar lugar ao unico, que hoje alli se vê, tendo lugar esta reforma, a mais importante do templo, no anno de 1746, como consta d'uma antiga tábua, que entre outras noticias nos offerece para o assumpto a seguinte: “No anno de 1746 deu a irmd.ª aos p.ºs do conv.º trez.ºs e sincoenta mil reis p.ª o arco de pedra do cruz.º da igr.ª do dir.º q̄ rendeu todo o ouro q̄ o S.º — Santo Antonio — tinha per guarnisão q̄ para iso se ouve de vender com autorid.ª de todos por um termo a f. 76. No anno de 1749 deu esta irmd.ª do seu rendim.º s.º e sincoenta mel reis q̄ tantos emportou o arco de pedra da capela do S.º e a sua custa pagou todas as demais obras que daqui resultaram como consta do 3º a f. 80, v.º” Que estas obras se prolongaram até 1749, consta tambem de uma sessão da mesa da irmandade do Cordão e Chagas — então alli erecta — em que se resolve que esta corporação concorra com a quantia de 120\$000 reis para as obras da igreja, que consistiam “na reforma d'altares lateraes, grades, frestas e arco cruzeiro: obrigando-se os frades a dar-lhe a capella abaixo da de Santo Antonio, e a conservar-lhe a posse da quadra do claustro, do lado da igreja, para sepultura de seus irmãos”. Foi este contracto reduzido a escriptura publica em 17 de abril de 1749 pelo tabellião Manoel Pereira da Silva, sendo guardião do convento o padre frei Salvador da Guia.»



126



124 a 131

Escudo:

Composição: plena.

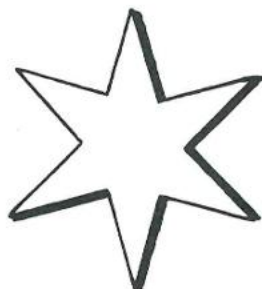
Leitura:

REUNIÃO DAS ARMAS DA ORDEM
DE S. FRANCISCO COM AS CINCO
CHAGAS DE CRISTO

(1)

(1) Com as peças assim dispostas: uma cruz alta, firmada na ponta, acompanhada à dextra de dois braços, com as mãos estigmatizadas, um posto em banda e o outro, o esquerdo, vestido, posto em contrabanda, os dois braços passados em aspa, e a cruz acompanhada à sinistra das cinco chagas de Cristo, — com todas as peças douradas.

Também podíamos ler da seguinte maneira: partido (considerando-se que por detrás da cruz existe o traço de partição), tendo no I dois braços, com as mãos estigmatizadas, um posto em banda, e o outro, o esquerdo, vestido, posto em contrabanda, os dois braços passados em aspa, e no II as cinco chagas de Cristo, e uma cruz alta, firmada na ponta, brocante sobre o traço do partido. — com todas as peças douradas. — As cinco chagas de Cristo da heráldica franciscana, de vermelho, assentam sempre em campo de ouro.



Localização:

- Igreja de S. Francisco ⁽⁵⁶⁰⁾, — no transepto, no topo do braço da parte do Evangelho (à antiga).
- No frontão do portal (do período do Renascimento Clássico) da desaparecida Capela do Descendimento, portal que hoje vemos a abrigar o altar da Senhora das Dores ⁽⁵⁶¹⁾.

⁽⁵⁶⁰⁾ Ver os n.ºs 124 a 131.

⁽⁵⁶¹⁾ Nas *Memórias Resuscitadas da Província de Entre Douro, e Minho*, pelo Bacharel Francisco Xavier da Serra Crasbeeck, 1726 (ms. da Biblioteca Nacional de Lisboa), na fl. 147: «[...] no mesmo cruzeiro, e da parte do Evangelho da Capella mor está huã grande Cappella do desendimento».

Lê-se no *portal*, inferiormente ao frontão: ESTA CAPELA MÃODOV FAZER SIMÃO / DE MELO DO CONSELHO DELREI / NOSO SÑOR PERA SEPVLTVRA / DE SEV PAI E MAÏ E AVOS (com letras geminadas); e em cada um dos dois pedestais que suportam as colunas jónicas do *portal* lê-se, à esquerda e à direita do observador, respectivamente: AQVI IAZ PERO DE MAGVALHÃIS E DONA / ISABEL DE SOVSA PAI I MAÏ DE SIMÃO DE MELO e AQVI IAZ OS AVOS E AVOS DE SI / MÃO DE MELO • 1571 • (com letras geminadas e inclusas).

No *Nobiliário de Famílias de Portugal*, por Felgueiras Gayo, tít. de *Magalhães*, § 20, N 7 («Pedro Rz de Mag.es [...]») e § 21, N 8 («Simão de Mello f.º de Pedro Rz de Mag.es [que «cazou com D. Izabel de Souza»] N 7 do § 20 foi Cap.am de Malaca servio m.tos annos na India com seu Thio Lopo Vaz de S. Payo, foi Almeirante da Armada na empreza de Tunes, e vindo da India mandou fazer a Capella das Chagas de S. Fran.co de Lx.^a onde esta enterrado. Instituiu em Guimaraens hua Capella do descim.to da Cruz a q anexou hum Morgado q tinha no tr.º de G.es e B.os. Cazou com D. M.^a de Souza f.^a de D. Gracia de Eca Alcaide Mor de Muge, e D. Brites de Mello [c. g.]»).

No *Livro das Sepulturas da Igreja de S. Franc.º de Guimaraes, que mandou fazer o R. P. M. F. Bento da Luz no anno de 1775, sendo G.am deste Convento* (ms. do Arquivo da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco): «No cruzr.º desta Igr.^a esta collocado hum Altar de pedra chamado vulgarmente a Capella do *Descendimento*; porqué esta figura tem o seu retabolo em huma pintura antiga, mas bem feita. He metido na parede da m.^a Igr.^a que fica p.^a o terreyro das Carvalhas entre a Capella do Senhor Jesus da Azenha, e de S. Antonio dos Milagres [...] He hoje Administrador desta Capella o Exc.^{mo} Conde de Oeyras, e Marquez de Pombal, e pertence ao morgado de Monte Alvaõ, que o dito S.^r tirou a Gonçallo Christovaõ de Sergude. Na reforma deste pavimento naõ lhe achamos sepulturas mais que os titulos acima referidos [nos pedestais das colunas] [...]».

A imagem de Nossa Senhora das Dores é da autoria de Soares dos Reis.

Material: granito.

Época: século dezasseis (terceiro quartel).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo, assente numa cartela decorada com rolos de volutas.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

MELO

(1)

(1) Uma dobre-cruz acompanhada de seis besantes, e bordadura.





127



Localização:

— Igreja de S. Francisco ⁽⁵⁶²⁾. No arco de entrada da capela existente no braço do transepto da parte do Evangelho (à antiga) e colateral da capela-mor, — que é a Capela de Nosso Senhor Crucificado (ou do Senhor Crucificado ou do Senhor Jesus).

Material: granito, — com as armas pintadas (o pintor conseguiu dar a ilusão de que as peças estão em relevo).

Época: último quartel do século dezoito?

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo boleado de bico, com chefe de linhas côncavas.

Escudo:

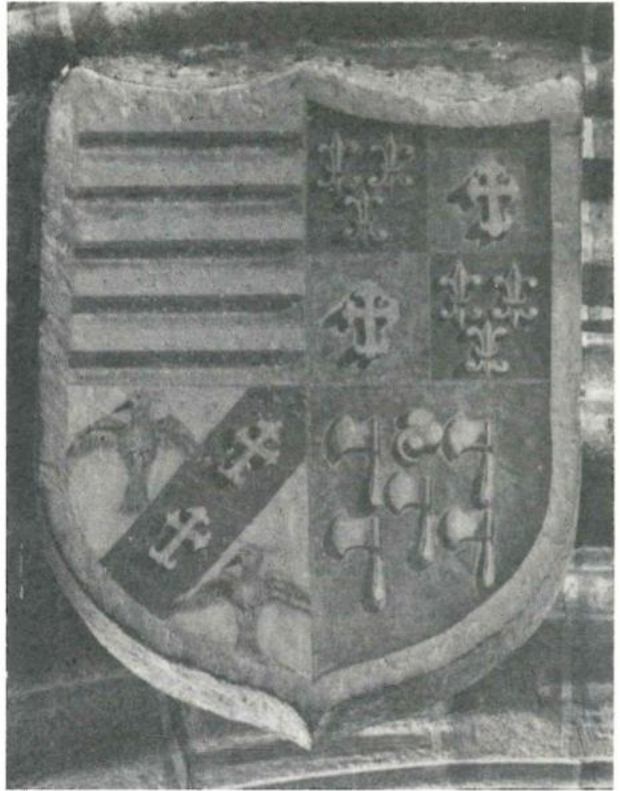
Composição: esquartelada.

Leitura:

I FERREIRA	(1)
II LEITE, moderno	(2)
III ALMADA	(3)
IV MACHADO, — e um trifólio posto em chefe	(4)

(1) Assim: burelado de ouro (amarelo) e vermelho, de dez peças. São as armas dos Ferreiras: *de vermelho, quatro faixas de ouro.*

⁽⁵⁶²⁾ Ver os n.ºs 124 a 131.



128



(2) Esquartelado: o I e o IV de verde (na pedra de armas: *de azul*), com três flores-de-lis de ouro (*amarelo*); o II e o III de vermelho, com uma cruz florenciada de prata e vazia (na pedra de armas: *de ouro* (amarelo), e não vazia).

(3) São as suas armas: *de ouro, banda de azul, carregada de duas cruzes florenciadas de ouro e vazias, a banda acompanhada de duas águias de vermelho, bicadas e membradas de negro*. Na pedra de armas: uma barra, em vez de uma banda; as cruzes não estão vazias; e as águias (degeneradas!) são de um vermelho duvidoso, e têm o bico e as patas de negro.

(4) De vermelho, cinco machados de prata (*branco*), encabados de ouro (*amarelo*). O trifólio é de ouro (*amarelo*), — diferença de um brasão de armas passado (*Machado*, pleno; ou um escudo composto de *Machado* e...), figura que devia acompanhar, pensou-se, as armas dos Machados no arranjo do novo brasão. (563)

* * *

PEDRO ÁLVARES DE ALMADA. — Foi fidalgo da Casa dos Reis D. João II e D. Manuel I, etc., teve carta de brasão de armas de mercê-nova concedida por Henrique VII de Inglaterra a 9 de Março de 1501 (564), e instituiu o morgado da Azenha (Santa Marinha da Costa-Guimarães) nos princípios do séc. XVI (1507?), com suas casas no Rossio da Tulha, em Guimarães, e a Capela de Nosso Senhor Crucificado, que fundou na Igreja do Convento de S. Francisco, onde foi sepultado, — tendo casado com *D. Inês Anes Cortez* (565). Deles foi oitavo neto *Inácio Leite Pereira de Almada Pinheiro*, moço fidalgo da Casa Real, comendador da Ordem de Cristo, administrador dos morgados da Azenha, da Golpilheira (próximo da Batalha), de Caínhos (Santa Senhorinha de Basto-Cabeceiras de Basto), de Louredo (Louredo-Paredes), senhor da Casa de Marnel (Bitarães-Paredes), etc., padroeiro da Misericórdia de Penafiel, que faleceu na Casa do Arco a 1 de Junho de 1828 e foi sepultado na Capela de Nosso Senhor Crucificado (566), e que casou em Nossa Senhora da Oliveira, em Guimarães, a 26 de Julho de 1772 (567), com *D. Catarina Flávia Machado de Melo Pereira Malheiro*, administradora do morgado de S. Clemente de Sande, no termo de Guimarães, que faleceu na Casa do Arco a 19 de Novembro de 1830 (568), — tendo sido filha deste casal *D. Grácia Xavier Leite Pereira de Almada Machado e Melo*, que casou com Martinho Correia de Moraes e Castro, 1.º Visconde de Azenha (569). (570)

(563) Ver o n.º 44 (*Casa do Arco*) do tomo I do presente vol. VII.

(564) Ver no n.º 44 (*Casa do Arco*) do tomo I do presente vol. VII as págs. 103 a 105.

Cada um dos bocetes da abóbada da capela está decorado com uma flor que pretende representar uma rosa.

(565) N.º cit., pág. 101.

(566) Livro de Óbitos (1800-1860) de Nossa Senhora da Oliveira, fl. 167 v. (B-12-5-74), — no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta.

(567) Livro de Casamentos n.º 2, fl. 44 v. (B-17-3-4), — no A. M. A. P..

(568) Livro de Óbitos (1800-1860) de Nossa Senhora da Oliveira, fl. 176 (B-12-5-74), — no A. M. A. P..

(569) N.º cit., na nota (564), págs. 100 e 101.

(570) Ver o n.º cit. (n.º 44 — *Casa do Arco*).

Veja-se:

- *Nobiliário de Famílias de Portugal*, por Felgueiras Gayo, tít. de *Almadas*, § 16, tít. de *Ferreiras*, § 28 (*Azenha*), tít. de *Leites*, § 26, tít. de *Machados*, § 1 (N 25), e tít. de *Origem dos Pinheiros*, § 32 (*Azenha*), e tomo I de *Costados*, cost. 94 (*Azenha, em Guimarães*), e tomo IV de *Costados*, cost. 195 v.º (*Correas Moraes Madureiras, de Tarouca — Visconde d'Azenha*).
- *Arvores de Costados das Famílias Nobres*, por José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco, tomo I, costado 63, e tomo II, costado 86.
- *Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal*, por Albano da Silveira Pinto (e continuada pelo Visconde de Sanches de Baêna), tomo I, em *Azenha (Conde)*.
- *Últimas Gerações de Entre Douro e Minho*, por José de Sousa Machado, vol. I, costado 86 (*Casa da Azenha-Viscondes e Condes da Azenha*), e pág. 479, e vol. II, págs. 518 e 519 e pág. 588.
- *Livro de Oiro da Nobreza*, por Domingos de Araújo Affonso e Ruy Dique Travassos Valdez, tomo I, em *Azenha (Condes de)*, e tomo III, págs. 721, 811, 812, 813, 907, 918 e 996.
- *Nobreza de Portugal*, vol. II, em *Azenha (Visconde e Condes de)*.



Localização:

- Igreja de S. Francisco ⁽⁵⁷¹⁾, — no transepto, no topo do braço da parte da Epístola (à antiga).
- No frontão do *portal* (do período do Renascimento Clássico) da Capela dos Santos Mártires de Marrocos, portal que hoje abriga o altar do Senhor Preso à Coluna ⁽⁵⁷²⁾.

Material: granito.

Época: princípios do século dezassete?

⁽⁵⁷¹⁾ Ver os n.ºs 124 a 131.

⁽⁵⁷²⁾ Nas *Memórias Resuscitadas da Província de Entre Douro, e Minho*, pelo Bacharel Francisco Xavier da Serra Crasbeeck, 1726 (ms. da Biblioteca Nacional de Lisboa), nas fls. 146 e 146 v.: «No cruseiro abaixo desta cappella [do Santo Cristo] fica a porta, que vai para huã casa ante a sanchristia, e no interior da d^a porta está huã Cappella dos Santos Martires de Marrocos, q̃ instituiu Francisco da Silva (*sic*) [...]. Fica o retabulo da d^a Cappella fronteiro á porta da sanchristia, e pella ilharga da banda do evangelho he a servintia para a d^a casa, e sanchristia, que está esta muito domnosa, e aseada com muitas reliquias: e desta casa ante a sanchristia para a p.^{te} direita e da Epistola do d^o altar, vai huã porta para a varanda da claustra por onde se comonica para os dormitorios. Sobre a porta desta Cappella está hum escudo de Armas illuminado».

No frontão, inferiormente ao brasão de armas, lê-se a inscrição: D.O.M. / ALTARE EREXIT SIBIQ / VE SEPVLCHRVM (*com o H e o R geminados*) CON / STRVXIT SYLVIA FRANCISCA.

No *Livro das sepulturas da Igreja de S. Franc.º de Guimaraes, que mandou fazer o R. P. M. F. Bento da Luz no anno de 1775, sendo G.^{am} deste Convento* (ms. do Arquivo da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco): «No Altar dos Santos *Martyres de Marrocos*, q. levantou Sylvia Francisca, e hoje administraõ os Senhores Montes negros, e fica ao sahir da sacristia p.^a o cruz.^o da Igr.^a por baixo do ultimo degrao da escada de pedra está hum fojo, que mais era p.^a semiterio de aguas, q. p.^a sepultura de corpos por ser estreyto. Com tudo assim ficou no m.^o lugar coberto de parte a parte com hum degrao novo q. se lhe poz. Se alguém procurar este jazigo será melhor concederlhe outro algum dos numerados p.^a diante do que andar a mover, e a tirar aquelle degrao, e a quebrallo sem serventia capaz. Ficou como estava, só se innovou o escalhaõ que a cobria e estava todo quebrado».



129



LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo em forma de cartela decorada com rolos de volutas.

Escudo:

Composição: esquartelada.

Leitura:

I	CUNHA	(1)
II e III	MENESES, antigo	(2)
IV	(3)

(1) Nove cunhas, postas 3, 3 e 3.

(2) São as suas armas: *de ouro, pleno*.

(3) Teremos um leão acompanhado de dois ramos de silva postos em orla, com os cabos passados em aspa na ponta do escudo? Armas semelhantes vêm na *Armariá Portuguesa*, por Anselmo Braamcamp Freire, em *Silva, Condes de Aveiras* (Conde, 24 de Fevereiro de 1640; extinto, 1873): «De prata, leão de purpura, armado e linguado de azul e acompanhado de dois ramos de silva de verde postos em orla, com os cabos passados em aspa na ponta do escudo».



Localização:

— Igreja de S. Francisco ⁽⁵⁷³⁾. Capela-mor, — num dos bocetes da abóbada ⁽⁵⁷⁴⁾.

Material: granito.

Época: fins do século catorze?

LIÇÃO HERÁLDICA:

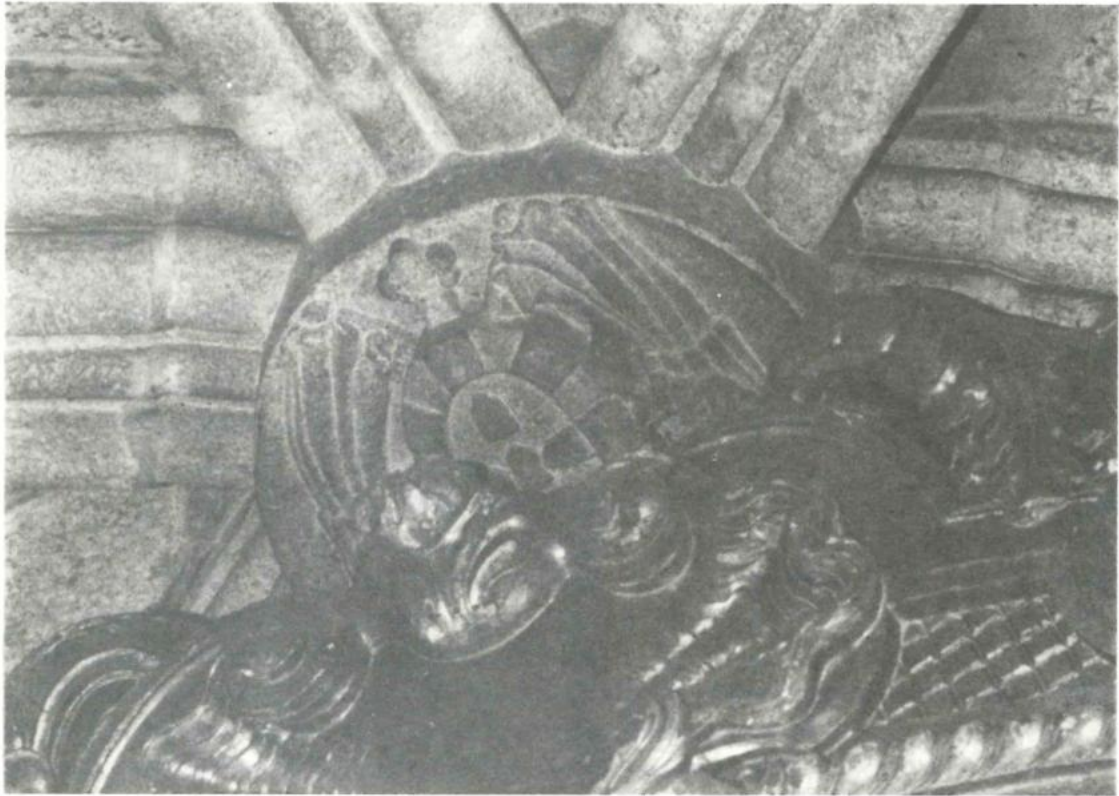
Classificação: heráldica real.

O brasão de armas está meio escondido pelo retábulo de madeira do altar-mor. Vêem-se, somente: parte do escudo das armas reais, o braço inferior da cruz da Ordem de Avis sobre a qual assenta o escudo e os hábitos talaes de dois anjos (tenentes).

BRASÃO DE ARMAS DE D. JOÃO I

⁽⁵⁷³⁾ N.ºs 124 a 131.

⁽⁵⁷⁴⁾ A capela-mor, de abóbada polinervada, foi edificada a expensas de D. Constança de Noronha, 1.^a Duquesa de Bragança. A sepultura desta veneranda e piedosa senhora foi colocada na capela-mor. Passaram séculos: a sepultura desapareceu, salvando-se a tampa, com estátua jacente, que está no Museu de Alberto Sampaio, na Capela de S. Brás. Lê-se em *Guimarães, — apontamentos para a sua história*, pelo P.^e António José Ferreira Caldas, vol. II (1881), pág. 97: os frades «resolveram-se finalmente a lançar a primeira pedra a um novo convento e igreja, ainda no primeiro quartel do século XIV, e no assento, onde ainda hoje se vêem. Foram coadjuvados na sua obra pelo pontífice Innocencio VI, que concedera quarenta dias de indulgencia aos fieis, que para tal fim concorressem com qualquer esmola; por el-rei D. Diniz, que com valiosos donativos os quizera resarcir dos damnos causados; por el-rei D. Fernando, que applicára para a obra os residuos dos testamentos n'esta villa e seu termo, e por el-rei D. João I, que estendera esta mercê a Entre Douro e Minho e bispado de Lamego, tomando ao mesmo tempo o convento debaixo da sua protecção.»



130



131

Localização:

— Igreja de S. Francisco ⁽⁵⁷⁵⁾. Capela-mor, — num dos bocetes da abóbada.

Material: granito.

Época: num dos anos de 1948 a 1952 ⁽⁵⁷⁶⁾.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica real.

Escudo clássico, assente sobre um arremedo da cruz da Ordem de Avis e encimado por uma coroa real aberta, — tudo contido numa moldura quadrilobada, rodeada de folhagem.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

PORTUGAL

Cruz de Avis

(1)

(1) Brasão de armas (com o coronel real) de D. João I, antes de incluir a Cruz de Avis dentro do escudo. Com torres na bordadura, em vez de castelos.

⁽⁵⁷⁵⁾ Ver os n.ºs 124 a 131.

⁽⁵⁷⁶⁾ Informação, por ofício, da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco.

Localização:

- Convento de S. Francisco (extinto) ⁽⁵⁷⁷⁾.
- Claustro. A pedra de armas está cravada numa das paredes da galeria do primeiro piso ⁽⁵⁷⁸⁾.

Material: granito.

Época: reinado de D. Manuel I.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

⁽⁵⁷⁷⁾ Ver os n.ºs 132 a 143.

⁽⁵⁷⁸⁾ O claustro, do ciclo do Renascimento Clássico (último quartel do séc. XVI), é obra do mestre de pedraria vimaranense Gonçalo Lopes. Lê-se em *A Arte em Portugal*, n.º 11 (*Guimarães*): «Em 9 de Setembro de 1591, na nota de António Fragoso, Gonçalo Lopes, mestre de pedraria, morador à rua da Caldeiroa, contrata com o fidalgo Gonçalo Dias de Carvalho, em presença de Frei Isidoro, guardião do convento e do síndico do mesmo, Frutuoso Gomes, a construção do actual claustro do templo de S. Francisco, em Guimarães». Ver os n.ºs 135 e 136. Creio que a pedra de armas pertenceu à desaparecida Capela de Santo António, na Igreja de S. Francisco, instituída pelo Dr. Diogo Lopes de Carvalho (ver o n.º 107).

Nas *Memórias Resuscitadas da Província de Entre Douro, e Minho*, pelo Bacharel Francisco Xavier da Serra Crasbeeck, 1726 (ms. da Biblioteca Nacional de Lisboa), fl. 147 v., lê-se: «No corpo da Igreja da parte do Evangelho fica a Cappella do glorioso S. Antonio dos Milagres, toda de talha dourada, e adornada com muitos Trofeos de Milagres do dito S.^{to} a qual foi instituída pello D.^{or} Diogo Lopes de Carvalho Dez.^{or} do Passo, do conçelho delRei D. Manoel, s.^r do Couto de Abadim e do de Negrellos, com as nobres cazas da Rua da cadea, com sua torre coroada de Ameas, que nomeou em seu sobrinho o D.^{or} Gaspar de Carvalho chanceller mor do Reino, do Conçelho del Rei D. Joaõ 3º e por elle Embaixador a Castella, cujo quarto neto por varonia Thadeo Luis Lopes de Carvalho, fonçequa, e Camoes hoje pessue esta Cappella, Cazas, e Morgado».

Escudo boleado de bico, com chefe de linhas côncavas, — assente noutro escudo idêntico, com uma legenda posta em orla ⁽⁵⁷⁹⁾.

Escudo:

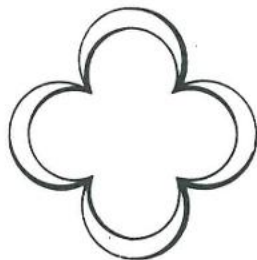
Composição: plena.

Leitura:

CARVALHO

(1)

(1) São as suas armas: *uma estrela de oito pontas, encerrada numa caderna de crescentes*. No brasão de armas os crescentes estão acantonados e apontados ao centro do escudo, — não formando, portanto, uma caderna de crescentes.



⁽⁵⁷⁹⁾ Estamos perante uma inscrição de leitura muito difícil, alusiva ao instituidor da desaparecida Capela de Santo António dos Milagres, na Igreja de S. Francisco, o Dr. Diogo Lopes de Carvalho (ver o n.º 107).



132



133

Localização:

- Convento de S. Francisco (extinto) ⁽⁵⁸⁰⁾.
- Claustro. No entablamento sustido pela colunata do primeiro piso.

Material: granito.

Época: cerca de 1620? ⁽⁵⁸¹⁾.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo peninsular.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

CARVALHO

(1)

(1) São as suas armas: *uma estrela de oito pontas, encerrada numa caderna de crescentes*. Na pedra de armas a estrela tem cinco pontas e a caderna está posta em aspa.

⁽⁵⁸⁰⁾ Ver os n.ºs 132 a 143.

⁽⁵⁸¹⁾ Ver o n.º 136, nota ⁽⁵⁹⁶⁾.

Localização:

- Convento de S. Francisco (extinto) ⁽⁵⁸²⁾.
- Claustro. A pedra de armas remata uma das colunas onde se apoia o entablamento do primeiro piso, e nele, entablamento, está firmada.

Material: granito.

Época: ano de 1616 ⁽⁵⁸³⁾.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das corporações religiosas.

Escudo peninsular.

Escudo:

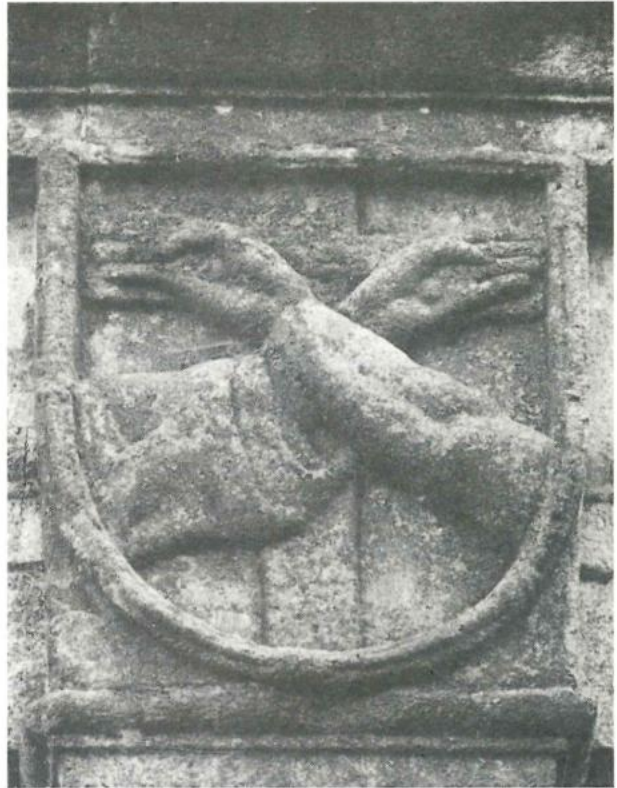
Composição: plena.

Leitura:

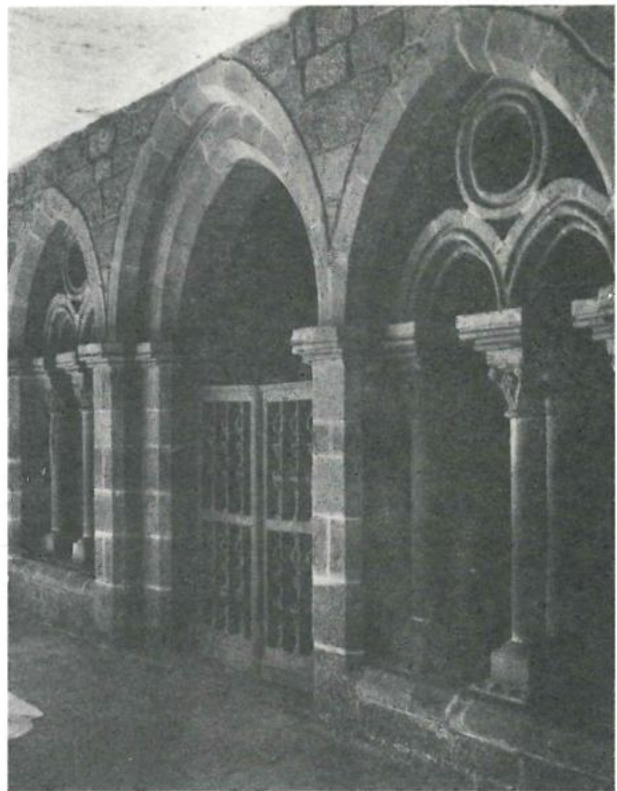
ORDEM DE S. FRANCISCO,
— e o cordão franciscano assente,
em orla, no rebordo do escudo.

⁽⁵⁸²⁾ Ver os n.ºs 132 a 143.

⁽⁵⁸³⁾ Ver o n.º 136, nota ⁽⁵⁹⁶⁾.



134



135 e 136

Localização:

- Convento de S. Francisco (extinto) ⁽⁵⁸⁴⁾.
- Claustro. Sala do Capítulo (Capela de S. João Baptista) ⁽⁵⁸⁵⁾, — numa campa epigrafada ⁽⁵⁸⁶⁾.

Material: granito.

Época: ano de 1595.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo peninsular. Elmo com paquife e timbre.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

CARVALHO (1)

Timbre das armas (2)

⁽⁵⁸⁴⁾ Ver os n.ºs 132 a 143.

⁽⁵⁸⁵⁾ Lê-se nos *Estudos do Museu de Alberto Sampaio, I — A Degolação de S. João Baptista*, 1942, nas págs. 19 e 20 que *Na Casa Capitular do convento de S. Francisco, de Guimarães, existiu, desde a segunda metade do século XVI, uma capela consagrada a S. João Baptista, mandada ali instalar pelo licenciado Gonçalo Dias de Carvalho, natural da mesma cidade, e que Foi intenção do licenciado Gonçalo Dias de Carvalho, ao instalar ali a sua capela familiar, torná-la repouso sepulcral seu e da sua gente. Por isso decorou a luxuosa capela — como se dirá — brasonando-a interna e externamente.* Ver o n.º 136.

⁽⁵⁸⁶⁾ O letreiro quase apagado pelo atrito. Lê-se, somente: *ESTA CAPELA • E / SEPVLTVRA E DE / GON...* (com letras geminadas e inclusas). No *Livro das Sepulturas da Igreja de S. Franc.º de Guimarães, que mandou fazer o R. P. M. F. Bento da Luz no anno de 1775, sendo G.ªm deste Convento* (ms. do Arquivo da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco): «Esta Capella, e Sepultura he de Gonsallo Dias de Carvalho do Conselho de Sua Magestade, e seus herdr.ºs anno de 1595»; e lê-se mais no ms.: «He administrador desta Capella o S.ªr Caetano Baltazar do Terreyro das Freiras: E hoje he seu filho o S.ªr Jozé Felipe de Carvalho».

- (1) São as suas armas: *uma estrela de oito pontas, encerrada numa caderna de crescentes*. No brasão de armas a estrela tem cinco pontas.
- (2) O timbre é: *um cisne carregado da estrela do escudo no peito*. No brasão de armas a estrela do timbre tem cinco pontas.

*
* *
*

DR. GONÇALO DIAS DE CARVALHO. — Filho de João Afonso, chamado dos Quintos (escudeiro fidalgo, prebendeiro do Cabido da Colegiada de Guimarães, etc., 1.º administrador do vínculo da Capela de Nossa Senhora da Madre de Deus (Azurém-Guimarães), instituído por seu tio o Cónego Gonçalo Anes), e de sua mulher, Ana de Carvalho, irmã do Dr. Gaspar de Carvalho, senhor dos coutos de Abadim e Negrelos (no n.º 107). Sucedeu a seu pai e foi desembargador dos Agravos, deputado da Mesa da Consciência e Ordens, etc., e instituiu o 2.º morgado dos Carvalhos em Guimarães, a 21 de Janeiro de 1593, com Capela de S. João Baptista no claustro do Convento de S. Francisco ⁽⁵⁸⁷⁾, que mais tarde passou aos descendentes de sua irmã Madalena de Carvalho, unindo-se ao de Pousada, casada com o Dr. Gonçalo Vaz Peixoto, fidalgo da Casa Real, desembargador da Casa da Suplicação, senhor da Casa de Pousada, em Azurém ⁽⁵⁸⁸⁾. Sem geração, sucedeu-lhe seu sobrinho António Pereira da Silva de Carvalho ⁽⁵⁸⁹⁾, que esteve cativo após Alcácer Quibir, filho de sua irmã Margarida de Carvalho e marido, Manuel Pereira da Silva ⁽⁵⁹⁰⁾, fidalgo da Casa Real. ⁽⁵⁹¹⁾

⁽⁵⁸⁷⁾ «Por desejar ser enterrado no Mosteiro de S. Francisco em G.es, doaram-lhe os frades uma capela no claustro “pera elle ordenar e reparar”. Esta capela, a de S. João Baptista, fora em 1552 de Isabel de Lima e seu marido, Rui Besteiros, que estavam nela enterrados, assim, como um filho que tiveram. Morrendo s. g., Isabel de Lima entregara a capela aos frades para dispoem dela, o que foi confirmado por seus parentes mais chegados, os Abreus de Ponte de Lima, antes da doação ao Dr. Gonçalo Dias de Carvalho. Foi esta capela a cabeça do opulento Morgadio dos Carvalhos, composto de muitas casas e terras em Guimarães e noutros lugares» (in *Velhas Casas, V (Azurém-Guimarães)*, — *Casa de Pousada*, por Maria Adelaide Pereira de Moraes («Boletim de Trabalhos Históricos», do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães, vol. XXVIII (1975-1977)), nota ⁽¹⁵⁷⁾).

⁽⁵⁸⁸⁾ *Ob. cit.*, notas ⁽⁷⁴⁾ e ⁽¹⁵⁷⁾.

⁽⁵⁸⁹⁾ Ver o n.º 136.

⁽⁵⁹⁰⁾ *Ob. cit.*, nota ⁽¹⁵⁷⁾.

⁽⁵⁹¹⁾ Alguns dados fornecidos pessoalmente pela Genealogista D. Maria Adelaide Pereira de Moraes. Ver, quando publicado, o *Cap. VIII — Carvalhos de Guimarães*, por Maria Adelaide Pereira de Moraes, in *Carvalhos de Basto*, obra que está a ser publicada em fascículos (ver nota (281-1) no tomo II do presente vol. VII). In *Nobiliário de Famílias de Portugal*, por Felgueiras Gayo, tít. de *Carvalhos*, § 26, N 11, e § 30, N 11, N11-12 e N 12, e tít. de *Pereiras*, § 61, N 18 e N 19.



135



136

Localização:

- Convento de S. Francisco (extinto) ⁽⁵⁹²⁾.
- Claustro. Sala do Capítulo (Capela de S. João Baptista) ⁽⁵⁹³⁾, — numa campa epigrafada ⁽⁵⁹⁴⁾.

Material: granito.

Época: António Pereira da Silva de Carvalho, o sepultado, faleceu em 1614.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo peninsular. Elmo com paquife e timbre.

Escudo:

Composição: esquartelada.

⁽⁵⁹²⁾ Ver os n.ºs 132 a 143.

⁽⁵⁹³⁾ Ver o n.º 135.

⁽⁵⁹⁴⁾ Inscrição muito maltratada pelo atrito, — conseguindo ler-se: S(EPVLTVRA) • DE ANT(ONIO) • P(E)R(EIRA) • DA • SILVA DE / CARVALHO • FIDALGO DA • / CAZA... (*com abreviaturas e letras geminadas*). Lê-se no *Livro das Sepulturas da Igreja de S. Franc.º de Guimaraes, que mandou fazer o R. P. M. F. Bento da Luz no anno de 1775, sendo G.ºm deste Convento* (ms. do Arquivo da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco): «S.ª de Antonio Pr.ª da Silva de Carvalho fidalgo da Caza de Sua Magd.ª predessor desta Capella, e de seus herdr.ºs Falleceo aos 18. de Abril de 1614. an».

Leitura:

I PEREIRA	(1)
II CARVALHO	(2)
III CERVEIRA (uns)	(3)
IV SILVA	(4)

Timbre de PEREIRA	(5)
-------------------	-----

- (1) Uma cruz florenciada e vazia.
- (2) São as suas armas: *uma estrela de oito pontas, encerrada numa caderna de crescentes*. No brasão de armas a estrela tem cinco pontas e a caderna está posta em aspa.
- (3) São as suas armas: *duas cervas passantes, uma sobre a outra, e bordadura carregada de treze escudetes, cada um sobrecarregado de cinco besantes* (cf. a *Armaria Portuguesa*). No brasão de armas não existe a bordadura e os escudetes, sem os besantes, postos em orla, parecem ser seis.
- (4) Um leão.
- (5) Uma cruz florenciada, ladeada de duas asas, *ou* uma cruz florenciada e vazia, ladeada de duas asas. A cruz está quase apagada, o que não permite verificar se é uma cruz vazia ou não.

*

* *

ANTÓNIO PEREIRA DA SILVA DE CARVALHO. — Filho de Manuel Pereira da Silva, fidalgo da Casa Real, e de sua mulher, Margarida de Carvalho, irmã do Dr. Gonçalo Dias de Carvalho, instituidor do 2.º morgado dos Carvalhos ⁽⁵⁹⁵⁾, — foi fidalgo da Casa

⁽⁵⁹⁵⁾ Ver o n.º 135.

⁽⁵⁹⁶⁾ «António Pereira da Silva, como administrador do Morgadio, “mandou de seu próprio dinheiro fazer dous cadros na crausta de baixo do mosteiro de Sam Fr.co athe o sobrado da Baranda, sendo Mestre da dita obra” o famoso Gonçalo Lopes “...e num dos ditos cadros (na capela de S. João Baptista) mandou pôr as armas dos Carvalhos”. Ali estiveram 18 anos, até que em 1616, “sem razão alguma”, os frades as mandaram picar e substituir pelas armas da Ordem. Provocou isso “notavel agravo” ao filho de António Pereira e “deu muito escandallo em todas as pessoas”, escasseando as esmolos para o convento. Correu um processo, chegando-se por fim a acordo: as armas dos Carvalhos continuariam como estavam antes da desfeita e “na outra quadra defronte ficariam as armas de S. Francisco para constar que os altos e baixos da Baranda forão feitos pela Ordem porque só as duas quadras é que pertencem aos herdeiros dos Carvalhos”, sendo o resto feito à custa dos Frades (Tombo do Morgado dos Carvalhos, Arq. Mun. A. Pimenta)» (in *Velhas Casas, V (Azurém-Guimarães)*, — *Casa de Pousada*, por Maria Adelaide Pereira de Moraes («Boletim de Trabalhos Históricos», do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães, vol. XXVIII (1975-1977)), nota ⁽¹⁵⁷⁾). Ver os n.ºs 133 e 134.

Real, e foi sucessor de seu tio o Dr. Gonçalo Dias de Carvalho, tendo sido administrador dos morgados dos Carvalhos e da Capela de Nossa Senhora da Madre de Deus ⁽⁵⁹⁶⁾. «António Pereira da Silva † a 18.1.1614 e declarou em seu testamento: “Tenho dous filhos naturaes e legitimados que sam Manuel Pereira da Silva e Maria de Samtiago (teve mais dois: Salvador da Silva Pereira, Cap.º da Armada, Mestre de Campo em Ceilão, e Jerónimo Pereira da Silva, ambos falecidos na Índia, s. g.) a quem deixo todos os meus bens livres”» ⁽⁵⁹⁷⁾.



⁽⁵⁹⁷⁾ In *ob. cit.*, nota cit., — e referências aos administradores do morgado dos Carvalhos na mesma *ob. cit.*. Ver, quando publicado, o *Cap. VIII — Carvalhos de Guimarães*, por Maria Adelaide Pereira de Moraes, in *Carvalhos de Basto*, obra que está a ser publicada em fascículos (ver nota (281-1) do tomo II do presente vol. VII). In *Nobiliário de Famílias de Portugal*, por Felgueiras Gayo, tít. de *Pereiras*, § 50, N 14 (Cerveira), e § 61, N 18 e N 19, e tít. de *Carvalhos*, § 30, N 11-12 e N 12.

Localização:

- Convento de S. Francisco (extinto) ⁽⁵⁹⁸⁾.
- Claustro. Entre dois dos três arcos das portas de acesso à Capela de S. Pedro e S. Paulo (à esquerda do observador) ⁽⁵⁹⁹⁾.

Material: granito. Com vestígios de pintura.

Época: ano de 1620.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo peninsular.

Escudo:

Composição: esquartelada.

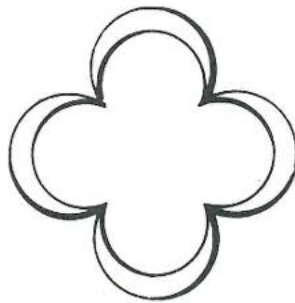
⁽⁵⁹⁸⁾ Ver os n.ºs 132 a 143.

⁽⁵⁹⁹⁾ Ver os n.ºs 138, 139 e 140. Inscrição repartida pelos três arcos, na face voltada para o claustro: no primeiro arco (à esquerda do observador), NO ANNO . DE MIL . E SEISCENTOS E VINTE . EM HO MES DE MAIO; no segundo arco, ESTA CAPELA DE . S . PEDRO . E S . PAVLO . MÂDOV FAZER P(EDR)O . V(IEI)RA . DA MAIA . CAVAL(EI)RO . FIDALGO . DA CAZA; e no terceiro arco, DE SVA M(A)G(ESTA)DE . E SVA MOLHER . BEATRIS LOPES DE CARVALHO . E A DOTARAÕ CÕ MISSA QVOTIDIANA (*com abreviaturas e letras geminadas, inclusas e sobrepostas*). In *Nobiliário de Famílias de Portugal*, por Felgueiras Gayo, tít. de *Carvalhos*, § 51, N 13, e tít. de *Machados*, § 141, N 21-21 (aliás 22). Ver o n.º 139.

Leitura:

I e IV CARVALHO (1)
II e III ROCHA (2)

- (1) São as suas armas: *uma estrela de oito pontas, encerrada numa caderna de crescentes.*
No brasão de armas a estrela tem cinco pontas e a caderna está posta em aspa.
- (2) Uma aspa carregada de cinco vieiras, — estando a vieira do centro posta em banda.





137



138

Localização:

- Convento de S. Francisco (extinto) ⁽⁶⁰⁰⁾.
- Claustro. Entre dois dos três arcos das portas de acesso à Capela de S. Pedro e S. Paulo (à direita do observador) ⁽⁶⁰¹⁾.

Material: granito. Com vestígios de pintura.

Época: ano de 1620 ⁽⁶⁰²⁾.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo peninsular.

Escudo:

Composição: esquartelada.

Leitura:

I	VIEIRA	(1)
II	MAIA	(2)
III	MACHADO	(3)
IV	ROCHA	(4)

- (1) Seis vieiras, postas 2, 2 e 2.
- (2) Uma águia, — representada em voo abatido.
- (3) Cinco machados.
- (4) Uma aspa carregada de cinco vieiras, — estando a do centro posta em banda.

⁽⁶⁰⁰⁾ Ver os n.ºs 132 a 143.

⁽⁶⁰¹⁾ Ver os n.ºs 137, 139 e 140

⁽⁶⁰²⁾ Cf. a nota ⁽⁵⁹⁹⁾.

Localização:

- Convento de S. Francisco (extinto) ⁽⁶⁰³⁾.
- Claustro. Capela de S. Pedro e S. Paulo, — numa campá epigrafada ⁽⁶⁰⁴⁾.

Material: granito.

Época: ano de 1620 ⁽⁶⁰⁵⁾.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo peninsular. Elmo com paquife, timbre e plumas.

Escudo:

Composição: esquartelada.

Leitura:

I VIEIRA	(1)
II MAIA	(2)

⁽⁶⁰³⁾ Ver os n.ºs 132 a 143.

⁽⁶⁰⁴⁾ Ver os n.ºs 137, 139 e 140. Inscrição: CAPELA: E / .S(EPVLTVRA) .DE P(EDR)O .V(IEI)RA .DA MAIA ÇAVA / L(EI)RO .FIDALGO DA CAZA DE S(VA) .M(AJESTADE) .E . / SVA MOLHER BEATRIS LOPES / DE CARVALHO .O QVOAL NA IN / DIA ORIENTAL SERVIO S(VA) .M(AJESTADE) . / 28 .ANNOS DE SOLDADO .CA / PITAÕ E CAPITAÕ MOR CÕ / PASSAR .4 .VEZES O CABO DE BOA / ESPERANÇA .E DE SEVS .HERD(EI)ROS . / DEÇEMDEMTE .E .GERAÇÃO . / .I.6.2.O. (*contém abreviaturas e letras inclusas, geminadas e sobrepostas*).

⁽⁶⁰⁵⁾ Cf. a nota anterior.

III MACHADO

(3)

IV ROCHA

(4)

Timbre: uma flor-de-lis

- (1) Seis vieiras, postas 2, 2 e 2.
- (2) Uma águia, — representada com a cabeça voltada e em voo abatido.
- (3) Cinco machados.
- (4) Uma aspa carregada de cinco vieiras, — estando a vieira do centro posta em contrabanda.

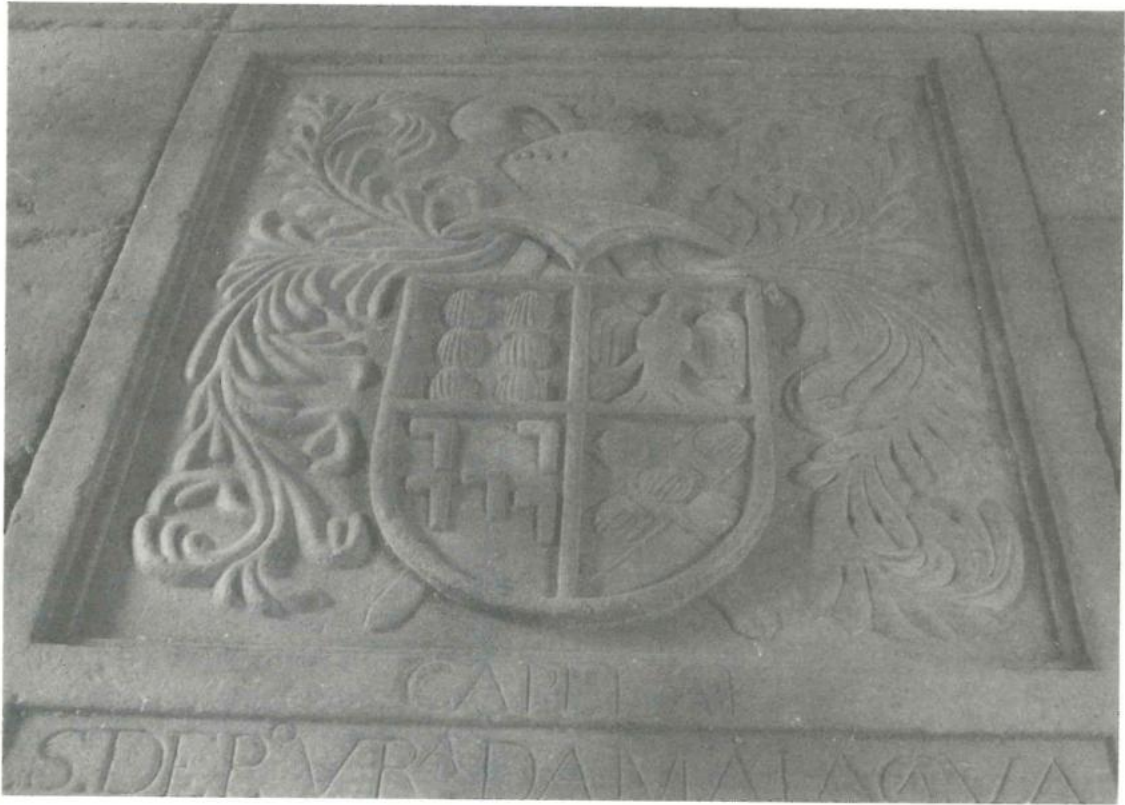
*
* * *

PEDRO VIEIRA DA MAIA. — Filho de António Machado da Maia e de sua mulher, Antónia Vieira da Rocha, foi fidalgo da Casa Real, e regressado da Índia, onde serviu vinte e oito anos, instituiu um morgado com Capela de S. Pedro e S. Paulo no claustro do Convento de S. Francisco, de Guimarães. Casou com *D. Brites Lopes de Carvalho*, que faleceu a *6 de Maio de 1642*, filha do Bacharel Gaspar Lopes da Rocha, corregedor em Miranda, e de sua mulher, Filipa de Carvalho, filha de João Afonso dos Quintos e de sua mulher, Ana de Carvalho, irmã do Dr. Gaspar de Carvalho, senhor dos coutos de Abadim e Negrelos (no n.º 107), — sem geração ⁽⁶⁰⁶⁾. ⁽⁶⁰⁷⁾

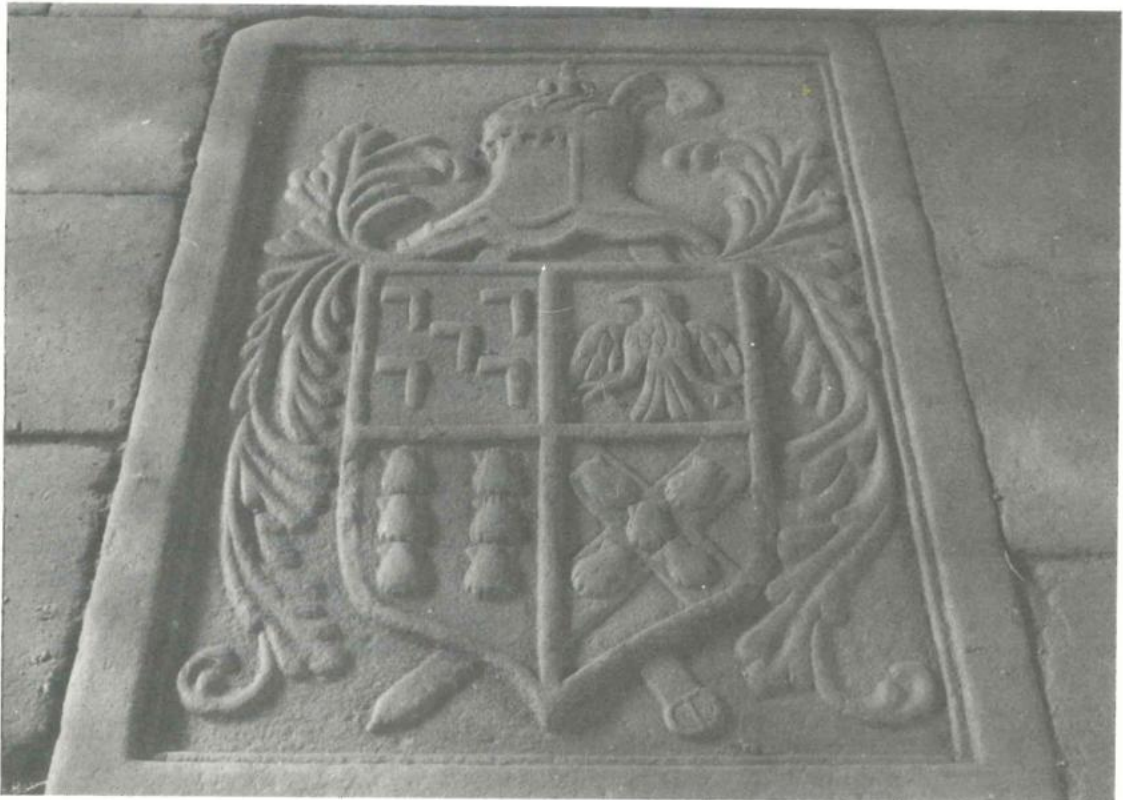


⁽⁶⁰⁶⁾ Cf. *Velhas Casas, V (Azurém-Guimarães)*, — *Casa de Pousada*, por Maria Adelaide Pereira de Moraes («Boletim de Trabalhos Históricos» do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, de Guimarães, vol. XXVIII (1975-1977), nota ⁽¹⁷⁶⁾), e os dados pessoais fornecidos pela ilustre Genealogista. Ver, quando publicado, o *Cap. VIII — Carvalhos de Guimarães*, por Maria Adelaide Pereira de Moraes, in *Carvalhos de Basto*, obra que está a ser publicada em fascículos (ver nota (281-1) do tomo II do presente vol. VII). Ver o n.º 137.

⁽⁶⁰⁷⁾ Ver o n.º 135.



139



140

Localização:

- Convento de S. Francisco (extinto) ⁽⁶⁰⁸⁾.
- Claustro. Capela de S. Pedro e S. Paulo, — numa campa com letreiro ⁽⁶⁰⁹⁾.

Material: granito.

Época: ano de 1621?

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo de transição para francês-moderno. Elmo com paquife, virol, timbre e pluma.

Escudo:

Composição: esquartelada.

⁽⁶⁰⁸⁾ Ver os n.ºs 132 a 143.

⁽⁶⁰⁹⁾ Ver os n.ºs 137, 138 e 139. Inscricção: S(EPVLTVR)•A•/•DE ANTONIO•MA = /CHADO •DA MAYA•E / DE SVA MOLHER •ÂT(ONI)A•V(IEI)RA / DA ROCHA•PAI•E MAI DO / INSTITVIDOR•DESTA CAPELLA FALE = / CEO DIA•DE•S•FR(AN)C(ISC)O•NO AN = / NO DE 1621 E DE SEVS / (H)ERDE(IR)OS E DESCENDENTES PEDE / HVÃ AVE M(ARI)A•P(OR)•AMOR DE D(EV)S, — (contém abreviaturas e letras inclusas, geminadas e sobrepostas). In *Nobiliário de Famílias de Portugal*, por Felgueiras Gayo, tít. de Machados, § 141, N 21. Ver os n.ºs 137 e 139. No *Livro das Sepulturas da Igreja de S. Franc.º de Guimaraes, que mandou fazer o R. P. M. F. Bento da Luz no anno de 1775, sendo G.ºm deste Convento* (ms. do Arquivo da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco): «Esta Capella de que hoje he administrador Pedro Borges da Maya Sr. da Quinta de Nespr.^a [...]».

Leitura:

I	MACHADO	(1)
II	MAIA	(2)
III	VIEIRA	(3)
IV	ROCHA	(4)

Timbre: uma flor-de-lis

- (1) Cinco machados.
- (2) Uma águia, — representada em voo abatido.
- (3) Seis vieiras, postas 2, 2 e 2.
- (4) Uma aspa carregada de cinco vieiras.



Localização:

- Convento de S. Francisco (extinto) ⁽⁶¹⁰⁾.
- Claustro. Numa campa epigrafada, — na sepultura de D. Maria de Sousa ⁽⁶¹¹⁾.

Material: granito.

Época: D. Maria de Sousa faleceu em 1619.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica de família.

Escudo em losango (*lisonja*).

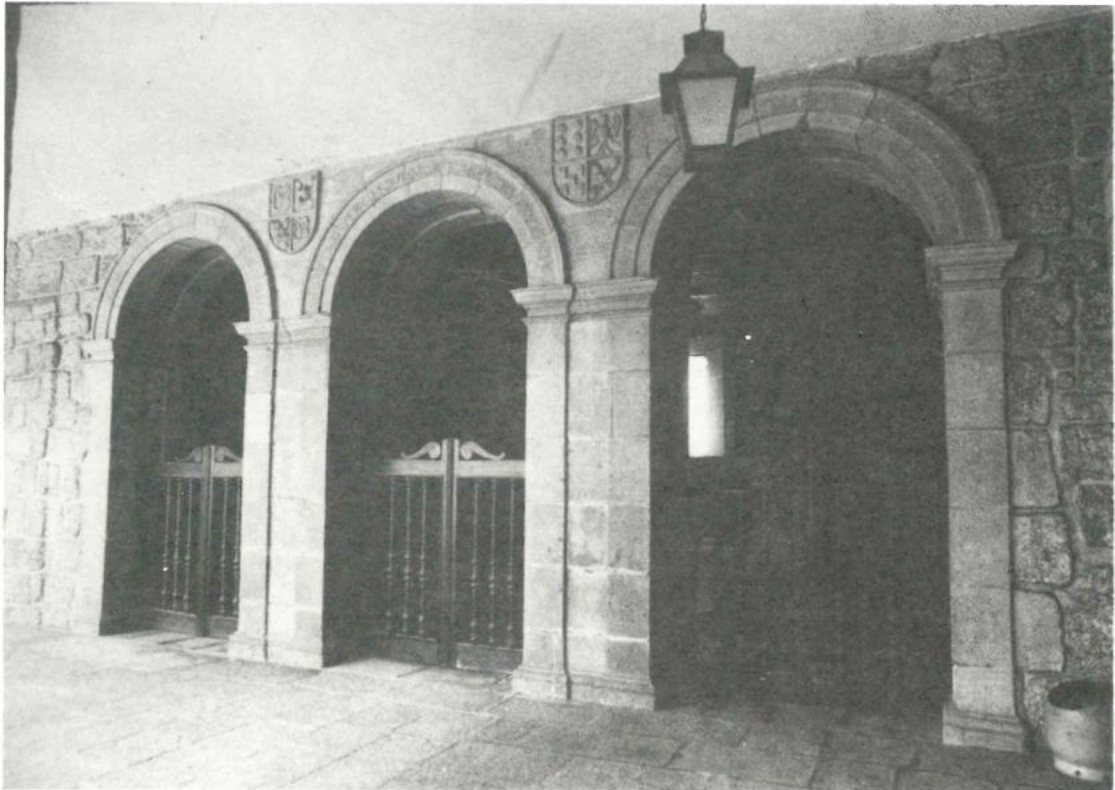
Escudo:

Composição: plena.

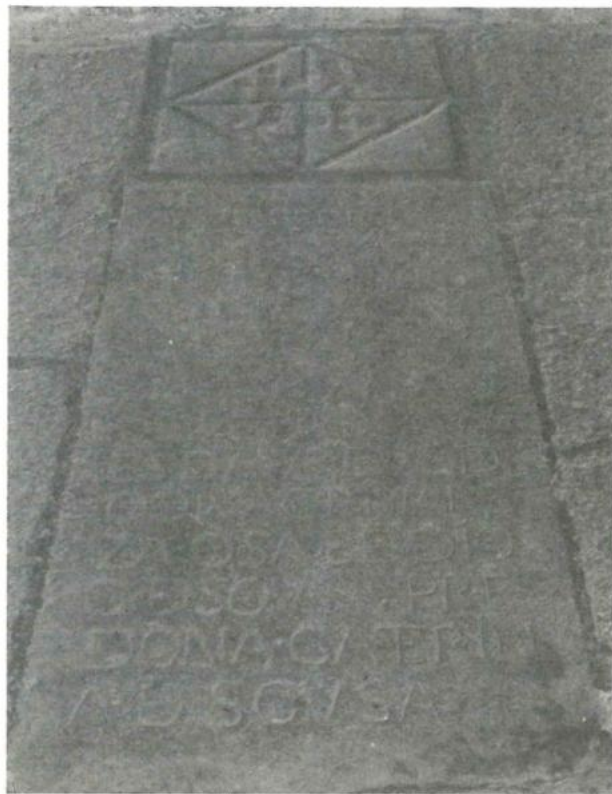
⁽⁶¹⁰⁾ Ver os n.ºs 132 a 143.

⁽⁶¹¹⁾ Gasta em grande parte pelo atrito, a inscrição apresenta passagens de leitura difícil, ou mesmo impossível. No *Livro das Sepulturas da Igreja de S. Franc.º de Guimarães, que mandou fazer o R. P. M. F. Bento da Luz no anno de 1775, sendo G.º deste Convento* (ms. da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco): «Sahindo da Porta travessa da Igreja p.ª o Claustro pela parte dir.ª mais adiante do meyo deste primr.º lado está huma campa raza coberta com huma pedra comprida, em que se acha esculpido hum escudo, e brazaõ dos Souzas: e por baixo delle o seguinte titulo = S.ª de Dona Maria de Souza mulher de Belchior de Gouvea de Melo, morreo a 13. de Setembro de 619. filha de P.º de Abreu de Castell-Branco, e de Dona Branca de Souza: Neta de P.º Anes de Abreu, e de Dona Grimaneza de Sá, e de Diogo de Souza Pr.ª e Dona Catharina de Souza = . Não sabemos a que Caza pertence esta sepultura: se em algum tempo se procurar com estes tit.ºs se abrirá p.ª q.º a requerer, assentando aqui o nome de q.º a possue agora».

In *Nobiliário de Famílias de Portugal*, por Felgueiras Gayo, tít. de *Gouveias*, § 79, N 14.



137 a 140



141

Leitura:

SOUSA, dito do Prado

(1)

(1) São as suas armas: *esquartelado: no I e no IV cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes; no II e no III um leão. Ausência, na pedra de armas, dos cinco besantes, por desgaste, e com o leão do III voltado.*



Localização:

— Convento de S. Francisco (extinto) ⁽⁶¹²⁾. A pedra de armas abrigada no nicho incluído no trabalhado remate da portada do convento.

Material: pedra de Ançã?

Época: século dezoito.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das corporações religiosas.

Escudo, decorado com elementos fitomórficos, volutas e ornatos concheados.

Escudo:

Composição: plena.

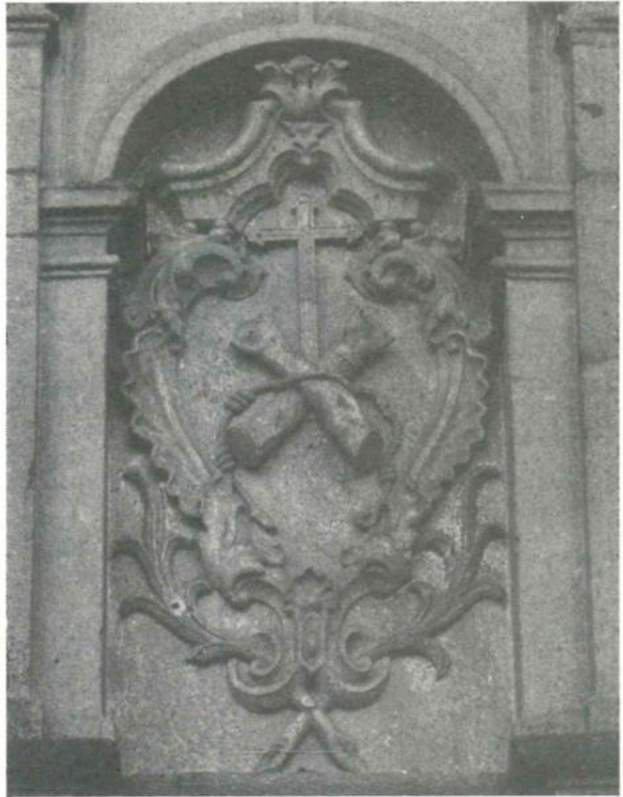
Leitura:

ORDEM DE S. FRANCISCO

(1)

(1) Assim: dois braços, direito e esquerdo, estando este vestido, com as mãos estigmatizadas, passados em aspa e atados com um cordão franciscano e brocantes sobre a parte inferior de uma cruz alta, a qual tem florenciadas as extremidades dos dois braços e a extremidade superior da haste.

⁽⁶¹²⁾ Ver os n.ºs 132 a 143.



142



Localização:

- Convento de S. Francisco (extinto) ⁽⁶¹³⁾. No edificio das antigas escolas da Ordem Terceira de S. Francisco, — encimando a porta principal, entre os dois lados da cornija interrompida da fachada ⁽⁶¹⁴⁾.

Material: granito.

Época: século dezoito (último quartel).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das corporações religiosas.

⁽⁶¹³⁾ Ver os n.ºs 132 a 143.

⁽⁶¹⁴⁾ Lê-se em *Guimarães*, — *apontamentos para a sua historia*, pelo P.º António José Ferreira Caldas, vol. II (1881), págs. 101 e 102: «Depois da extincção das Ordens religiosas foi a igreja dada á Ordem Terceira por carta de lei de 28 de fevereiro de 1835, tomando-se posse d'ella a 6 de agosto do mesmo anno, e o convento, que por muito tempo ficou devoluto e que por varias vezes serviu de quartel a diversas forças militares, e de tribunal a esta comarca, foi mais tarde entregue ao ministerio da guerra, que o converteu em hospital militar. Actualmente é propriedade da mesma Ordem Terceira, que o obteve por carta de lei de 4 de março de 1875 a troco de dous contos de reis e com obrigação de n'elle estabelecer duas escólas d'instrucção primaria para ambos os sexos, onde se eduquem gratuitamente os filhos dos irmãos pobres. N'uma das suas dependencias a nordeste esteve por muitos annos o theatro de Guimarães e por concessão da Ordem tem servido de abrigo a algumas familias indigentes. Toda esta parte que foi concluida em 1718, e que havia principiado no primeiro quartel do seculo XVII a expensas de Pedro Vieira da Maia, como consta d'uma inscripção lapidar alli cravada, anda-se actualmente apeando para dar lugar ao edificio das escólas. Na padieira da porta de entrada para esta parte do convento lê-se a seguinte inscripção: *Divo. Gualthero. D. F. D. Vimarano. Patrono. ins- / Taurati. Festi. Voto. IIII Anno. Que. M.D.LXXVII. P. V. F. C.* ». Presentemente, no edificio, no corpo central e nas duas alas, tem a Venerável Ordem Terceira de S. Francisco instalados a escola infantil e uma residencial, o centro de saúde e consultórios, e o Museu. O portão de entrada para o terreiro dá para a Rua do P.º Gaspar Roriz.



143



Escudo numa cartela *rocaille*, a qual está rematada pelos símbolos da heráldica franciscana: os dois braços, dextrochero e sinistrochero, vestido, passados em aspa, atados com um cordão franciscano, e a cruz latina.

Escudo:

Composição: partida.

Leitura:

I AS CINCO CHAGAS DE CRISTO (1)
II PORTUGAL (2)

- (1) As cinco chagas de Cristo são frequentes nas edificações franciscanas.
(2) Torres, em vez de castelos, na bordadura.



Localização:

— Capela de S. Francisco ⁽⁶¹⁵⁾. Portada.

Material: granito.

Época: ano de 1750 ⁽⁶¹⁶⁾.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das corporações religiosas.

Escudo, rodeado de elementos decorativos (volutas e folhas de acanto).

Escudo:

Composição: partida.

Leitura:

I ORDEM DE S. FRANCISCO	(1)
II PORTUGAL	(2)

(1) Somente os dois braços, direito e esquerdo, estando este vestido, com as mãos estigmatizadas, passados em aspa.

(2) Cinco escudetes postos em cruz, cada um carregado de cinco besantes, e bordadura carregada de sete castelos. Na pedra de armas: torres, em vez de castelos.

⁽⁶¹⁵⁾ Mandada edificar pela Venerável Ordem Terceira de S. Francisco em 1750 (cf. *Guimarães, — apontamentos para a sua historia*, pelo P.^o António José Ferreira Caldas, vol. II (1881), pág. 162). Barroco italianizado do séc. XVIII. Ver os n.^{os} 145 e 146.

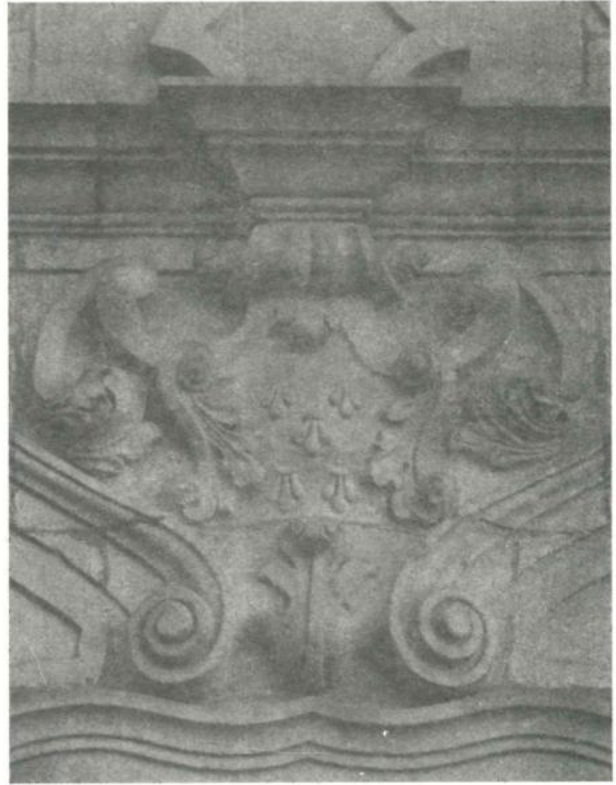
⁽⁶¹⁶⁾ Ver a nota anterior.



144



144 a 146
e 147



145



Localização:

— Capela de S. Francisco ⁽⁶¹⁷⁾. Na portada lateral.

Material: granito.

Época: ano de 1750 ⁽⁶¹⁸⁾.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das corporações religiosas.

Armas, não contidas em escudo, rodeadas de volutas e folhas de acanto.

Leitura:

AS CINCO CHAGAS DE CRISTO

(1)

(1) As cinco chagas de Cristo são frequentes nas edificações franciscanas (*de ouro, cinco chagas de vermelho*).

⁽⁶¹⁷⁾ Nota ⁽⁶¹⁵⁾. Ver os n.^{os} 144 e 146.

⁽⁶¹⁸⁾ Ver a nota ⁽⁶¹⁵⁾.

Localização:

— Capela de S. Francisco ⁽⁶¹⁹⁾. Arco cruzeiro.

Material: granito.

Época: ano de 1750 ⁽⁶²⁰⁾.

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das corporações religiosas.

Escudo, numa cartela decorativa. Coronel de fantasia.

Escudo:

Composição: plena.

Leitura:

AS CINCO CHAGAS DE CRISTO (1)

(1) As cinco chagas de Cristo aparecem com frequência nas edificações franciscanas (*de ouro, cinco chagas de vermelho*).

⁽⁶¹⁹⁾ Nota ⁽⁶¹⁵⁾. Ver os n.ºs 144 e 145.

⁽⁶²⁰⁾ Ver a nota ⁽⁶¹⁵⁾.



146



147

Localização:

— Edifício da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco. Frontaria, — no frontão ⁽⁶²¹⁾.

Material: mármore.

Época: século dezanove (meados da segunda metade).

LIÇÃO HERÁLDICA:

Classificação: heráldica das corporações religiosas.

Escudo em ponta, com chefe de linhas côncavas, assente numa cartela com recortes e rolos de volutas. O escudo rematado pelos símbolos da heráldica franciscana: os dois braços, dextrochero e sinistrochero, este vestido, com as mãos estigmatizadas, passados em aspa, e a cruz latina, — os braços atados com o cordão de S. Francisco, que se afasta, na horizontal, para a direita e para a esquerda, para em seguida, encontrando dois suportes firmados na parede, cair ladeando a cartela. Coroa real.

Escudo:

Composição: partida.

Leitura:

I AS CINCO CHAGAS DE CRISTO
II PORTUGAL

Brasão de armas usado pela Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, de Guimarães.

⁽⁶²¹⁾ O hospital da Ordem Terceira de S. Francisco foi principiado a construir (lançamento da primeira pedra) a 23 de Setembro de 1853 e concluído (colocada a última pedra) a 25 de Maio de 1877 (cf. *Guimarães, — apontamentos para a sua historia*, pelo P.^c António José Ferreira Caldas, vol. II (1881), págs. 217 e 218).

ADITAMENTO AO TOMO II

Pág. 298.

«MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA

Portaria n.º 131/85
de 9 de Março

Atendendo à concordância formulada pela Câmara Municipal de Guimarães, distrito de Braga, e ao parecer favorável da Secção de Heráldica da Associação dos Arqueólogos Portugueses:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro da Administração Interna, que a constituição heráldica das armas, bandeira e selo do referido Município seja aprovada, de harmonia com o disposto no artigo 14.º do Código Administrativo, nos seguintes termos:

Armas — ouro, imagem de Nossa Senhora com o Menino, vestida de vermelho e com manto azul, tudo brocado de ouro, coroas de ouro perfiladas a negro e sobre 2 ramos de oliveira a verde, frutados a negro e atados em ponta, a vermelhõ. A imagem acompanhada em chefe de 2 escudetes a azul, polvilhados de besantes de prata. Coroa mural de 5 torres de prata. Listel branco com as letras a negro «GUIMARÃES».

Bandeira — gironada a branco e verde, cordões e borlas de prata e a verde. Haste e lança de ouro.

Selo — circular, tendo ao centro as peças das armas, sem indicação dos esmaltes. Em volta, dentro de círculos concêntricos, os dizeres «CÂMARA MUNICIPAL DE GUIMARÃES».

Ministério da Administração Interna.

Assinada em 21 de Fevereiro de 1985.

O Ministro da Administração Interna, *Eduardo Ribeiro Pereira*.

(*Diário da República*, I série — n.º 57 — 9-3-1985).»

Pág. 366, linha 16. — Leia-se: 1891.

**Fim do Tomo III
do Volume VII**

LAVS DEO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO NAS OFICINAS GRÁFICAS
DA COMPANHIA EDITORA DO MINHO BARCELOS
AGOSTO DE 1987



biblioteca
municipal
barcelos



15014

Pedras de armas e armas
tumulares do distrito de Braga